

ANJOS PISTOLEIROS

PAUL
McAULEY

Tradução de Fernanda Semedo


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*Devíamos olhar-nos num espelho e sentir orgulho, projectar o peito
e encolher a barriga, dizendo, “Raios, somos americanos!”*

TENENTE-GENERAL JAY GARNER



*Para Georgina
e
para Jack Womack*



PENSILVÂNIA,
JANEIRO DE 1981



São americanos, Adam. Americanos como tu e eu. Americanos que querem libertar a sua terra da tirania comunista. Americanos que arriscam a vida para devolver a independência e a liberdade à sua versão dos Estados Unidos da América. O seu governo poderá não ser o modelo perfeito de democracia, admito-o, mas preservaram a Constituição, mantiveram a chama da liberdade acesa durante cinquenta anos, e o raio é que não merecem o nosso apoio total. E aí estás tu, vestido como um gato-pingado, pronto para os trair.

— Dá-me um desconto, Tom. Sou apenas o mensageiro.

— Ah, sim? Nesse caso, suponho que também estejas só a obedecer a ordens, como aqueles empregados de escritório sem sangue nas veias que tomaram conta da Companhia. Bolas, Adam! Preferia saber que estavas do lado do Jimmy Carter e do seu bando alegre de desistentes. Isso significaria, pelo menos, que ainda acreditavas em alguma coisa.

Os dois homens estavam sentados frente a frente, a uma secretária de metal fornecida pelo governo. Adam Stone vestia sobretudo preto de lã e fato preto, e a pasta que tinha no regaço estava algemada ao seu pulso esquerdo; Tom Waverly, de blusão de couro castanho e uniforme militar, os cabelos a embranquecer presos num rabo-de-cavalo desleixado, passado através da abertura do boné de basebol, segurava uma garrafa meio vazia de *Jack Daniels*. De poucos em poucos minutos passavam camiões que faziam estremecer as paredes de contraplacado do escritório improvisado. Um aquecedor soprava ar quente e cheiro a cabos queimados. Um *mini-system* maltratado retumbava.

— Queres saber o que acho? — perguntou Stone. — Acho que o momento para intervenções cruas como a ESPADA VELOZ já passou. Acho que os chamados Americanos Livres não têm hipótese de ganhar a sua guerra, a não ser que os apoiemos com muito mais do que uma linha de reabastecimento segura. E o país está farto de guerra, Tom, não quer ser

arrastado para outro atoleiro. As eleições foram só por causa disso, caso não tenhas reparado.

— Afinal, *estás* do lado dos desistentes. O Adam Stone tornou-se pacifista. Nunca pensei viver para assistir a este dia.

— E eu nunca pensei que levasses isto de maneira tão pessoal.

— Como queres que leve? Como queres que o general Baines e os seus homens levem? Bolas, Adam, há seis meses que trabalhamos nisto, estamos todos equipados e prontos para partir e, no último momento, apenas umas horas antes do pontapé de saída do espectáculo, dizem-nos que não teremos o apoio táctico de que precisamos. Está bem, admito que não seja propriamente uma surpresa. Carter conquistou o cargo fazendo propaganda contra a guerra, o Senado atrasou a concretização da ESPADA VELOZ até depois das eleições e o Baines esteve toda a semana a receber telefonemas dos conselheiros militares e da Secretaria de Estado. No entanto, continua a ser um acto insensível e covarde, e não sabes como lamento ver-te dar a cara por ele.

Tom Waverly bebeu um trago de *Jack Daniels*. Tinha os olhos vermelhos e olheiras, como se não dormisse há uma semana.

— Como é que as coisas chegaram a este ponto? Aqui estamos nós, dois dos primeiros tipos a serem lançados através de um portal Turing. Os operacionais mais importantes na primeira intervenção para organizar um *coup d'état* numa América alternativa. A queda da Liga Americana? Ensinam-na aos novos recrutas entusiasmados. Nós entramos no raio dos manuais escolares, Adam, e o que é que eles nos puseram a fazer? Tu estás prestes a escrever a pior carta *Dear John* da história e eu passei três meses a dirigir o programa de treino e moral da ESPADA VELOZ. O facto é que as tropas do Baines estavam treinadas e prontas para partir *antes* de atravessarem o espelho. São bons soldados, disciplinados, que não precisam que lhes digam qual é a extremidade da espingarda nem como levar a cabo um ataque completo. E, sem dúvida, não precisam que eu lhes diga que os maus da fita são os comunistas. Aquilo a que chamo o meu programa de treino consistiu em garantir que recebiam refeições quentes três vezes por dia, mostrar-lhes sessões contínuas de filmes e permitir aos seus oficiais acesso a todo o álcool e prostitutas que conseguissem aguentar. O que era muito, acredita. Esses rapazes tinham o sangue tão quente que tive de lhes trazer meninas de tão longe quanto Nova Orleães. Admito que teve a sua piada organizá-lo, mas não é propriamente aquilo a que chamarias verdadeira acção.

— Neste momento, pareces completamente equipado para a acção — notou Stone.

Quando Stone chegara à base da ESPADA VELOZ, Bruce Ellis, o coronel de serviço ao perímetro de segurança, avisara-o de que Tom estava maldisposto.

— O Baines vai demorar algum tempo a organizar uma escolta para te levar ao seu quartel-general — dissera-lhe Bruce. — Enquanto esperas, podes falar com o Tom, tentar acalmá-lo.

Porém, quando Stone o encontrara, Tom já estava com um grão na asa e, desde então, embebedara-se a um ritmo estável, alternando momentos de amargura dilacerante com outros de vociferante bravata. Como se isso não bastasse, não parava de se identificar com os Americanos Livres, dizendo coisas como “*nós* estávamos preparados para partir..”

— Sentes falta, Adam? De estar em acção? — perguntava ele agora.

— Nem um bocadinho.

— Não tentes enganar um aldrabão. Sei que sentes tanta falta como eu. — Recostou-se na cadeira e cruzou as botas no tampo da mesa. As abas do blusão de couro castanho, uma antiguidade raspada, com pêlo nas golas e nos punhos, abriram-se e deixaram ver o revólver Smith & Wesson .357 e a faca de lançar, numa sovaqueira personalizada. — Tu e eu, Adam, não somos o género de gajos que devam acabar a empurrar papéis através de uma mesa, a assinar relatórios sobre programas de auxílio e iniciativas amigáveis e a deambular em campos de golfe ao fim-de-semana, naqueles *buggies*, a dar à língua no décimo nono buraco enquanto esperamos pelo primeiro ataque cardíaco. Não te parece que devíamos fazer as coisas à nossa maneira? Não achas que é melhor arder de uma vez do que ir-se apagando?

— Acho que estás bêbado, Tom. Ficas sempre assim quando bebes de mais.

— Ah, sim? E como é que fico?

— Acima de tudo, sentimental. Lamechas. Olha, não me importava de partilhar essa garrafa contigo e falar acerca dos bons maus velhos tempos, mas primeiro tenho de concluir este trabalhinho. Porque não pegas nesse telefone e descobres para onde foi a minha escolta?

— Chegará a tempo. Tem calma, homem. Relaxa. Não estás no gabinete da Directoria Central de Informações. Aqui é a *minha* casa. Queres uma bebida? Alarga a gravata e toma o raio de uma bebida. Podemos dar à língua e ouvir Bob Dylan até o teu homem chegar.

— Pareceu-me reconhecer a voz — disse Stone, aproveitando a oportunidade de mudar de assunto —, mas não me lembro de nada do género destas canções.

— É um álbum novo. Um amigo passou-me uma cassete à sorrelfa através do espelho e um desses mágicos dos Serviços Técnicos gravou-a em disco. O Bobby também teve uma espécie de crise de meia-idade e virou-se

para o cristianismo evangélico, mas ainda é capaz de se esmerar, quando quer.

— Tem um som muito *funky*.

— *Funky*? Onde é que um tipo tão certinho como tu ouviu uma palavra dessas?

— Acho que foi no feixe de Nixon, daquela vez que trabalhámos juntos.

— Ah, é verdade. Enterraste-te na biblioteca pública de Nova Iorque a fazer a tua investigação sociopolítica e eu tive de andar com aqueles *zippies* ou *yippies* ou lá como raio é que se chamavam a si mesmos. Belos tempos.

— Tom fez um brinde a Stone, com a garrafa, e bebeu um gole. — Diz-me uma coisa, e não mintas. O Bruce Ellis empurrou-te para esta visitinha, não foi?

— Ele disse-me que estavas cá. E, como tenho de esperar por esse maldito acompanhante, decidi passar por aqui e pôr a conversa em dia.

— Coronel Bruce Ellis — entoou Tom, com provocação. — Se bem me lembro, era um tenente novinho em folha quando atravessaram o espelho juntos. Foi a primeira vez para ambos, não foi? Um par de virgens perdidos nos bosques inóspitos desse feixe selvagem. E olha para vocês agora, crescidinhos e a trabalhar para o escritório da DCI, pensando que isso vos dá o direito de se meterem na vida das outras pessoas. Pois bem, não dá. Além disso, não é preciso.

— É a primeira vez que te vejo em mais de dois anos...

— A primeira vez, parece-me, desde que te salvei a vida.

— Não me esqueci. Queres que passe a vida a agradecer-te?

— Já foi suficientemente embaraçoso na altura. Não me debes nada, Adam. Nem sequer penses que *deves*; que tens, de alguma forma, de me compensar.

— O que estou a tentar dizer é que passou muito tempo. Passei por aqui para saber como é que te estão a correr as coisas.

— Bem, acho que podes ver para onde foi a minha carreira... direitinha pelo cano, como a merda do meu casamento. Como é que *isso* correu, muito obrigado por perguntares, é que fiquei com a roupa que trazia no corpo quando saí e com o carro em que me fui embora. A Brenda ficou com a casa e com tudo o resto quando o divórcio foi assinado, ameaça usar os meus discos para fazer tiro ao prato de cada vez que ponho um pé em ramo verde e, agora, o namorado mudou-se lá para casa, o filho da puta manhoso. O cabrão quer que a Linda lhe chame pai, como se fizesse parte da família, mas a Linda não vai nisso. Chama-lhe Robert na cara dele e senhor Brillantina quando está comigo. — A expressão de Tom suavizou-se por momentos. — A minha menina cresceu forte e esperta, Adam. E já não é propriamente uma menina. Faz vinte anos em Abril, quer entrar para a

Companhia assim que se licenciar pela Universidade de Nova Iorque. Podes imaginar a opinião da Brenda.

— Calculo.

A ex-mulher de Tom trabalhava no ramo analítico da Companhia, transformando dados brutos em informação final, pelo que conhecia muito bem as implicações do trabalho dele nas Operações Especiais. As suas tentativas para o persuadir a transferir-se para um cargo mais seguro haviam ateadado uma série de brigas espectaculares e lendárias, que acabariam por resultar em divórcio.

— Ainda sais com aquela fotógrafa? — perguntou Tom. — A Nora-Não-Sei-Quantos?

— Não resultou. Acho que estou a modos que entre relações, neste momento.

— Lamento sabê-lo. Eu sei que não sou nenhum anúncio ao casamento, mas sempre achei que tu darias o perfeito pai americano. Aprumado, trabalhador, leal... talvez seja melhor esquecer o «leal», dada a razão porque estás aqui.

Stone deixou passar esta em branco.

Tom inclinou a cabeça para um lado, enquanto Dylan cantava a atribuição de nomes aos animais no Éden.

— Também acho que soa um bocadinho *funky*, mas seja o que for que o homem decida fazer, é sempre bom. Sempre foi e sempre será. Não se importa com o que os outros pensam. Faz as coisas à sua maneira. — Deu um gole de *Jack Daniels* antes de continuar. — Estes desgraçados vão ser chacinados se não tiverem apoio.

De repente, o seu tom era cansado, sóbrio e triste.

— Não é essa a ideia — disse Stone.

— Talvez não seja. Mas é o que vai acontecer.

Lá fora, soou uma buzina, um toque alto e demorado.

Tom viu as horas.

— Deve ser o tipo que te veio buscar para subirem a colina.

O alívio de Stone foi imediatamente atenuado pela culpa.

— Assim que tiver falado com o general, volto aqui para tomar a tal bebida contigo.

— Isto já cheira mal, Adam. O raio do Jimmy Carter vai deixar os homens do Baines voltarem a atravessar o espelho e cometerem suicídio porque isso é mais fácil do que arranjar uma maneira de retirar e repatriar cinco mil soldados. Sabes o que é que me faz lembrar? A Baía dos Porcos.

— Não conheço.

— Faz parte da mesma história que o *funky* e esta cópia particular do Bob Dylan. Investiga. Uma coisa te posso dizer, a única coisa que apren-

demos com todas as Américas diferentes que encontramos do outro lado do espelho é que não aprendemos nada de nada. — Tom Waverly tapou a garrafa de *Jack Daniels* e pôs-se de pé. — Vamos lá, *compañero*.

Stone hesitou por um momento. Por um lado, precisava de fazer uma entrega politicamente sensível e não lhe apetecia muito ter o Tom por perto nessa altura, não fosse este lembrar-se de fazer uma cena. Por outro, sentia o dever de manter o seu velho amigo sob apertada vigilância, antes que cometesse qualquer imprudência...

— Se queres vir comigo, está à vontade.

— Podes crer. Já não tenho nada para fazer aqui.

A escolta de Adam Stone, o capitão Gene Lewis, era um jovem musculoso, com brilhantes cabelos pretos e olhos escuros e desdenhosos, que conduzia o jipe com uma velocidade imprudente, ultrapassando uma fila de camiões que avançava pesadamente para os armazéns, mal abrandando ao virar para o caminho poeirento que levava à casa rural onde se localizava o quartel-general de Wendell Baines.

Tom sentara-se no lugar do passageiro. Virou-se para Stone, apontando o vasto vale que se espalhava abaixo da serra.

— É qualquer coisa, não é?

Dois portais Turing de nove metros de diâmetro — clones dos primeiros, que haviam sido abertos para o feixe América Livre em Brookhaven, em 1978 — encontravam-se sob um telheiro de metal num dos extremos da enorme pista de cimento onde camiões, veículos semilagarta e tanques ligeiros estavam arrumados em filas apumadas, como se fossem a audiência para o maior *drive-in* do mundo. O Sol baixo de Inverno brilhava através de uma névoa de fumo de gasóleo e, sob aquela luz apocalíptica, soldados aguardando que os intendentess lhes entregassem munições e granadas alinhavam-se diante de um altar de campanha onde um capelão militar erguia a hóstia, ou estavam sentados em redor de braseiras feitas com barris de petróleo, entre pilhas de equipamento.

Na versão da história do feixe da América Livre, os Estados Unidos haviam cedido a uma revolução comunista em 1929 e um grupo de políticos, banqueiros e homens de negócios, privados dos seus direitos, apoiados por elementos leais no exército e na marinha, haviam ocupado Cuba e o Haiti e estabelecido um governo no exílio. A operação ESPADA VELOZ, aprovada pelo presidente Floyd Davis precisamente antes de ser derrotado por Jimmy Carter numa eleição tão renhida que fora necessário recontar os votos em quinze Estados, fora estabelecida para ajudar os Americanos Livres a atacar no coração do comunismo. Isto trouxera uma divisão de tropas da América Livre para o Real atra-

vés de um portal Turing na baía de Guantánamo. Esta fora depois transportada para um acampamento a alguns quilómetros, nos arredores de Gettysburg, onde fora equipada com armamento moderno e treinada para o utilizar.

De acordo com o plano original de campanha, os Americanos Livres reentrariam no seu feixe em Gettysburg e o Real defenderia os Portais Turing e construiria percursos de reabastecimento enquanto eles levavam a cabo uma marcha rápida e pesada através da Pensilvânia e de Maryland, em direcção a Washington DC, para destruir a sede do governo comunista, incitando a um levantamento popular e concedendo uma nova versão da América à Aliança Pan-Americana. Contudo, uma vez que o eixo da campanha de Carter fora a promessa de pôr fim às chamadas guerras pela liberdade que Davis e os três presidentes republicanos seus antecessores haviam promovido através de doze versões da América, e que a diminuição do apoio à ESPADA VELOZ fora o primeiro passo no cumprimento dessa promessa, os Americanos Livres teriam de realizar a sua guerra sozinhos ou voltar à sua versão de Cuba.

— Nós não desistimos — gritou o capitão Lewis a Stone com um sotaque carregado, sobre o ronco do motor do jipe. — Foi com isto que sonhámos durante cinquenta anos. Vocês não honraram a vossa palavra, mas não nos importamos. Lutaremos, de qualquer maneira. Lutaremos e ganharemos.

Tom deu uma palmadinha no ombro do jovem oficial.

— Já viste a coragem deste gajo?

— Se não nos ajudarem, lutaremos sozinhos — concluiu o capitão Lewis. — Que mais podemos fazer?

Atravessaram um posto de controlo para entrar num recinto onde jipes e *sedans* azuis-pálidos com placas militares se encontravam estacionados diante de uma quinta construída em cascalho. Um grupo de soldados trazia do interior da casa pilhas de ficheiros tipo acordeão e sacos de tiras de papel, para alimentar as fogueiras ateadas numa fiada de barris de petróleo. Pedacinhos de papel enrolado esvoaçavam, como neve, no ar frio. A um lado, um pequeno helicóptero preto agachava-se sob as lâminas descaídas.

Tom Waverly disse a Stone que o helicóptero trouxera o Velhote há cerca de uma hora.

— Que faz o Knightly aqui?

O Velhote, Dick Knightly, fora o responsável pela directoria de Operações Especiais do Grupo Central de Informações desde que esta fora criada, em 1968. Perdera o emprego dois dias antes, quando o presidente Carter entrara em funções e impusera a reorganização da Companhia.

— Entregou quatro helicópteros ao Baines — disse o Tom. — Aparelhos agrícolas equipados com lançadores de *rockets* e metralhadoras.

— Bolas, Tom! Pode ser preso por uma artimanha dessas.

— Tem documentos que provam terem sido oferecidos por um patriota abastado. Cuidado com ele — avisou Tom enquanto Stone saltava do jipe. — Poderá querer impingir-te uma história acerca de como nós, os da velha guarda, temos de nos manter unidos, agora que se avizinham problemas. Não acredites numa palavra.

— Deixei as Operações Especiais, não te lembras?

— Pois, e o Velhote foi despedido. Contudo, continua convencido de que pode convocar os seus anjos pistoleiros sempre que precisar de ajuda.

— Que tipo de ajuda? Que anda ele a tramar?

Tom abanou a cabeça.

— Estou a dar-te conselhos de amigo, Adam. Não tentes aproveitar-te.

— Porque não vens lá dentro comigo? O que tenho a fazer não demorará muito. Podemos falar depois...

— Tenho algumas coisas minhas para fazer — disse Tom, dirigindo a Stone uma continência descuidada. Antes que este pudesse dizer alguma coisa, o capitão Lewis puxou o travão de mão e o jipe arrancou a grande velocidade, com os pneus a patinar e a chiar.

Stone ligou a Bruce Ellis do telemóvel, exprimindo-lhe o seu receio de que Tom planeasse fazer algo de espetacularmente estúpido.

— Acabou de partir do quartel-general de Baines com um dos oficiais dos Americanos Livres.

— Não tenho qualquer jurisdição dentro da base — disse Bruce.

— Tens cobertura de câmaras de vigilância. Podes tomar conta dele por mim? Quero voltar a falar com ele assim que tiver terminado com o Baines.

O ordenança do general Baines esperava-o no alpendre, ladeado por dois soldados. Insistiu em revistar Stone, em busca de armas escondidas, e pediu-lhe que abrisse a pasta.

— O que está dentro da pasta é só para os olhos do general Baines — disse Stone.

O ordenança fitou-o e replicou, com um desdém gélido:

— Não preciso de ver, sei o que aí traz.

— Nesse caso, que tal deixar-me fazer o meu trabalho? — disse Stone.

— Ou vamos ficar aqui fora, ao frio, e deixar o seu general à espera?

Com os soldados atrás, seguiu o ordenança para a sala da frente. Nas janelas, as persianas fechadas brilhavam com os restos da luz do Sol. Lâmpadas espalhavam lagos de luz sobre uma mesa coberta de mapas, em redor da qual alguns homens falavam em voz baixa, e sobre a secretária onde um sargento escrevia com dois dedos numa *IBM Selectric*. Uma nuvem cinzen-

ta de fumo de cigarros e de charutos deambulava sob o tecto abaulado, feito de gesso e crina de cavalo. O ar estava quente e opressivo, viciado, transmitindo uma sensação batida de conspirações falhadas.

O general Wendell Baines estava sentado numa poltrona, a um canto da sala apinhada. O homem baixo, de costas direitas, rosto marcado e intensamente bronzeado e cabelo branco cortado à escovinha, vestido com um fato de camuflado bem engomado, perscrutou Stone.

— Já o vi antes, filho — disse, por fim.

— Encontrámo-nos num *briefing* no Departamento de Estado, general. Há duas semanas.

Stone suava dentro do sobretudo, que não podia despir por ter a pasta algemada ao pulso.

— Já me lembro — disse Baines. — Estava com o novo director de Informações, o almirante Turner. A propósito, que tal lhe parece o seu novo patrão? É o homem certo para a função?

— É demasiado cedo para o dizer, general.

— A impressão que retirei do nosso breve encontro é a de que se trata do género de tirano sem imaginação, mais interessado no estado dos talheres da cantina do que no estado de espírito dos seus homens. Bem, acho que temos de despachar isto. Na última semana tive muitas reuniões com membros do seu governo e com as forças armadas, e ainda esta manhã falei ao telefone com o seu almirante Turner, que me confirmou a posição do seu governo e me disse que o esperasse. Informou-me do que traria. Mostre-me por favor. Vamos concluir esta formalidade.

Todos os presentes na sala os observavam. O sargento parara de escrever à máquina e o anterior patrão de Stone, Knightly, estava de pé no vão da porta, magro e teso como uma corda de chicote, com o fato de *tweed* e o colete amarelo que eram a sua imagem de marca. Olhou directamente para Stone, depois inclinou a cabeça e sussurrou qualquer coisa ao jovem musculoso que se encontrava a seu lado.

Stone abriu as algemas, colocou a pasta em cima da mesa de apoio, introduziu as combinações dos cadeados e retirou um grosso envelope creme com o selo presidencial impresso. O ordenança interceptou o envelope e abriu-o com um único movimento lesto, extraiu e desdobrou a folha de papel que continha e, com um bater de calcanhares, entregou-a a Baines.

O general olhou-a.

— Tenho um grande respeito por Floyd Davis — disse a Stone. — É um homem íntegro e de visão. Vê uma cadeia eterna de americanos ligados uns aos outros pelos vossos Portais Turing, cada um deles libertado da opressão, cada um espalhando a sua influência democrática a outras histórias.

Esta operação, que significa tudo para mim e para os meus homens, fazia parte dessa visão. O vosso novo presidente, não o conheço muito bem, mas posso ver que é, pelo menos, um homem de palavra. Prometeu retirar-nos o apoio táctico se fosse eleito, e esta carta confirma-o.

Os homens na sala emitiram uma espécie de suspiro murmurado.

— Pede que consideremos renunciar totalmente à operação. — O general Baines ergueu a voz. Falava para todos os presentes na sala, embora continuasse a fitar unicamente Stone. — Oferece-nos o repatriamento. Direi aquilo que disse ao longo de toda esta semana. Direi que vá para o inferno. Direi que aceitamos ordens do *nosso* presidente, não deste novato sem carácter. E o meu presidente honrou-me com a missão de dirigir os meus homens para a guerra, não de fugir dela.

Alguns dos oficiais começaram a aplaudir. O general silenciou-os erguendo uma mão.

— Sr. Stone, pode dizer ao seu novo director de Informações que atacaremos às 20h00, como foi acordado. Não trairei a lealdade dos meus homens, nem deitarei a perder esta oportunidade. Além disso, já coloquei guerrilheiros em posição. Prepararam-se para abater uma boa parte da força aérea e militar local e estão sob *blackout* radiofónico. Não posso voltar a chamá-los.

Da porta, Knightly disse:

— Os portais serão abertos à hora prevista, general. Carter não tem coragem para cancelar completamente a operação.

— Claro que serão abertos — disse o general Baines. — Somos hóspedes não desejados e essa é a maneira mais fácil de se verem livres de nós.

— Tratarei de que permaneçam abertos tanto tempo quanto possível — disse Knightly.

— É muito amável da sua parte, Dick, e espero que não se meta em problemas por causa disso. Mas não tenciono regressar. — O general Baines olhou para Stone. — Julgo que já tem a minha resposta. Vá transmiti-la ao seu patrão.

O guarda-costas de Knightly interceptou Stone quando este saía da casa, para o informar de que o Sr. Knightly lhe queria dar uma palavrinha.

— Eu e o Sr. Knightly não temos nada para dizer um ao outro.

— Pediu-me para o avisar que era sobre Tom Waverly. — O guarda-costas tinha cerca de mais quinze centímetros de altura e mais quarenta e cinco quilos que Stone e usava um fato preto com camisa branca desabotoada no pescoço.

Stone imaginou o jipe que transportava Tom e o capitão americano livre a descer velozmente a colina em direcção aos Portais Turing, e perguntou ao guarda-costas:

- Como se chama?
- Flynn. Albert Flynn.
- Trabalha para a Companhia, Albert?
- Não, senhor. Demiti-me quando despediram o Sr. Knightly.
- Nesse caso, agora trabalha para ele.
- Sim, senhor. Mas, se me vai perguntar de que é que se trata, não sei.
- O Tom Waverly trabalha para o Sr. Knightly?
- Que eu saiba, não.

A expressão de Albert Flynn era imperturbável.

Stone pensou por um momento, disse a Flynn que falaria com Knightly depois de fazer alguns telefonemas e saiu para o recinto frio, iluminado por holofotes.

Primeiro, falou com Bruce Ellis, depois fez uma chamada codificada para Bud Goodrich, o assistente especial responsável pela desactivação da ESPADA VELOZ. Contou a Goodrich que a carta fora entregue, fez-lhe um resumo da resposta de Baines e informou que o general estava comprometido com a execução da ESPADA VELOZ.

— Podes sair daí — disse Goodrich. — Espero um relatório na minha secretária às nove da manhã, mas não há necessidade de meter palha.

— Há mais uma coisa — disse Stone. — O Dick Knightly está aqui. Estava com o Baines quando entreguei a carta e acredito que trouxe quatro helicópteros modificados para auxiliar a causa dos Americanos Livres.

— Eu sei. Foi um qualquer barão do gado entusiasta que deu a cara pelos documentos.

— Sabes o que é que ele anda a tramar? Está a ser vigiado?

— Está a fazer alarde, procurando ganhar pontos politicamente com a história de cumprir promessas. Não te preocupes com isso, Stone. Não é da tua conta. O teu trabalho está feito.

— Está bem — respondeu Stone, embora soubesse que não era verdade. Albert Flynn aguardava-o no alpendre da casa. Stone dirigiu-se a ele.

— Leve-me ao seu chefe — disse-lhe.

Dick Knightly encontrava-se na extremidade de um declive íngreme nas traseiras da casa, as mãos cruzadas atrás das costas, observando o exército reunido diante dos Portais Turing lá em baixo, no vale.

— Lamento ver-te reduzido a fazer recados para burocratas como Bud Goodrich, cuja única utilidade é aquecer cadeiras — disse. — Mereces melhor.

— Com todo o respeito, senhor, esse foi um golpe baixo — disse Stone.

— É a minha opinião honesta. Sei que passaste um mau bocado na tua última missão para as Operações Especiais e não te censuro por optares por

um emprego fácil no escritório da DCI mas, francamente, filho, dar-te-ias melhor numa companhia de seguros. É o mesmo género de trabalho e, pelo menos, recebias um relógio de ouro quando te reformasses. Por falar em reforma, espero que não estejas demasiado apegado ao teu novo emprego. O Stansfield Turner foi colega do Carter em Annapolis, e foi levado para o seu gabinete apenas por uma razão: cortar-nos as pernas. Diz-se que vai abrir os armários da Companhia e revolver as jóias de família. Operações clandestinas, operações obscuras, ordens executivas, caluniar-nos-ão com tudo o que tivemos de fazer para o bem do Real e de todas as outras Américas. E não creio que a tua nova posição possa livrar o teu rabinho puro como um lírio de um exame aos teus pecados passados. Caso lhe pareça conveniente, Turner atirar-te-á aos lobos sem pensar duas vezes.

— Isso é um aviso, senhor?

— É um bom conselho — respondeu Knightly, extraindo um charuto e um canivete prateado do bolso do peito do casaco de *tweed*, cortando a ponta ao charuto e introduzindo-o na boca.

Lá em baixo, no vale, um dos pares de gigantescos portais Turing abriu-se, a sua boca circular de repente iluminada pela luz reflectida do pôr-do-sol. O familiar zumbido profundo do portão encheu o ar escuro e aumentou a ansiedade de Stone, mas sabia que não valia a pena perguntar directamente por Tom Waverly. Knightly abordaria o assunto quando e se lhe desse na gana. Então, ultrapassou a impaciência e aguardou tranquilamente, enquanto o seu antigo patrão voltava a introduzir o canivete no bolso e retirava um isqueiro *Zippo* do 2º de Infantaria, o abria e banhava na sua chama a ponta do charuto. Perdera o dedo mindinho e o anelar da mão direita no gelo, durante a Batalha de Moscovo. Tal como muitos seniores da Companhia, era veterano das Campanhas Russas.

— Devo ter visto centenas de portões abertos — disse Knightly —, mas ainda me põem o sangue a ferver.

— Pensava que só começaria às oito horas.

— A essa hora atravessará a força principal. Mas os portões têm estado todo o dia a abrir e a fechar, recuperando batedores e enviando destacamentos avançados.

Um jipe saiu disparado do espelho vermelho-sangue e travou brusca-mente ao fundo da rampa. Do outro lado do portão, numa versão alternativa da América sob o governo comunista, um observador teria visto o mesmo veículo desaparecer num brilhante círculo de luz suspenso do nada. Um momento depois, o espelho desapareceu como uma bola de sabão rebentada e o zumbido grave que fazia estremecer o terreno foi-se desvanecendo, enquanto os técnicos devolviam o portal Turing ao estado de repouso.

— Pobres infelizes — disse Knightly. — Passaram cinquenta anos no exílio, esperando que o governo comunista caísse para poderem voltar a casa. E então, nós aparecemos do nada e oferecemos-lhes a oportunidade de combaterem directamente os comunistas, com a garantia de que, se as coisas corressem mal, podiam desaparecer na nossa realidade, reorganizar-se e tentar de novo. Quem pode resistir a uma proposta destas? Fomos a resposta às suas orações. Então, fizemo-los atravessar o espelho, armámo-los, treinámo-los e ajudámo-los a recolher informações e a elaborar uma Ordem de Batalha credível. Em seguida, quando estão entusiasmados e completamente preparados para partir, viramo-nos e damos-lhes um pontapé no rabo.

Chupou o charuto, observando o exército formado ao crepúsculo, sob a luz dos holofotes.

— O Baines é um soldado excepcional, mas não é como o George Washington no Valley Forge. Não está a tentar desalojar um poder colonial que ultrapassou os limites, mas sim a ir mano a mano com um governo entrincheirado, que exerce controlo completo sobre uma nação inteira. Mesmo que ele e os seus homens consigam camuflar-se no campo e iniciar uma campanha de guerrilha, não me parece que resulte daí grande coisa.

— Se houver uma coisa possível de acontecer no multiverso, ela acontecerá algures.

— Não vale a pena citares-me isso, filho. Devo ter sido eu que inventei esse pequeno *bon mot*, para arrancar financiamentos ao Senado, o que não quer dizer que acredite nele. Oh, não estou a negar a possibilidade de a ESPADA VELOZ dividir a história em centenas de feixes distintos, nem de Baines derrotar os comunas num ou dois, mas não o fará na maioria. Os maus resultados superarão os bons. A soma da felicidade humana diminuirá. — Knightly soprou uma nuvem de fumo para o ar frio e escuro. — Acompanhaste as eleições?

— Sei quem ganhou, senhor.

— Tratou-se de uma verdadeira competição entre tese e antítese. O Davis é um visionário; o Carter, um oportunista. O Davis apoia a expansão contínua, localizando novos americanos necessitados de ajuda e esclarecimento, entrando em guerra para lhes conceder a liberdade que merecem, transportando a chama da liberdade para cada canto do multiverso conhecido. O Carter quer pôr um ponto final naquilo a que chama aventureirismo militar, na exploração de tudo o que não sejam os chamados feixes selvagens. A diferença é tão evidente como a do dia e da noite, da direita e da esquerda, do bem e do mal. Sabes quem apoiei?

— Não me parece que tenha sido o Carter.

— A verdade é que acho que ambos estão errados. Carter está errado ao defender o fim da exploração, Davis está errado quanto ao uso da força militar para expandir a nossa influência. A guerra é um instrumento contundente, é cara e, se as coisas correrem mal, acarreta enormes custos políticos. Em resumo, como Davis descobriu tão recentemente, nenhum governo democrático é capaz de manter um estado de guerra permanente. O que é triste é que as coisas nunca deviam ter chegado a este ponto. Não precisávamos de ter travado aquelas guerras todas. Sempre defendi que a melhor maneira de derrubar um governo era através de actividades secretas. Bastam alguns homens como deve ser, aplicando força no lugar certo, para se fazer seja o que for. E, em caso de fracasso, ninguém precisa de saber. Foi assim que começámos, é o que a Companhia sabe fazer melhor, era o que devíamos estar a fazer neste momento. E tu, filho? Ainda sentes entusiasmo? Ainda estás pronto a entregar a tua vida pelo teu país?

— Se eu fosse ingénuo, senhor, pensaria que tentava recrutar-me para qualquer actividade secreta — disse Stone.

Knighly fitou-o directamente, o mesmo olhar de pálpebras baixas que Stone enfrentara a primeira vez que se apresentara ao serviço no quartel-general improvisado da recém-criada Directoria de Operações Especiais, cerca de catorze anos antes. Marsha Mason, a única mulher no primeiro lote de oficiais de campo das Operações Especiais, comparara este olhar a uma radiografia à alma.

— Tu foste sempre o espertalhão, Adam. Não eras o mais inteligente do meu grupinho de anjos pistoleiros, nem pensar, mas eras o mais sábio. Na verdade, *preciso* da tua ajuda, embora não seja para uma operação, secreta ou não. Não, o que quero, é que vás em auxílio do teu amigo Tom Waverly, que atravessou o espelho há cerca de meia hora com uma das unidades avançadas... Não pareces surpreendido.

— Falei com o Tom antes de vir para cá. Como tinha a certeza de que ele tentaria algo desse género, pedi à segurança do perímetro que ficasse de olho nele.

— Ah, pois, o teu velho amigo, o coronel Ellis. — A boca de Knighly abriu-se num sorriso em volta do charuto. — O mundo é pequeno, não é? Que dirias se te desse a oportunidade de ires atrás do Tom para o trazer de volta?

— É uma ordem, senhor?

Stone sentia grande dificuldade em dissimular o alívio. Quando Bruce Ellis lhe dissera que Tom atravessara o espelho, decidira imediatamente tentar resgatá-lo das consequências daquela estúpida bravata, nem que isso significasse persegui-lo em pleno campo de batalha. Concordara em falar

com Knightly apenas porque precisava de toda a ajuda possível e suspeitava de que o Velhote tinha as suas próprias razões para o salvar.

— Tu já não trabalhas para as Operações Especiais — disse Knightly — e eu também não; como poderia dar-te uma ordem? Aquilo que *estou* a dar-te é a possibilidade de salvares a vida do homem que *te* salvou a vida. Não poderás atravessar enquanto o Wendell Baines não tiver conduzido toda a sua tropa para a batalha mas, desde que o Tom se mantenha com aquela unidade avançada, sei exactamente onde encontrá-lo. Podes levar o Albert, é um tipo útil num aperto, e eu garantirei que pelo menos um dos portais fique aberto até ao vosso regresso. Que te parece? Alinhas?

O discurso do general Baines às tropas foi curto e contundente. Citou Shakespeare, a velha história do discurso de Henrique V na véspera do dia de S. Crispim. Realçou o facto de Gettysburg distar apenas alguns quilómetros e informou as tropas de que estavam a acender uma chama de liberdade que erradicaria as nefastas acções dos comunistas da sua terra natal.

Stone observou a actuação do general através de um monitor, na caravana *Airstream* que alojava uma das equipas de vigilância de Bruce Ellis. Este falava ao telefone num cubículo no outro extremo, apertado entre a casa de banho química e o canto que servia de cozinha, onde uma cafeteira fervia em lume brando. Meia dúzia de técnicos em cadeiras com rodinhas debruçavam-se sobre teclados e monitores de CCTV. Num destes, Stone vira imagens do pelotão avançado a atravessar um dos portais Turing. O capitão Gene Lewis era o condutor do jipe da frente. O homem a seu lado, no lugar do passageiro, usava um blusão castanho de couro, com pêlo, e um boné de baseball enterrado até ao rosto.

No final do discurso, Baines recebeu um grande aplauso. Um clarim executou a carga de cavalaria; várias centenas de motores aceleraram, cuspidando plumas de fumo negro para o ar iluminado por holofotes. Por um longo momento, nada mais aconteceu. Então, a luz dos holofotes ao longo da pista diminuiu, o ar encheu-se de um ruído surdo, como o que o eixo giratório do mundo poderia produzir, e os espelhos dos dois portais Turing abriram rapidamente, devolvendo o reflexo dos faróis dos veículos defronte deles.

Bruce Ellis estendeu a Stone uma caneca de café.

— Acho que ainda o tomas sem leite.

— Descobriste quanto tempo os portões ficarão abertos?

— Ainda tenho de telefonar a algumas pessoas. Espera aí — respondeu Bruce, voltando ao cubículo.

Stone bebericou o café, observando uma estante de monitores que mostravam perspectivas diferentes de duas filas disciplinadas de veículos a

atravessar o par de portais. O café era bastante bom, mas queimava-lhe o estômago nervoso como se fosse ácido e não conseguiu acabá-lo. Dois a dois, os veículos encaminhavam-se para os espelhos prateados dos portões e eram engolidos pelos seus reflexos. Faltava apenas uma dúzia de pares de camiões quando Bruce surgiu novamente do corredor estreito ladeado pelos aparelhos e pelas estantes de monitores e sistemas electrónicos.

— Fui informado de que o Knightly tem estado a puxar os cordelinhos na sede da Terceira Divisão. Devíamos fechar os portões assim que o último homem do Baines os atravessasse, mas o Knightly conseguiu que ficassem abertos por mais três horas. Será tempo suficiente?

— Acho que sim. Se o Tom não estiver onde se espera que esteja, volto imediatamente.

— Se vais entrar em combate, tens de te equipar — disse Bruce. — Começa por tirar esse belo fato.

Stone ficou em roupa interior e vestiu um fato-macaco de caqui e um colete à prova de bala com placas de cerâmica à frente e atrás. Pediu um par de botas de combate emprestadas a um dos técnicos; Bruce arranjou-lhe uma parca verde-azeitona forrada a pêlo de lobo, um capacete de resina composta forrado de *kevlar*, uma Browning *Hi-Power* e uma automática de bolso .22 com coldre para o tornozelo.

— Como tu próprio me disseste uma vez, deves sempre levar uma reserva para Território Índio — disse Bruce. — É pequena, mas dispara projecteis de ponta oca a alta velocidade, com grande poder derrubante.

— Obrigado, Bruce. Devo-te muito.

— Essa parca é *vintage*. Se a sujares de sangue, não te dês ao trabalho de regressar.

Stone levou para fora um capacete e um colete à prova de bala sobresalentes. Albert Flynn estava encostado à capota do jipe que requisitara, fumando um cigarro. Stone entregou-lhe o equipamento de combate.

— Você assume o volante, eu digo-lhe exactamente aonde deve ir.

— Tem experiência de combate? — perguntou Stone.

— Cinco anos nos *marines*. Sou capaz de me safar.

— Em que posto?

— Sargento.

— Que fique claro, sargento Flynn: quem manda sou eu. Se isso não lhe agrada, poderá ficar aqui.

— Nada disto me agrada — disse Flynn. — Porém, tenho ordens, exactamente como o senhor.

— Ninguém me mandou fazer isto. Faço-o para ajudar um velho amigo.

— Esse tipo salvou-lhe mesmo a vida?

— Uma vez, num lugar longínquo.

Stone conduziu o mais depressa que pôde, descendo a estrada que ia dar ao vale e atravessando a pista vazia e iluminada por focos na zona de armazenagem. Travou e reduziu a mudança enquanto o jipe subia a rampa larga, e foi-lhe impossível não sustar a respiração quando o arco do portão lhe passou por cima da cabeça como uma foice. Seguiu-se o habitual momento de escuridão absoluta, como se cada neurónio do seu cérebro tivesse entrado em curto-circuito e, então, o jipe aterrou com estrondo num leito de malha de aço estendido sobre a lama.

Estavam do outro lado do espelho, numa América governada por um Estado comunista monolítico, um feixe onde o curso da História divergira do Real há mais de cinquenta anos.

Stone atravessara o espelho mais vezes do que se queria lembrar. Estava habituado à ideia de mudar de uma paisagem para outra num só passo. Porém, era a primeira vez que aterrava directamente no meio de uma guerra.

Os portões haviam sido abertos no centro de uma quinta colectiva. Os seus dois círculos prateados estavam suspensos lado a lado, sem qualquer meio de suporte visível. O nível térreo aqui era um pouco mais alto do que no Real e via-se o traçado em linhas rectas das arestas inferiores. Um grande lamaçal estendia-se na escuridão, marcado por trilhos de veículos. A noite parecia mais fria do que no Real, mas talvez fosse apenas a imaginação de Stone. Um grupo de edifícios ardia na serrania sobranceira ao vale. O céu negro era intermitentemente iluminado por enormes relâmpagos vermelhos. O crepitar de armas de fogo ouvia-se, vindo de vários pontos à distância.

Enquanto Stone passava pelos transportadores vazios que haviam atravessado os portais com os helicópteros de Dick Knightly, Flynn procurou debaixo do banco e puxou um rádio com antena chicote. Comunicou o sinal de chamada do pelotão do capitão Lewis e pediu uma actualização, repetindo a pergunta três vezes sem obter resposta, premindo depois botões de canais até que alguém respondesse. Após uma breve conversa, falou com Stone.

— O tipo com quem falei encontra-se com a coluna principal. Estão sob fogo pesado a apenas alguns quilómetros, num lugarzinho chamado Catocin Furnace. Ninguém ouviu nada sobre o pelotão do Lewis.

— Esperemos que ainda esteja onde deve estar. Indique-me a direcção correcta, sargento Flynn.

— Está a ver aquele maciço de árvores?

Ficava na orla dos imensos campos, uma silhueta visível à luz de uma pequena fogueira.

— Suponho que haja ali uma estrada rural que leva directamente a uma via-férrea — disse Flynn. — O pelotão do Lewis deve estar aí abrigado.

Do outro lado do maciço de árvores, encontrava-se um jipe a arder. No meio da estrada, era um cálice de chamas amarelas e homens mortos jazendo por todo o lado, alguns de camuflado, outros com pesados casacos de lã. Enquanto Stone passava por eles, um avião rugiu por cima das suas cabeças e algo desceu a guinchar e explodiu na serrania, iluminando completamente o vale. Stone encolheu-se quando o jipe foi abalado por uma sólida pancada de ar e bolas de terra quente estalaram por todo o lado.

— Pensava que os guerrilheiros tinham sabotado os campos de aviação locais — disse. Ouvia campainhas e parecia-lhe falar debaixo de meia milha de água.

— Parece que esta coisa se vai desfazer — disse Flynn. — Era melhor pôr este monte de porcaria a andar. Sinto-me um bocadinho vulnerável, aqui parado.

Stone conduziu o mais depressa que se atreveu ao longo da estrada escura, de faróis apagados. Subiu uma pequena elevação, desceu e avistaram-se luzes em frente, cintilando através de uma tela de árvores sem folhas, movendo-se de um lado para o outro ao longo de um comboio de vagões de gado parado numa linha férrea de via única. Soldados empurravam as portas das carruagens e gritavam para os homens apinhados lá dentro, dizendo-lhes que saltassem para fora, que estavam livres. O volume sólido de uma locomotiva encabeçava o comboio, lançando nuvens de vapor das junções dos pistões e uma grande estrela vermelha espalhava-se sobre o flanco rebitado da cisterna. Um pequeno grupo de pessoas aglomerava-se junto da cabina. Soldados, três homens vestidos de fato-macaco com peitilho — Stone calculou que fossem funcionários do comboio — e um homem forte com um blusão de couro, com pêlo.

Stone mandou Flynn imobilizar-se e ambos estacaram, mantendo as mãos à vista, enquanto o capitão Lewis e três soldados se dirigiam ao jipe. Tom Waverly seguia-os. Perdera o boné de basebol e tinha uma ligadura em volta da cabeça, manchada de sangue por cima da orelha direita, mas estava alegre e animado.

— Chegaste mesmo a tempo, Adam — disse. — Vamos usar este comboio para flanquear o inimigo e penetrar nas suas linhas.

O capitão Lewis tirou a Browning do coldre de Stone, mandou-o pôr as mãos na cabeça e dar um passo atrás.

— Que pensa que está aqui a fazer?

— E o senhor, capitão, que *estava* a pensar, deixando o Sr. Waverly vir para aqui consigo?

Do outro lado do jipe, Flynn dizia aos dois soldados que o revistavam que fossem com calma, estava do lado deles.

— Somos amigos — disse o capitão Lewis. — Ele pediu-me um favor, acha que devia recusar?

— Se fosse mesmo seu amigo, sim, devia.

Tom pôs uma mão no ombro do capitão Lewis.

— Deixe-me tomar conta dele, Gene.

— Vai responsabilizar-se por ele?

— Pode crer.

— Nesse caso, terá de se responsabilizar também pelo amigo do Sr. Stone. Se ele tentar alguma coisa, o seu amigo morre.

— Espere lá um minuto... — interveio Albert Flynn.

— Partirei dentro de dez minutos, aconteça o que acontecer — disse o capitão Lewis a Stone. — Vocês entendem-se um com o outro?

— Capitão, estou aqui para falar com o meu amigo, não para arranjar problemas.

O capitão Lewis correspondeu ao olhar de Stone por um momento, depois virou-se e voltou para junto da locomotiva, seguindo os soldados que escoltavam Flynn sob a ponta das armas.

— Vamos levar este comboio até Washington. Vai ser divertido à brava — disse Tom.

— Não farão nem sete quilómetros. — Os ouvidos de Stone ainda retiniam. Nada lhe parecia propriamente real e tinha a sensação claustrofóbica de que o tempo passava demasiado depressa, via a janela estreitar antes de os portões se fecharem e imaginou-se a ficar ali preso para sempre.

— Faremos o caminho todo, companheiro — disse Tom.

— Vais direitinho para o inferno se não voltares comigo.

— Atravessaste o espelho porque quiseste, Adam, porque é que não o admites? Confessa que sentes falta da acção.

— Atravessei o espelho para te pedir que voltes comigo, Tom. Esta guerra não é nossa e tu sabes disso.

— Deixa-me mostrar-te uma coisa — disse Tom, conduzindo Stone ao longo do comboio.

Os soldados puxavam homens para fora dos vagões de gado. Estes estavam presos aos pares por algemas de pulso, soldadas a pequenas barras de ferro, ou agrilhoados em grupos de quatro ou cinco. Soldados dentro das carruagens empurravam-nos para a porta aberta. Os soldados na linha esticavam-se, agarravam-lhes as pernas e puxavam-nos para baixo. Os homens estatelavam-se, tentavam levantar-se e outros homens tombavam por cima deles. Os soldados trabalhavam numa azáfama, arrancando ho-

mens dos recessos das carruagens, gritando-lhes, empurrando-os para fora. Um soldado desferiu um pontapé certo nos testículos de um homem e este caiu ao chão, arrastando os outros quatro que estavam agrilhoados a ele. Os homens tombavam das carruagens e ficavam empilhados no chão. Só alguns conseguiam pôr-se de pé. Os soldados praguejavam e tentavam afastá-los do caminho, mas eles davam alguns passos e voltavam a estacar, piscando estupidamente os olhos.

Stone agarrou no braço de um soldado que se preparava para bater num homem esquelético com a ponta da espingarda e empurrou-o.

— Quem são estes homens? Escravos?

— Presos políticos. Lembras-te da Liga Americana? Isto é pior — disse Tom, segurando pelos ombros o homem que Stone salvara e virando-o.

O homem usava uma camisa esfarrapada e calças sujas que acabavam em tiras em volta da barriga das pernas. Estava descalço e apresentava vergões em torno dos pulsos e dos tornozelos. Tresandava. O olhar dele fugia de um lado para o outro, não se detendo em nada nem em ninguém por mais de um segundo. Parecia prestes a fugir a qualquer momento, se ao menos soubesse como fazê-lo.

Tom tirou uma lanterna do bolso do blusão de couro, acendeu-a e apontou-a à cara do homem. Os seus dentes eram negros de podridão e não tinha língua, apenas um toco que lhe saltava como uma rã no fundo da boca.

— Os comunas cortam a língua aos presos políticos e lobotomizam-nos, ou tratam-nos com sedativos para os tornarem dóceis — explicou Tom. — Fazem-nos trabalhar em fábricas, fundições, minas, quintas. Só duram um ano ou dois, mas há sempre prisioneiros novos. É esta a razão de tudo isto, Adam. É isto que vamos destruir.

Deu uma palmadinha nas costas do homem e disse-lhe que podia ir, que estava livre, mas o homem limitou-se a ficar ali, fazendo um estúpido sorriso lisonjeador.

— Então, e os escravos que os Americanos Livres usam nas suas quintas e plantações em Cuba? Também vão libertá-los? — perguntou Stone.

Tom tirou uma garrafinha do bolso do blusão de couro.

— Sabes o que é que devíamos ter feito aqui? Devíamos ter trazido umas bombas nucleares para colocar bem no centro de Washington. Os comunas não têm armas nucleares. Se fizéssemos explodir Washington e lhes disséssemos que Nova Iorque e São Francisco iam a seguir, desabavam no mesmo dia.

Stone abanou a cabeça quando Tom lhe ofereceu a garrafa.

— Cometer uma atrocidade para pôr fim a outra... é assim que se ganha uma guerra?

— Olha à tua volta. Olha para estes malditos desgraçados! O raio do país inteiro é uma atrocidade.

Os dois homens estavam frente a frente na obscuridade, enquanto soldados arrastavam homens para fora dos vagões de gado. Gritos, o som de canos de espingarda a bater em carne e osso. Stone inspirou fundo, colocando uma mão no ombro de Tom.

— Queres fazer uma coisa útil? Volta comigo. Diz-me por que razão o Velhote precisa de ti.

Tom sacudiu a mão de Stone.

— Não percebes nada de nada, pois não? Porque estou aqui? O Velhote fez-me o tipo de oferta que não se pode recusar.

— Se estiveres em sarilhos, Tom, juro que farei tudo o que me for possível para resolver as coisas.

— Estou melhor aqui. É preferível arder de uma vez do que ir-me apagando, irmão.

Fitaram-se por momentos. Tom Waverly, teimoso como uma mula, Adam Stone, zangado e frustrado. Os disparos recomeçaram algures para além da máquina do comboio, o ruído seco das espingardas, o pesado matraquear de metralhadoras. Balas chispavam de encontro à caldeira, de encontro às rodas motrizes raiadas. Tom correu na direcção da locomotiva e Stone correu atrás dele, sob o rugido de um novo avião. Os soldados respondiam. Stone viu o capitão Lewis aproximar-se dos três homens de fato-macaco que ajoelharam no chão, viu-o atingir dois com tiros na cabeça, um após o outro, e viu-o arrastar o terceiro para o pôr de pé e empurrá-lo na direcção da cabina da locomotiva. Albert Flynn estava ao lado da locomotiva, as mãos erguidas à altura dos ombros, dois soldados apontando-lhe as espingardas.

O avião passou-lhes quase por cima da cabeça, sacudindo as árvores sem folhas. Subiu, voltou atrás e investiu novamente. Os soldados do capitão Lewis lançaram uma rajada de disparos e as armas do avião relampejaram ao longo das asas, escavando longos sulcos na planura. Desapareceu novamente, descrevendo mais uma curva na escuridão enquanto balas erráticas atravessavam a noite.

Tom Waverly correu para um jipe e ergueu um grosso cilindro do banco de trás — o tubo de lançamento de um míssil inteligente M-288, completamente proibido aos residentes de qualquer feixe. Sem dúvida, mais um presentinho de Knightly. Tom abriu o tubo atrás e à frente e pô-lo aos ombros, e Stone puxou a .22 do coldre do tornozelo e gritou o nome de Tom.

Tom sorriu-lhe.

— Não terá grande efeito contra um avião, mas aprecio o teu gesto.

— Está na hora de ir para casa, Tom. Vem comigo.

— Vai-te foder — respondeu Tom, atirando o tubo de lançamento a Stone e procurando o revólver no interior do casaco.

Stone atingiu-o no ombro direito e avançou a correr quando Tom caiu de joelhos; golpeou-o na ponta do queixo e deixou-o inconsciente.

O avião fez mais uma passagem ruidosa. Qualquer coisa tombou com um assobio penetrante, as chamas irromperam do outro lado da locomotiva e uma rajada de ar quente atirou Stone ao chão. Demorou um bocadinho a pôr-se de pé. A locomotiva jorrava vapor da caldeira partida. A maior parte dos vagões de gado ardiam. Alguns soldados e prisioneiros agitavam-se, mas a maioria estava imóvel. Stone viu Albert Flynn acocorar-se sobre um corpo e sacar de uma espingarda, viu um soldado disparar e levantar poeira em torno do homem corpulento, viu este rodopiar e cair de borco.

Stone pousou as mãos sob os ombros de Tom e içou-o para o banco traseiro do jipe. Alguns soldados saíam a cambalear da nuvem de fumo e de vapor. Um deles era o capitão Gene Lewis.

O jovem oficial estava coberto de poeira e de fuligem, sangrava do nariz e das orelhas, mas apontava a pistola directamente a Stone. Gritou algo que se perdeu no bramido dos jorros de vapor e no retinir dos ouvidos de Stone, e disparou. A bala estilhaçou o pára-brisas do jipe e Stone tirou a faca de Tom da sovaqueira e atirou-a em arco. O capitão Lewis deu um passo, procurando com a mão o cabo da faca que lhe saía do peito, antes de tombar.

Stone deslizou para trás do volante, ligou o jipe e descreveu uma curva em U, fazendo soldados saltar de um lado para o outro. Qualquer coisa de grandes dimensões ardia a cerca de um quilómetro e meio de distância e, mais além, a artilharia pesada iluminava o horizonte, trovejando sob o céu negro. Stone rodeou o jipe a arder e passou por cima de uma cerca caída. Um dos portais Turing ainda estava aberto, um círculo de magnífica luz prateada a brilhar ao fundo da pista, como uma lua suspensa. Stone acelerou, detectou uma cratera fumegante que bissectava a vista, circundou-a e atolou-se na lama. Tomou o peso morto do amigo nos braços, caminhou pesadamente em torno da cratera e dirigiu-se ao brilho do portão.

Relâmpagos negros brilharam-lhe dentro do crânio e, de repente, atravessava uma rampa larga, iluminada por holofotes. Dick Knightly esperava-o ao fundo desta, diante das portas abertas de uma ambulância militar. Stone passou a cambalear pelo seu antigo patrão e deixou que dois médicos lhe tirassem Tom dos braços. Quando se virou, Knightly estava mesmo atrás dele, fazendo-lhe uma pergunta. Teve de a repetir três vezes para se fazer entender; os ouvidos de Stone ainda retiniam.

— Onde está o meu homem? Onde está o Albert?

— O Albert está morto. Um dos soldados do capitão Lewis deu-lhe um tiro. Se quiser o corpo dele, terá de o ir buscar — disse Stone, passando de supetão por Knightly e atravessando a plataforma vazia da pista.
Atrás dele, o espelho do portal Turing fechou-se.



PARTE UM

BLUES PARA A TERCEIRA
GUERRA MUNDIAL



Quando a Companhia veio procurá-lo, Adam Stone lavrava o estreito meio acre onde colhera o milho há algumas semanas. Em tronco nu, velhas calças de ganga e um chapéu de palha esfiado, conduzindo a canga de um arado atrás de uma mula lenta, ouviu o barulho e divisou um jipe a atravessar rapidamente a serra por trás dos pequenos talhões de terra. Era um velho *Willy M-38*, e o ruído do motor radial refrigerado a ar era como o de um avião voando a baixa altitude numa incursão de bombardeamento, arrastando uma longa cauda de poeira pelo caminho picado a que todos chamavam Broadway, por se situar aproximadamente na localização da Broadway no Real, na Manhattan real, na América real, e que levava ao renque de árvores que davam sombra à cabana de madeira caiada da quinta.

Enquanto Stone soltava a mula para que pastasse à vontade, Petey galgou o muro de pedra irregular no extremo do terreno. Um rapazinho robusto, de cabelos de palha, vestido de jardineiras, correu atabalhoadamente através dos restos dos talos de milho não lavrado, gritando sem fôlego que um soldado viera visitá-lo.

— Eu vi-o.

Stone ergueu Petey, colocou-o às cavalitas e dirigiu-se à cabana. O rapaz cruzou as pernas em torno do pescoço de Stone e colocou-lhe as mãos na coroa do chapéu.

— Veio desde o portal até aqui.

— Não duvido.

— Só para te visitar. Posso guiar a carroça dele?

— Acho que se chama jipe.

— Posso guiar o jipe dele?

— Tens de pedir à tua mãe. — Stone ergueu Petey por cima da cabeça e sentou-o no muro. — E é melhor que te apresses. Depois de eu falar com ele, tenho a certeza de que voltará imediatamente para o sítio de onde veio.

O jipe estava parado num carreiro estreito atrás do celeiro vermelho, perto do monte de esterco onde inchavam os pepinos, entre um emaranha-

do de folhas e parras. A pintura verde-azeitona e a estrela branca na capota não deixaram dúvidas a Stone, que sentiu o estômago às voltas quando viu o homem, em uniforme do exército, sentado com Susan à mesa de piquenique junto da porta das traseiras da cabana. Era David Welch, um dos anjos pistoleiros originais.

Stone vestiu uma camisa e conduziu Welch para a margem pantanosa. Não queria falar de assuntos da Companhia perto de Susan e de Petey.

— É um lugar agradável — comentou Welch. — Devia ter passado por cá mais cedo.

— Ainda bem que não passaste.

— Um miúdo simpático, também. Quantos anos tem?

— Fez seis.

— *Hum*. Tu vieste para aqui há dois anos, acho eu. Assim que deixaste a Companhia.

— Estás a pensar quem é o pai dele — disse Stone. — O Jake morreu em Fevereiro. Num acidente de caça.

Era o amigo e sócio de Stone. Andava a caçar patos nos pântanos salgados do lado oriental da ilha, e caíra num ponto de gelo fino, partindo uma perna na zona da coxa. Perdera a espingarda e o telemóvel, não conseguindo pedir ajuda, nem voltar para o barco. Susan reunira os vizinhos e organizara uma busca quando percebera que o marido estava atrasado, mas os lobos encontraram-no primeiro. Matara dois com a faca, antes de os restantes o matarem.

— Que duro para o miúdo, perder o pai assim tão pequeno — lamentou Welch.

— Pois.

— Então, como é que tu entras nisto?

— Conheci o Jake quando ele estava no exército, no feixe da Liga Americana. Convidou-me para ser seu sócio no negócio de caça quando me mudei para aqui. Neste momento, eu e a Susan estamos a tentar mantê-lo em funcionamento e vou ajudando com os trabalhos na quinta.

Welch olhou-o de lado.

— A tua jovem e bela viúva conhece o teu passado cheio de animação, Adam? Tens-lhe contado histórias para passar o serão?

O desconforto de Stone aumentou subitamente.

— Nem sequer sabe que trabalhei para a Companhia. Estava na clandestinidade quando conheci o marido dela.

— Eras major numa das empresas de auxílio humanitário, de acordo com a tua ficha. Conquistando mentes e corações com bolachas e queijo. Manténs esse disfarce aqui?

— Que é isto, Welch? Uma verificação de segurança? Mesmo que as pessoas daqui soubessem que trabalhei para a Companhia, o que não acontece, não tenho segredos que valha a pena guardar. Pelo menos, depois do processo da Comissão Eclesiástica.

Saíram da zona arborizada e o Sol bateu-lhes na cara. Era um daqueles dias perfeitos de Outono, o Sol dourado num céu sem nuvens, uma brisa fresca do Hudson atravessando as copas das árvores, quando tudo parecia purificado.

Welch protegeu os olhos e perscrutou o panorama de vegetação pantanosa, rio e céu azul. Era um homem alto, de ombros encurvados, rosto inteligente e muita lábia. As calças e o blusão de caqui estavam bem engomados e as botas de combate eram novinhas em folha. O nó da gravata estava centrado com grande exactidão sobre o primeiro botão da camisa verde. Inspirou profundamente antes de falar.

— Este ar é fantástico. Podes senti-lo a fazer-te bem até ao fundo dos pulmões. Quantas pessoas vivem aqui?

— Cerca de cento e cinquenta na ilha, talvez vinte mil ao longo de toda a costa leste, principalmente veteranos e vencedores das lotarias de povoamento. Há o negócio de petróleo habitual no Texas, no Oklahoma e no Alasca, a habitual exploração das reservas de ouro, prata, cobre e urânio mas, tirando isso, é bastante primitivo. Existia uma prisão de segurança máxima perto de First Foot, mas o Carter fechou-a e vamos conseguindo manter reservas e ranchos industriais, assim como megalómanos ricos que querem criar impérios pessoais.

— Julgo que exploraste a área em 1967. Da primeira vez que atravessaste o espelho.

— Eu e umas quantas brigadas entusiasmadas de *Rangers*. Fizeste este caminho todo para falar dos bons velhos tempos, David?

Tal como Stone, Welch fora um dos operacionais das Operações Especiais. Um dos anjos pistoleiros de Dick Knightly. Servira algum tempo na 82ª Aerotransportada antes de entrar para a Companhia, mas preferia a administração à acção no terreno. Andava a lavar dinheiro sujo na Directoria de Gestão Financeira quando Knightly o recrutara e, depois de cinco anos nas Operações Especiais, mudara para a Directoria de Apoio Diplomático. Ficara incólume quando a investigação exaustiva da Comissão Eclesiástica revelara provas das operações clandestinas da Companhia, como assassinatos não autorizados, experiências de controlo da mente e todos os outros segredinhos sujos.

Tirou um maço de *Dunhill* do bolso do camuflado, sacudiu um cigarro e acendeu-o com um isqueiro fino de ouro, dobrando-se e exalando fumo para a chama transparente.

— Onde estaríamos, se isto fosse o Real? Algures em Greenwich Village?

— Um pouco mais abaixo, perto da North Church Street, sob a pegada do Pan-American Trade Center. A casa da quinta é mais ou menos onde seria a Capela de São Paulo.

— Aquela igreja que há na grande praça? Acho que a margem foi estendida até ao rio, no Real. Aquele barco ali é teu?

Um barco a remos de quatro metros estava amarrado a um pequeno embarcadouro, no extremo de um longo canal cortado nos leitos de juncos. Stone construíra-o no primeiro Verão que ali passara, entre temporadas de trabalho nos caminhos-de-ferro de Long Island.

— É para alugar, se quiseres ir pescar.

— Um dia aceitarei a oferta. Pescar deve ser fantástico.

— Tens tudo o que quiseres. Percas raiadas, truta, sável, todo o género de pesca grossa. Apanhei um esturjão há umas semanas. Mais de sessenta quilos.

— Estás a brincar.

— Temos lagostas com mais de um metro. Também muitas ostras, bacalhau, arenques e cavala, no porto.

— Ah? E a caça?

— Há veados de cauda branca, caribus do bosque e veados de orelhas longas. Lobos, ursos negros e ursos de cara-achatada, tão grandes como os ursos cinzentos. Algumas panteras.

— Nada mau, para Manhattan.

— Aqui, chamamos à ilha Nova Amesterdão — explicou Stone. Tentou imaginar David Welch com blusão de camuflado e boné de caçador, seguindo um trilho nos bosques, com uma Winchester .30-30 pendurada ao ombro. Não era fácil.

— Se quiseres caçar qualquer coisa exótica, um mastodonte ou uma preguiça terrestre, tens de ir ao continente. Na verdade, tenho de levar lá uma expedição dentro de dias. Tiveste sorte em me encontrar.

— É assim que te tens sustentado, Adam? A fazer de grande caçador branco para homens de negócios enfastiados, que querem levar um animal extinto para a sala de estar? Quando não andas a brincar aos agricultores.

— A única coisa que peço à Susan é cama e comida.

— Não duvido.

Stone fingiu não perceber.

Welch soprou uma baforada de fumo pelas narinas bem delineadas.

— Sabes, nunca me deste a impressão de um camponês.

— Temos energia, solar e eólica. Temos antibióticos, telefones, computadores...

— E lavras os campos com uma mula. Parece uma daquelas pinturas antigas.

— Decidimos praticar a agricultura assim. A ideia é não forçar muito a terra.

— Uma pintura com um tom mítico. Algo de Homer Winslow ou Thomas Hart Benton, celebrando a noção louca da utopia de fronteira. Homens e bestas domesticando a selvajaria americana. Seja como for, fica-te bem. E estás com uma bela cor. Como um pele-vermelha.

O bronzeado uniforme de Welch era o de alguém que passara muito tempo na piscina de um clube.

— É o que o trabalho agrícola nos faz — respondeu Stone.

— Ainda não desanimaste. Pareces pronto para a acção — disse Welch, tirando um envelope do casaco do uniforme e oferecendo-o a Stone, o cigarro meio fumado pendurado no canto do sorriso.

— Estou reformado, David.

Stone teve a súbita sensação de que algo muito importante e completamente imparável corria para ele a mil e quinhentos quilómetros por hora.

— Só tens de olhar para isto e dar-me a tua opinião.

— Espero que não seja uma citação.

— Dá uma olhadela.

O envelope continha cinco fotografias, três a preto e branco e duas a cores, todas de tamanhos diferentes, todas da mesma mulher. Em cada fotografia, apresentava um penteado diferente e usava roupas diferentes, e em todas estava morta. Em três delas, fora atingida por um tiro na cabeça; na quarta, fora estrangulada; na quinta, não se via qualquer marca, embora estivesse igualmente morta, estendida num chão de mosaicos, os olhos secos fitando o infinito.

— Ele matou-a seis vezes. Pelo menos, que nós saibamos. Achei melhor poupar-te àquela em que a atingiu com um carro-bomba.

— São tudo duplos da mesma mulher?

Referia-se a *dopplegängers* — versões alternativas da mesma pessoa, vivendo vidas diferentes em feixes diferentes, em diferentes histórias alternativas. Há muito tempo que Stone não usava a palavra.

Welch assentiu.

— Com o nome de Eileen Barrie.

— Disseste «ele». Estes seis duplos foram todos assassinados pelo mesmo tipo?

— Achamos que sim.

— E também acham que ele trabalhava para a Companhia. Nas Operações Especiais.

— Vejo que o trabalho agrícola não te amoleceu o cérebro.

— É uma dedução fácil. Pode viajar entre feixes. Sabe como atingir um alvo com limpeza. Sabe como entrar e sair. Andas há algum tempo a tentar apanhá-lo, mas não deu em nada; não terias vindo aqui se não estivesses desesperado. Quando é que começou?

— A primeira foi assassinada há duas semanas. Matou outras três antes de alguém se aperceber do que estava a acontecer.

— Porém, agora estão a protegê-las. A versão Real e os duplos sobreviventes.

— Não conheço a extensão completa desta operação, mas sei que consegui cometer dois assassinatos depois de termos tomado medidas.

— Estão a vigiar os portais, estão a vigiar os duplos, e ele continua a matá-las. Deve ser frustrante.

— Os portais são atravessados, todos os dias, por milhares de soldados e de pessoal auxiliar. Para não falar no auxílio e nos abastecimentos de reconstrução, expedições diplomáticas, homens de negócios, jornalistas, todos aqueles cooperantes de que o Carter gosta tanto... O sistema ficaria bloqueado se fôssemos verificar toda a gente que vai nos comboios.

Stone examinou novamente as fotografias. Começava a ficar interessado. Perguntava-se aonde levaria aquilo.

— Este tipo move-se entre feixes, cometeu os dois últimos ataques quando o alvo estava protegido, trabalhava para a Companhia. Tem auxílio do interior?

— Que nós sabemos, não.

Welch deitou a ponta do cigarro para o chão e pisou-a.

— Deixemo-nos de rodeios. Depois de ter matado a última, saiu da cena do crime mas não saiu do feixe. Os locais fecharam a sua versão do entroncamento de Brookhaven em trinta minutos e, neste momento, é a única possibilidade de saída e de entrada. O outro portal do feixe, em San Diego, foi destruído há umas semanas por um bombista suicida ao volante de um camião carregado de nitrato de amónio e gasóleo. Sabemos que não saiu, Adam. Sabemos que ainda lá está. Mandaram-me pedir-te que ajudasses a encontrá-lo.

— É alguém que eu conheço, não é?

— É o Tom Waverly.

Stone sentiu como que uma bofetada.

— Não é possível. O Tom está desaparecido em combate. Provavelmente morto.

Tom Waverly demitira-se da Companhia depois do fracasso da ESPADA VELOZ. Quando recuperara do ferimento, entrara para uma empresa de segurança privada e fora trabalhar no feixe da Liga Ame-

ricana; dois meses mais tarde desaparecera e um obscuro grupo insurgente publicara algumas fotografias dele, reivindicando o seu sequestro e execução.

Welch tirou uma fotografia do casaco e estendeu-a a Stone.

— Arranjaram-na numa câmara de vigilância no entroncamento de Brookhaven, depois de ele a ter matado pela quarta vez.

— Está muito desfocada.

Porém, o homem com uniforme do exército, boné enterrado na cabeça, caminhando através de uma multidão de cooperantes, era bastante parecido com o velho amigo e camarada de armas de Stone.

— Os Serviços de Reconhecimento Militar tiveram de a aumentar à brava, mas passou em vinte e um dos vinte e oito pontos do sistema de reconhecimento. E os técnicos na cena do crime conseguiram uma impressão digital parcial, num fragmento do mecanismo de gatilho do carro-bomba, e também no cenário em que a estrangulou. É o Tom, sem dúvida.

— Qual é a tua opinião? Que foi capturado e lhe fizeram uma lavagem ao cérebro? Que se deixou manipular? Vá lá...

— Não sabemos o que lhe aconteceu nos últimos três anos, ou como é que surgiu agora. Também não sabemos por que razão anda a matar duplos de Eileen Barrie, mas anda.

— Alguém pode estar a usar um duplo do Tom, para despistar.

— O Tom é órfão, sem pai ou mãe conhecidos, tal como tu e eu e todos os outros anjos pistoleiros. Quem saberia onde encontrar um dos seus duplos?

— Seria difícil, mas não impossível — replicou Stone, lembrando-se de algo que Tom Waverly certa vez lhe dissera.

— É mais fácil acreditar que foi manipulado ou que está a agir por conta própria, sem consentimento — disse Welch. — Sempre foi um tanto des-trambelhado.

— Quem é a Eileen Barrie? Trabalha para a Companhia?

— No Real, é matemática. Os seus duplos também.

— Todos? Isso é muito estável.

— Há alguns feixes onde ela não existe, ou morreu jovem. Mas em todos os outros é matemática, normalmente a trabalhar em algum aspecto da teoria quântica. É mais estável do que o Elvis.

— Está a trabalhar em alguma coisa importante? Algo em que alguém não queira que ela trabalhe?

— Esquece a mulher, Adam. Queremos é encontrar o Tom e trazê-lo, são e salvo. Nós achamos que podes ajudar.

Stone ignorou, de momento, aquele *nós*.

— Porquê eu? O Nathan Tate trabalhou com o Tom em mais operações do que eu. O Jimmy McMahon trabalhou connosco no feixe da Liga Americana...

— O Jimmy McMahon reformou-se no ano passado, depois de um ataque cardíaco e um *bypass* triplo. E o Nathan Tate *estava* a trabalhar no caso, até ontem à tarde. O *Cluster* usou um programa caixeiro-viajante para descobrir que duplos de Eileen Barrie seriam os próximos alvos mais prováveis. O Nathan protegia uma das candidatas, que vivia em Nova Iorque, no feixe de Johnson. O Tom colocou um aparelho incendiário em casa dela. Deflagrou um incêndio que fez sair toda a gente e o Tom alvejou a Eileen e o Nathan com uma .308 a cerca de cento e oitenta metros.

— O Tom matou o Nathan?

Welch assentiu.

— Ontem à tarde, na cidade de Nova Iorque, no feixe de Johnson. Como disse, existe apenas um portal funcional e temo-lo trancado. Mas há uma complicação. Além de Eileen Barrie e de Nathan Tate, o Tom também matou um polícia que, por acaso, era sobrinho do presidente da Câmara de Nova Iorque. A polícia local foi autorizada a usar força terminal contra ele. Quero que vás comigo. Que nos ajudes a encontrá-lo. Se os locais o apanharem antes de nós, matá-lo-ão como a um cão.

— Quem te mandou aqui? Foi o Knightly?

— Nem pensar. O Velhote ainda está de fralda e a babar-se por um canto da boca. Nem sequer aprendeu a falar outra vez.

Depois de a Comissão Eclesiástica ter apresentado as suas descobertas numa sessão fechada do Senado, Dick Knightly fora julgado por conspiração para ocultar o envolvimento das Operações Especiais em actividades clandestinas contra os governos de outros feixes. Sofrera um grave ataque após a condenação e cumpria uma pena de vinte anos na ala hospitalar de uma prisão de segurança mínima nos Florida Everglades.

— Estou aqui porque, por acaso, trabalhava para a Directoria de Apoio Diplomático no feixe onde o Tom fez o último ataque, onde está agora trancado — explicou Welch. — O tipo responsável pela investigação, Ralph Kohler, pediu-me que te procurasse porque um dos seus homens encontrou uma nota no cenário do crime.

— O Tom deixou uma nota?

— Gravada no tronco da árvore que usou como posição para atirar: *Falarei com Stone*.

— É isso? Vieste até aqui porque alguém que pode ou não ter sido o Tom Waverly gravou o meu nome numa árvore?

— Vim até aqui porque o Tom Waverly quer falar contigo, Adam. Sei

que vocês tiveram um desentendimento por causa da ESPADA VELOZ, mas também sei que ele já te salvou a vida. Não queres tentar salvar a dele?

— Depois de mandar o Petey à tua procura, perguntei directamente ao coronel Welch porque estava aqui, mas o filho da mãe esquivou-se a uma resposta — disse Susan.

— Ele é mesmo assim. Não leves isso a peito — aconselhou Stone.

— Num momento estás a lavrar, no seguinte estás a fazer as malas. Por isso, desculpa-me lá estar um pouco curiosa.

Susan, esguia e despenteada, com calças de ganga e uma camisa do falecido marido com as pontas atadas num nó por cima do umbigo, subira o escadote até aos aposentos improvisados de Stone, no celeiro. Estes eram compostos por uma cama de solteiro, uma mesa de cozinha e uma cómoda de pinho. Uma janela sem vidro dava para as copas das árvores que continuavam até à ampla extensão das margens do Hudson e do Jersey. Estava calor sob as grosseiras traves inclinadas do telhado e cheirava bem, à palha armazenada lá em baixo. Stone lavara-se, vestira as calças dos domingos e a sua melhor camisa de xadrez. Fazia a mala, dobrando t-shirts em quadrados perfeitos quando Susan subira. Olhou-a, sorrindo.

— Estás zangada comigo?

— Compreendo que não pudesses falar disto em frente do teu amigo. E tentarei compreender se não me puderes dizer tudo, mas que tal uma pista ou duas?

— Na verdade, não é nada. Eles querem que os ajude a encontrar uma pessoa.

— Uma pessoa...

— Um velho amigo que se meteu em sarilhos. Quero ajudá-lo, se for capaz. Não é que queira ajudar o David Welch.

Stone sentia-se mal por não poder falar-lhe da mulher que fora assassinada de seis maneiras diferentes, acerca de Nathan Tate e do polícia que era sobrinho do presidente da Câmara de Nova Iorque, acerca da caça ao homem. Menos de uma hora depois da visita de David Welch, estava de volta ao mundo da evasão, das meias verdades, das lendas e das mentiras.

— E tu vais, assim, sem mais nem menos — disse Susan. — Deve ser um óptimo amigo.

— Na verdade, não sei bem se ainda somos amigos. Da última vez que nos vimos, tivemos uma discussão.

— Por causa de alguma *femme fatale*, espero.

— Na verdade, por causa da política internacional.

— Não é tão romântico.

— Lamento desapontar-te. Porém, já fomos bons amigos e, de certa maneira, devo-lhe um favor.

— Vai ser perigoso?

— Ele quer falar comigo. É só isso que vou fazer.

— Foi o que o Welch te disse?

— O teu coronel Welch é de facto um filho da mãe esquivo, mas acredito que me disse a verdade.

Susan empurrou uma madeixa para trás da orelha. Cortara o cabelo curto no princípio do Verão, mas agora os caracóis louros-escuros caíam-lhe em cascata à volta dos ombros.

— Adam, eu nunca te perguntei o que fazias quando conhecestes o Jake, e não é agora que vou começar. Mas não consigo deixar de temer que isto seja muito mais perigoso do que assegurar que o auxílio humanitário chegue ao seu destino, ou lá o que fazias na altura.

— Este meu amigo quer falar comigo. É tudo.

O silêncio estendeu-se entre os dois, pesado de evasões e coisas por dizer, enquanto Stone enfiava rapidamente roupa dobrada, uma bolsa com produtos de higiene, a sua automática Colt .45 e a sovaqueira dentro do saco de viagem. Enquanto ajeitava pares de meias nos cantos, *Blakie*, a *border collie* da quinta, começou a ladrar no pátio. Momentos depois, Stone ouviu o ronco do motor do jipe. David Welch, que levava Petey a dar um passeio, estava de volta.

— Quanto tempo é que vai demorar? — perguntou Susan.

— Não sei. Uns dias, se tiver sorte.

— O Sr. Wallace e o filho vêm cá no sábado.

— Querem um dentes-de-sabre. Não me esqueci e prometo estar de volta a tempo.

Susan semicerrrou os olhos e pôs as mãos nas ancas, brincando, com voz grossa:

— É mesmo bom que esteja, senhor, ou terei de arranjar outro sócio.

— Voltarei assim que puder.

— Tem cuidado contigo, junto daquele esquivo coronel Welch.

— Não duvides que estarei sempre a olhar para trás.

Petey fazia muito barulho lá em baixo, chamando Susan, dizendo-lhe que o jipe andava depressa como tudo.

Susan disse ao filho que descia já e sorriu a Stone.

— Acho que podemos passar sem ti durante algum tempo.

Stone devolveu-lhe o sorriso.

— Eu sei que podem.

David Welch fez de conta que não estava a ver quando Susan abraçou Stone e lhe pediu novamente que tivesse cuidado. Stone guardou o saco de

viagem na bagageira, saltou para o lugar do passageiro ao lado de Welch e o jipe desceu a Broadway, lançando areia branca sobre as plantas e ervas altas que cresciam de ambos os lados da estrada.

Stone não olhou para trás. Achava que lhe daria azar.

Uma locomotiva aerodinâmica revestida a alumínio, acoplada a um vagão plano, aguardava no pequeno terminal da travessia de *ferries* do East River. Stone ajudou David Welch a amarrar o jipe no vagão e a locomotiva matraqueou ao longo dos cento e cinquenta quilómetros de via-férrea única que atravessava os bosques e pântanos de Brooklyn e Long Island, as povoações de Jamaica Bay, Rockville, Wantagh, Bay Shore e New Patchogue, até First Foot e ao portal Turing. Stone teve tempo mais do que suficiente para ler o processo que Welch lhe dera. Comeu o almoço que Susan lhe empacotara — biscoitos caseiros, fiambre de cura caseira e pickles, ovos cozidos e uma maçã, uma das primeiras da estação — enquanto lia os depoimentos dos operacionais e da polícia local e analisava as fotografias e a documentação forense. Queria ter todos os factos à mão. Já que ia falar com Tom Waverly, queria saber tudo o que ele fizera.

Os primeiros quatro assassinatos haviam sido encenados para passarem por assaltos de rua ou invasões de domicílio mal sucedidas. Eileen Barrie fora morta com tiros na cabeça disparados com uma arma de pequeno calibre, com uma facada no coração, por estrangulamento: assassinatos perpetrados de maneira muito próxima e pessoal. Quando alguém da Companhia somou dois mais dois e todas as versões sobreviventes de Eileen Barrie começaram a receber protecção, os assassinatos subsequentes haviam sido exemplos típicos de acções executivas: o carro-bomba que a matara imediatamente, deixando incólume o oficial sentado ao lado, tirando algumas queimaduras superficiais e os tímpanos rebentados; e a última morte, cuja combinação de planeamento cuidadoso, paciência e acção numa fracção de segundo, mostrava as impressões digitais de Tom Waverly por todo o lado.

Quando trabalhava para a Companhia, Tom especializara-se em assassinatos. Entrara uma vez numa floresta e montara posição numa árvore, para vigiar durante três dias a janela de uma casa, esperando que o seu alvo se mostrasse nem que fosse por um segundo. Estivera deitado, certa vez, um dia inteiro, no telhado plano de um edifício de escritórios em Miami, ao

calor de Agosto, imóvel como uma serpente, sob o cobertor de camuflado que o escondia dos helicópteros da polícia, enquanto observava a fachada do tribunal, matando o alvo com um único tiro, enquanto uma falange de guarda-costas empurrava o homem através do passeio na direcção da sua limusina. Stone perguntava-se se Tom se tornara *freelancer* e andava a matar versões de Eileen Barrie a mando de alguém, ou se agia movido por um forte rancor pessoal. Porém, embora o ficheiro contivesse vastos sumários das circunstâncias e metodologias de cada assassinato, não havia nada, nem uma única frase especulativa acerca das possíveis motivações para tentar eliminar Eileen Barrie de todos os feixes conhecidos.

O apito da locomotiva soou. Stone espreitou pela janela e avistou o familiar grupo de orgulhosas turbinas eólicas numa colina baixa, as lâminas triplas de dezoito metros girando preguiçosamente, relanceou os telhados da cidadezinha de First Foot através de uma malha de pinheiros. A locomotiva matraqueou através da plataforma única da estação, entrou na longa curva que conduzia ao portal Turing e começou a ganhar velocidade: os comboios atravessavam sempre os portais o mais depressa possível, para minimizar o gasto de energia necessário para os manter abertos. Dois cavalos brancos num campo perseguiram-no por momentos, de cabeças baixas, as crinas ondulando; o comboio deixou-os para trás e passou rapidamente por uma locomotiva a carvão num ramal, com a chaminé a funcionar e limpa-trilhos, desceu a grande velocidade uma encosta muito íngreme e mergulhou no túnel que ficava ao fundo.

Embora Stone se tivesse preparado, o relâmpago negro que lhe bateu na cabeça e o soco atordoante do colapso das funções de probabilidade foram tão maus como se lembrava. Então, o comboio emergiu à luz do dia, deixando para trás uma fila de duas dúzias de montículos artificiais, todos eles cobertos de turfa e com um pequeno túnel escavado em baixo, sendo cada túnel uma entrada para um portal Turing, cada portal uma entrada para um feixe diferente, para uma história alternativa diferente.

Havia entroncamentos maiores em Chicago, San Diego e White Sands, mas o de Brookhaven era o mais antigo. Fora aí que a teoria dos Mundos Múltiplos fora experimentalmente validada, quando o primeiro portal Turing, a umas meras centenas de nanómetros, fora aberto à força no laboratório de alta energia em 1963, onde o primeiro homem a viajar para outro feixe dera o seu memorável passo em 1966 e onde o primeiro portal clonado fora produzido em 1969.

Clonar portais usando tecnologia de quebra da simetria baseada na manipulação da variedade n de Feynman-Schwinger-Dyson era a única maneira de obter múltiplos pontos de entrada em qualquer feixe. Os físicos e matemáticos que desenvolveram os primeiros portais Turing não haviam

demorado a descobrir que sempre que um portal acedia a um novo feixe, um fenómeno estocástico de horizonte-energia criava uma assinatura ou estado quântico único, que nenhum outro portal podia reproduzir. O chamado princípio de censura quântica implicava que apenas um portal pudesse ligar o Real a um feixe particular e essa ligação perder-se-ia para sempre se o portal fosse fechado. Embora fosse teoricamente possível produzir ligações secundárias através de um feixe intermédio — viajar do Real para o feixe First Foot através do feixe de Nixon, por exemplo —, na prática era impossível, porque localizar um feixe particular num multiverso de feixes possíveis era, segundo Murray Gell-Mann, um dos líderes do Projecto Brookhaven original, como encontrar uma agulha num palheiro do tamanho do Universo. Antes do desenvolvimento da tecnologia de clonagem, existira apenas uma ligação frágil entre o Real e todos os outros feixes. Depois disso, os portais originais foram fechados em instalações mais seguras do que o Forte Knox, usaram-se clones em grandes entroncamentos e instalações clandestinas e foram estabelecidas colónias numa dúzia de feixes selvagens. O Real conseguiu controlar o destino de outras Américas menos afortunadas e estabelecer a Aliança Pan-Americana.

Existia mais de uma centena de portais clonados no entroncamento de Brookhaven, ligando vinte e dois feixes diferentes ao Real. Stone avistou um longo comboio de carga a sair de um montículo arrelvado, como uma fiada de lenços a saírem da manga de um mágico, viu outros que aguardavam em desvios, em linhas de cintura ou em plataformas do cais de carga. Filas de veículos de passageiros e de mercadorias, vagões carregados com tanques embrulhados, helicópteros e veículos blindados de transporte de pessoal, furgões frigoríficos, silos de cereais, carros-tanque.

Os helicópteros AH-6 “Little Bird”, rápidos e manipuláveis como colibris e equipados com foguetes e metralhadoras de calibre .50 sobrevoavam-nos, inspeccionando todos os comboios que chegavam. Mais de três anos depois de o presidente Carter ter posto fim à construção do império e ter declarado que o objectivo da Aliança Pan-Americana não era a guerra mas sim a reconstrução e a reconciliação, o Real continuava vulnerável aos ataques terroristas de patriotas desorientados, milícias e fanáticos leais aos regimes anteriores dos feixes clientes.

A locomotiva balançou sob as catenárias, percorrendo uma rede cintilante de carris, ganhando velocidade à medida que se encaminhava para um túnel aberto no montículo arrelvado que cobria outro portal. Mais uma vez o mergulho repentino, o forte estremeção, a dor de cabeça momentânea, e logo a seguir a locomotiva abrandava sob um céu amortalhado em nuvens baixas, deslizando para uma estação sob uma cúpula geodésica de *teflon* branco.

O ar sob a cúpula era quente e húmido, e sabia a fumo de gasóleo. Multidões circulavam de um lado para o outro, sob estandartes pendurados em andaimes.

BROOKHAVEN: PORTAL PARA A RECONSTRUÇÃO
E A RECONCILIAÇÃO.
DEMOCRACIA E SOBERANIA PARA TODOS OS AMERICANOS.
UMA NAÇÃO SOB VÁRIOS CÉUS.
AINDA VENCENDO A GUERRA.

Soldados com todo o género de uniformes (Stone perguntou-se se a maioria seriam recrutas de feixes pós-guerra nuclear, como nos velhos tempos) e ainda maiores quantidades de joviais voluntários da Unidade de Reconstrução e Reconciliação, de calças de ganga e t-shirts com as palavras *Planeamento para a Paz*. Uma equipa de engenheiros brincalhões sentados nas suas caixas de ferramentas, observando o desfile humano. Uma coluna de soldados, com fatos-macaco pretos e algo semelhante a capacetes de mota prateados e cintilantes, marchavam a duplo passo. Soldados e civis aglomeravam-se em volta de quiosques onde raparigas com t-shirts das Estrelas e Riscas ofereciam cigarros, cafés e sandes. Enquanto seguia Welch em direcção a uma entrada com torniquete situada sob o flanco curvado da cúpula, Stone pensou que o barulho naquele sítio era como o dos bandos de gansos que manchavam o céu, voando sobre o Hudson, adiantando os primeiros chuviscos de Inverno.

Junto da cabina de aço e vidro, Welch introduziu o molho de licenças de viagem numa ranhura. O *marine* que estava lá dentro verificou os papéis e devolveu-os através da ranhura juntamente com dois cartões quadrados de plástico — dosímetros, para medir a radiação. Por cima da cabeça deles, a luz passou de vermelha a verde, o torniquete foi destrancado com um forte ruído metálico e Stone e Welch penetraram no ar quente e arenoso, de luz cinzenta e cheirando a chuva recente. Cooperantes subiam para uma longa fila de autocarros escolares amarelos. À distância, as superestruturas dos navios de tropas e de carga erguiam-se acima de guindastes e armazéns.

Um *Cadillac* extensível, com vidros fumados à prova de bala e chão antimina conduziu-os através da Long Island Expressway até Manhattan. Welch entregou um dos dosímetros a Stone.

— Reconstruímos bastante, mas não podemos fazer nada quanto à radiação.

— Que aconteceu aqui?

O processo não lhe dera grandes informações acerca da história anterior ao contacto no feixe de Johnson.

— Tiveram a sua própria Segunda Guerra Mundial a meio do século — explicou Welch. — Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Rússia soviética derrotaram a Alemanha nazi e o Japão, seguindo-se uma guerra-fria entre o mundo livre e os soviéticos. Em 1962, estes estacionaram mísseis em Cuba, que fazia parte do bloco comunista. Após um braço-de-ferro, o primeiro-ministro deles, um tipo chamado Khrushchev, concordou em retirar os mísseis, mas foi assassinado por um grupo de militares de alta patente que realizaram um golpe de Estado. A marinha soviética tentou romper um bloqueio de navios em torno de Cuba, e o presidente, um dos Kennedy, respondeu afundando vários dos navios deles e ameaçando invasão. Os soviéticos atacaram a Baía de Guantánamo e Miami com armas nucleares tácticas e tudo isto vem daí. — Welch examinava os decantadores de vidro lapidado no pequeno armário das bebidas.

— Temos uísque genérico, brande genérico, gin genérico, mas não há gelo nem misturadores. Acho que temos de nos aguentar.

— Não quero nada.

— Ajudará a radiação a sair do corpo — disse Welch, vertendo um dedo de uísque âmbar num copo.

— Aposto que Nova Iorque foi atingida.

— Muitos sítios foram atingidos. Os soviéticos tiraram tudo o que puderam de Cuba antes de os Estados Unidos bombardearem a ilha até à rocha com armas nucleares. Mísseis de curto alcance atingiram a maior parte da Florida, de Nova Orleães e Atlanta; mísseis lançados por submarinos atingiram Washington e uma boa parte da Costa Oeste. E um bom número de bombardeiros de longo alcance rompeu uma linha defensiva por cima do Círculo Ártico. Atingiram Detroit e Chicago, atingiram Boston e, dois deles, Nova Iorque. Um deles despejou a sua carga no Brooklyn Naval Yard, mas a bomba não rebentou. O segundo foi atingido por um caça, explodiu sobre o Hudson e destruiu a maior parte da Baixa da cidade. A bomba que transportava não era grande, talvez doze quilotoneladas, mas estava envolta em iodina-125 e cobalto-60. É por isso que, vinte anos depois, estamos a usar dosímetros.

A limusina ultrapassou uma coluna de camiões do exército. Passou rapidamente por um grupo de homens de cabelo rapado, vestidos de fatos-macaco cor-de-laranja que abriam uma trincheira ao longo da *Expressway* sob o olhar vigilante de soldados armados com espingardas de assalto.

— Parece que ainda estão em guerra — disse Stone.

— Uma dificultadezinha local com a Comunidade Económica Europeia, e com a Austrália e o Japão. Os soviéticos deram-se pior na Terceira Guerra Mundial. Uma boa parte da Rússia permanece inabitável e o resto é

uma série de Estados sem lei, dirigidos por marginais e senhores da guerra. Mas a América também está em péssimas condições. Os Europeus e os Japoneses forneceram auxílio, se bem que sob uma série de condições, e chegámos em plena ressurgência da política isolacionista, e de grandes exibições de poder militar de ambas as partes. Os locais ficaram gratos à brava por receberem apoio dos colegas americanos, mas os europeus opuseram-se seriamente, principalmente quando lhes estabelecemos bloqueios comerciais e lhes apreendemos os bens nos Estados Unidos. Neste momento, combatemos uma guerrazinha perversa pelo controlo do Texas e do Golfo. O Canadá mantém-se à parte, e a China também — estamos a ceder um bocadinho de tecnologia à China, em troca da neutralidade — mas, apesar dos nossos melhores esforços diplomáticos, os europeus não recuam. Também existe alguma oposição interna contra nós. Secessionistas no Sul, «survivalistas» do Midwest... em resumo, o habitual bando de rancorosos. — Welch deu um trago no uísque, fez uma careta, e continuou: — Parece-me que tenho de te falar acerca das regras de procedimento. O tipo responsável pelo nosso lado da investigação, Ralph Kohler, pediu-me para assegurar que não te falte nada. Acho que isso não é problema para ti. Quanto aos locais, temos de informar Ed Lar, o oficial do FBI responsável pela caça ao homem nesta zona, de que vais participar. Por estes dias, o protocolo exige uma cooperação total e franca com os locais.

— Ele sabe que sou o tipo com quem o Tom Waverly quer falar.

Welch assentiu com a cabeça.

— Sabe que estou a trabalhar para a Companhia?

— Houve muitas mudanças desde que saíste, mas ainda mantemos todos os operacionais encobertos. Para o Sr. Lar és um psicólogo forense ao serviço do nosso FBI, que trabalhou com o Tom em crimes sérios no Real. Duvido que ele acredite minimamente nisto, mas não o pode pôr em causa publicamente sem provocar um incidente diplomático.

— Temos de fingir ser algo que não somos, e os locais têm de fingir não saber que fingimos.

— É um mundo tramado.

— Tenho de falar com o Ralph Kohler? Ou com esse tipo local, o Ed Lar?

Welch abanou a cabeça.

— O Ralph é advogado, um tipo da política. Fez um bom trabalho para evitar uma crise diplomática de grandes consequências, mas seria o primeiro a admitir não saber nada acerca do trabalho operacional. Quanto ao Sr. Lar, prometemos mantê-lo informado acerca dos progressos da nossa investigação e comunicar-lhe qualquer pista importante.

— E ele prometeu não interferir?

— Não com tantas palavras, mas deixámos-lhe claro que és um operacional independente e, seja como for, ele já está cheio de trabalho por causa da caça ao homem. Os locais estão ansiosos por deitar a mão ao Tom antes de nós. Não é só o problema político por ter matado o sobrinho do presidente da Câmara, é também uma questão de orgulho. Estabeleceram bloqueios nas estradas e postos de inspecção nas estações de comboios e autocarros. Fazem abordagens aleatórias em locais públicos, procuram em todos os hotéis e pensões da área, esvaziam apartamentos e escritórios... Até enviaram batalhões da polícia da Autoridade Portuária para nos ajudar a investigar toda a bagagem e mercadoria preparada para atravessar o portal Turing.

— Ainda assim, o Sr. Lar sabe que o Tom quer falar comigo, o que me torna uma pista importante, e ele seria um idiota se não mandasse alguém seguir-me.

— Havemos de nos preocupar com isso quando precisares de te aproximar do Tom.

— Quero fazer isto à minha maneira.

— Claro.

— E tu és o quê? Meu assistente, meu chefe de equipa?

— A minha missão é devolver-te são e salvo, e garantir que obténs tudo o que precisas para realizar o trabalho. Quanto ao mais, ficarei feliz por não estorvar. Desisti do serviço activo há algum tempo.

— Também eu — ripostou Stone.

Welch reservara-lhe um quarto no Plaza Hotel, num canto do quinto andar, que dava para as copas das árvores do Central Park. As carruagens puxadas a cavalo labutavam no seu negócio imemorial, aqui como em todas as outras versões de Nova Iorque que Stone visitara. Uma forca — algo que nunca vira — estava instalada em frente da Grand Army Plaza. Contou quinze cadáveres, descalços, de pijamas cinzentos e cartazes impressos em torno do pescoço, que não conseguia ler. Cabeças rapadas, rostos inchados, negros de sangue congestionado. Dois marinheiros posavam enquanto um terceiro lhes tirava uma fotografia.

— A ideia local de justiça — comentou Welch. Levava o copo de uísque e tinha um cigarro ao canto da boca, enquanto, sentado na ponta da cama, procurava remover com um lenço a lama seca das botas de combate. — São sobretudo espíões e tipos do mercado negro. Enforcam-nos no parque. Comícios nocturnos, com tochas a flamejar, discursos, juramentos de lealdade, desfiles de bandas, escoteiras a venderem bolinhos... o circo todo. Depois, expõem os corpos, *pour encourager les autres*. Enforcarão o Tom Waverly, se puderem. Porque não experimentas o fato e te livras desse ar de pacóvio?

Sobre a enorme cama encontrava-se um fato preto e uma camisa branca, juntamente com sapatos de atacadores, meias pretas, um telemóvel e uma carteira com dois mil dólares locais e documentos de identificação que comprovavam o seu disfarce junto do FBI, uma carta de condução local e um passe para a zona militar.

Stone verificou se o telemóvel funcionava e perguntou se era possível usá-lo para contactar o escritório local, caso precisasse de informações.

— O meu número está nas chamadas de emergência — disse Welch. — Se precisares de saber alguma coisa, liga-me.

— Não vais comigo?

— Tenho uma reunião com o general Grover, o responsável local pela segurança na Zona Militar de Nova Iorque. O Ralph Kohler quer que o acalme, que o faça engolir alguns disparates acerca da cooperação e da troca de informações franca e completa. Como te disse, não é como os velhos tempos, em que podíamos fazer o que nos desse na real gana e depois inventar uma história qualquer para contar aos locais. Não coagimos, cooperamos. Seja como for, não ficarás sozinho. Arranjei-te um motorista.

— Eu sei conduzir.

— Achas-te capaz de lidar com o trânsito de Manhattan depois de três anos naquele feixe de retorno à natureza? Além disso, se o Ed Lar tiver pessoas a seguir-te, precisarás de alguém com conhecimento local para os despistar se quiseres ir a algum sítio sem eles saberem. — Welch observou Stone a tirar a Colt .45 e a sovaqueira do saco de viagem e acrescentou: — Vais mesmo levar isso?

— Podes crer.

— Bolas. Vê lá se te lembras que já não estás nas Operações Especiais, Adam. Tens cobertura diplomática, mas não tens *carte blanche*. Se começares a disparar contra as pessoas, não conseguirei manter o Ed Lar à distância.

Stone encolheu os ombros dentro da camisa aos quadrados.

— Quando estavas nas Operações Especiais, gabavas-te de que a única vez que dispararas a tua arma fora no campo de tiro.

— Orgulho-me de dizer que ainda é assim.

— Acho que não é necessário ir armado para recepções na embaixada ou para encontros de cortesia com um general local, mas eu movo-me em círculos diferentes. Não te preocupes, prometo que não disparo contra ninguém, a não ser que comecem a disparar contra mim. — Stone abotoou a camisa branca. — O teu ficheiro não dizia nada acerca da versão de Eileen Barrie no Real? Se Tom tentou ou não matá-la aí.

— Não me forneceram todas as informações acerca desta operação, Adam. Sabes como é, departamentalização e essas tretas todas.

— O Tom parece pretender matar todas as cópias da mulher. Porque não perseguiria também a versão Real? Se tivesse um pingão de sensatez, essa teria sido a primeira. Stone vestiu as calças do fato e sentou-se na cama ao lado de Welch para atar os sapatos. — A não ser que esteja a tentar intimidá-la. Ou a chamar a atenção para ela. Ele conhece-a? Alguma vez trabalharam juntos num projecto?

Welch suspirou teatralmente.

— Leste o processo todo?

— De ponta a ponta.

— Nesse caso, sabes o mesmo que eu. E tudo o que sei é que a Companhia decidiu que não precisamos de saber. Talvez o trabalho dela seja secreto, e nós não devamos ter-lhe acesso. Talvez o escritório da DCI esteja a evitar atrasos. A questão é que o Tom está escondido algures neste feixe. Nós estamos aqui para ajudar a encontrá-lo. Ajudar a levá-lo vivo. Não te desvies do caminho, tentando perceber as suas motivações ou todos os ângulos da operação.

— A sua motivação poderá conduzi-lo a mim. Ela é uma cientista. Uma matemática — disse Stone, encolhendo-se dentro da sovaqueira. — No Real e em todos os feixes onde foi assassinada. Isso tem forçosamente alguma coisa a ver com as razões do Tom.

— Acho que é uma das primeiras coisas que lhe perguntarão depois de tu o encontrares.

Stone pôs-se de pé e vestiu o casaco do fato.

— Acho que é uma das primeiras coisas que *eu* devia perguntar-lhe.

— É esse o espírito. Que tal o fato?

— Um bocadinho apertado nos ombros, mas não está mal. Não conheço o Ralph Kohler, mas deve ser um filho da puta cheio de confiança, para organizar isto tudo antes de saber que eu aceitaria ajudar.

— Havia alguma possibilidade de não aceitares?

— Como é que posso chegar à cena do crime? Posso levar a limusina?

Welch esmagou o cigarro no copo de uísque vazio.

— Se estás pronto para partir, vou contigo até ao átrio.

No elevador, Welch examinou o nó da gravata ao espelho, dizendo:

— Enquanto eu vou cooperar com o general Grover, podes ir à procura da boleia que te arranjei. Vais até à Madison Avenue e caminhas um quarteirão para norte, até à esquina da East 60th Street. Verás um táxi amarelo estacionado, com a placa desligada e uma mulher ao volante. Entra, ela levar-te-á aonde queres.

— Um táxi? Essa é boa, David.

— Espera até veres a condutora — respondeu Welch, soprando para dentro da mão em concha e cheirando a palma para verificar o hálito.

— Desde que não me estorve enquanto investigo o local.

— Ela fará tudo o que lhe pedires para fazer. Escusado seria dizer, a propósito, que, caso encontres algo que escapou aos locais, quero ser informado antes deles.

O elevador parou e as portas abriram-se, revelando o chão de mármore do átrio.

— Porque haveria eu de dizer fosse o que fosse aos locais?

— Acho que gostarei de voltar a trabalhar contigo, Adam. No fundo do teu coração, ainda és um anjo americano, não és?

Seria?

Stone reflectiu acerca disso enquanto se dirigia para o seu encontro. Tal como todos os anjos pistoleiros de Dick Knightly, fora treinado para trabalhar sob disfarce completo em feixes pré-contacto, para se misturar, viver o mais invisivelmente possível, ao mesmo tempo que acumulava dados para resenhas históricas, políticas e económicas. Uma vez, nos primeiros tempos das Operações Especiais, antes do primeiro contacto aberto com o governo de uma América alternativa, uma mulher abordara-o numa festa em Washington, dizendo-lhe que acabara de apostar cinquenta dólares com uma amiga em como ele era espião, e Stone explicara-lhe, sem mentir, que passava a maior parte do tempo em bibliotecas. Era exactamente o que fazia. Atravessava o espelho e vasculhava as bibliotecas em busca de todo o tipo de dados — a taxa de insucesso de novas empresas, inflação de preços e salários, o rácio entre os salários mais altos e os mais baixos em empresas-chave, taxas de desemprego entre homens brancos dos dezoito anos aos vinte e um, colheitas anuais de algodão, trigo-de-inverno, feijão de soja. Tabelara penas de prisão para uma variedade de crimes, comparara idades de abandono escolar de brancos e negros urbanos e rurais, usara falsas credenciais académicas ou jornalísticas para obter entrevistas com CEO e professores da *Ivy League* acerca do estado da economia, identificara advogados, oradores proeminentes e comentadores políticos. Era o que todos os anjos pistoleiros nas Operações Especiais haviam feito nos primeiros tempos, antes das primeiras tentativas do Real para estabelecer diálogo com governos de outros feixes. Antes das actividades clandestinas, antes das guerras e das revoluções, antes das insurreições e represálias terroristas.

Stone sempre preferira trabalhar sozinho, mas sempre cumprira as regras do jogo.

— Tu gostas de observar — dissera-lhe Susan uns meses antes. Estavam a caminho de casa depois de uma cerimónia religiosa, Petey um pouco atrás deles, trauteando uma das suas cantigas sem sentido, batendo nas er-

vas com um pau que apanhara algures. — Quando estás no meio de outras pessoas, gostas de observar o que se passa, não gostas?

— Se tu estiveste a observar-me, qual de nós é que gosta disso?

— Estive a reparar em ti — respondeu Susan. — A reparar no teu comportamento quando estás com outros homens.

— Ai sim? E como é o meu comportamento?

— Em geral, és bastante sossegado. Contido. Os outros tipos gostam de dar nas vistas, de se exibirem, têm sempre opinião acerca do que quer que se fale. Mas tu não dizes nada, a não ser que tenhas alguma coisa para dizer. Não quero dizer que sofras da famosa taciturnidade ianque do Allan King, esse gajo acha que cada palavra lhe custa dinheiro. Quero dizer que não dizes merda.

— A mãe disse uma asneira — interrompeu Petey.

— E a mãe pede desculpa, querido. A mãe passou a maior parte da tarde a falar com a Nora Partridge, que tem um bom coração mas não é capaz de dizer directamente o que quer. O Adam não é assim, pois não? Quando diz alguma coisa, é isso que quer dizer, nada mais e nada menos.

— Ele gosta de pensar sobre as coisas — respondeu Petey, arrancando a cabeça a uma asclépiã.

— Isso é uma crítica ou uma observação? — perguntou Stone.

— Se te tivesse chamado alienado, seria provavelmente uma crítica. Mas disse que eras observador.

— Isso não sei. Talvez eu goste de ser alienado e não goste de ser observador.

— Da mesma maneira que gostas de árvores, mas não de arbustos?

— Também gosto de relva. Mas, sem flores, passo bem.

— Mãe! Estás *outra vez* a fazer isso! — Petey passara o Verão todo irritado com esse jogo de palavras, um segredo aberto que queria desesperadamente partilhar, um código que não conseguia decifrar. Nessa tarde, Susan e Stone haviam-no apoquentado todo o caminho para casa com o facto de preferirem livros a revistas, bois a vacas, colinas a montanhas.

Observador — Stone podia aguentar essa. Tom Waverly, contudo, era o rapaz das fotografias dos anjos pistoleiros. Preferia a acção declarada à investigação clandestina, a ostentação à contenção. Gostava de esticar os regulamentos e as convenções até onde estes pudessem ceder, e depois esticar ainda mais um bocadinho.

— És um homem profundo que se faz passar por superficial — disse-lhe uma vez Marsha Mason e ele rira-se, nada ofendido. Fora durante um dos famosos churrascos na casinha dos bosques de Maryland, onde Tom vivera com a mulher e a filha. O pátio das traseiras dava para um lago. Uma noite, Tom remara até ao meio do lago e lançara fogo-de-artifício en-

quanto a ária «Nessun dorma!» de *Turandot* tocava nos altifalantes que instalara nas árvores. Ficara de pé no barquinho, com foguetes e velas romanas a explodir-lhe das mãos, gritando de alegria.

Aos treze anos, Tom passara um ano numa casa de correcção na Califórnia por ter roubado um carro; aos dezasseis, alistara-se no exército, treinando para atirador furtivo e fazendo cursos de pára-quedismo, artes marciais e criptografia; aos vinte e seis fora recrutado por Dick Knightly para a novíssima Directoria de Operações Especiais da CIA. Gostava de fazer jus à sua reputação de arruaceiro. Usava calças de ganga, botas de motociclista e um blusão de cabedal com as mangas cortadas. Ia para todo o lado de mota, uma *Norton Commando* que ele próprio restaurara. Fazia pinos nas costas das cadeiras e uma vez saltara de costas da varanda de um hotel para dentro da piscina, dois andares abaixo. Lia Rilke, Thoreau e Barth, acompanhava óperas cantando desafinadamente, assim como a música *folk* que descobrira no feixe de Nixon, o mesmo onde, anos mais tarde, Stone deveria abater um romancista a meio de um levantamento popular contra uma guerra no sudeste asiático.

Fora um de vinte ataques tendo por alvo defensores da contracultura, políticos liberais, jornalistas e activistas radicais dos direitos humanos... e este romancista, que certa vez se candidatara a presidente da Câmara de Nova Iorque e fora jornalista e agitador com opiniões poderosas. Mesmo assim, Stone perguntara-se na altura o que é que poderia ser tão importante num homem que escrevia livros para ganhar a vida. Mas o *Cluster* mastigava os dados e construía os seus modelos de probabilidade, a Companhia definiu as suas acções clandestinas e os seus anjos lançavam-se ao trabalho sem questionar ordens. Afinal, Stone acabara por não concretizar o ataque, tendo toda a operação sido desmascarada quando um dos locais que perseguiam, um fabricante de bombas, conseguiu fazer explodir uma casa em Greenwich Village. Seis meses mais tarde, o trabalho em busca de contacto nesse feixe fora suspenso indefinidamente. A versão da América de Nixon estava no bom caminho para se tornar a única superpotência mundial e o *Cluster* calculara que as vantagens do contacto seriam insignificantes ou mesmo negativas.

Todos os agentes das Operações Especiais haviam sido treinados para tomar iniciativas, mas Tom Waverly possuía a imprudência que o destacava. E continuava a possuí-la, pensou Stone. Mesmo tendo percebido que o jogo acabara, ao ver Nathan Tate a vigiar o alvo, não desistira do seu plano. Alvejara e matara a cópia de Eileen Barrie, assim como alvejara e matara Nathan Tate, e safara-se da cena do crime. Continuava a possuí-la. Apanhá-lo não seria fácil, especialmente quando os locais faziam o seu melhor para o apanharem primeiro. A única vantagem de Stone era o facto de Tom querer falar com ele.

Avistou um táxi amarelo estacionado onde David Welch lhe indicara. Deu a volta ao quarteirão, acompanhando o fluxo da multidão, observando as montras e recorrendo à visão periférica para tentar detectar possíveis perseguidores, vendo apenas civis de rosto carrancudo e expressão fechada, grupos barulhentos de soldados e marinheiros. Sentia o peso da Colt .45 sob a clavícula esquerda. Dois polícias aborreciam um pedinte — um tipo esfarrapado, cicatrizes brilhantes de queimaduras desfigurando-lhe o rosto e o crânio, que tentava esquivar-se enquanto era empurrado pelos bastões contra a parede. As pessoas iam passando, de olhar fixo noutro ponto qualquer. Uma equipa de homens esqueléticos, de cabeças rapadas e fatos-macaco cor-de-laranja puxava um vagão entre o pára-arranca dos camiões militares, táxis, autocarros, bicicletas. Várias pessoas iam de bicicleta. Stone, acostumado a um ritmo de vida baseado nos músculos animais e humanos, achou tudo um bocadinho acelerado, como um daqueles velhos filmes mudos rodados à mão.

Atravessou a estrada e percorreu o caminho ao contrário. Embora não tivesse visto ninguém a segui-lo, tinha a certeza absoluta de que isso estava a acontecer. Talvez por mais de uma pessoa, o que tornaria quase impossível detectá-los. Dirigiu-se ao táxi estacionado e entrou para o banco de trás. A condutora, uma jovem de rosto pálido e uma massa de caracóis ruivos, virou-se para o olhar através do separador de plástico arranhado.

Stone não a via há mais de dez anos, mas reconheceu-a imediatamente. Linda Waverly, a filha de Tom.

Foi o Welch que te meteu nisto, não foi? — perguntou Stone. — O filho da mãe fez-te atravessar o espelho pensando que podias levar o teu pai a aparecer.

— Não é nada disso — respondeu Linda Waverly, pondo o motor a trabalhar e afastando-se do passeio. — Quando o meu pai matou aquela mulher, eu já trabalhava aqui. Neste feixe, em Nova Iorque. Arrancaram-me do trabalho e o pessoal do Ralph Kohler interrogou-me durante seis horas seguidas. Iam mandar-me para casa, mas o David Welch convenceu-os a deixar-me ajudar.

— O Welch gosta de jogos, Linda. Está a usar-te.

— Ele acha que existem boas possibilidades de o meu pai tentar contactar-me se eu estiver visível. Qual é o problema?

— Podes deixar-me já aqui. Depois podes dar a volta com este táxi, ir à procura do David Welch e dizer-lhe que o acho doido. — Stone experimentou a porta: estava trancada. Bateu na divisória de plástico e disse: — A propósito, não era uma sugestão. Pára aqui.

Linda olhou-o pelo retrovisor, numa provocação fria.

— Que faz se não lhe obedecer? Dá-me um tiro?

Stone sentiu um assomo de culpa e perguntou-se se Tom quebrara uma das regras de ouro do serviço clandestino e contara à filha o que acontecera no final da ESPADA VELOZ.

— Vim aqui porque o teu pai pediu, porque sou amigo dele e porque uma vez me salvou a vida e ainda lhe devo essa. Não sei por que razão está a fazer isto, mas sei que não te agradecerá ser apanhada no meio.

— Pensava que o meu pai morrera há três anos, Sr. Stone. Agora, que sei que não morreu, quero ajudar a encontrá-lo e levá-lo de volta são e salvo.

— Estás a ser usada, Linda.

— Estamos ambos a ser usados, Sr. Stone. Talvez possamos descobrir como tirar proveito disso.

Stone teve de admitir que ela tinha razão. Linda era, sem dúvida, muito teimosa, tal como o pai, mas também parecia sensata, e já trabalhava ali. Conhecia o local. Talvez pudesse dar a volta à questão, pensou Stone. Pagar ao Welch da mesma moeda. Inclinou-se para a frente e falou através dos furos do separador.

— Podes levar-me à cena do crime. Quando tiver terminado lá, pensamos em alguma coisa.

— Não se arrependerá, Sr. Stone.

— E também podes conduzir mais devagar. Ainda apanhamos uma multa.

— Não gosta da minha condução?

— Há muito tempo que não andava num táxi nova-iorquino. E também há muito tempo que não te via. Que fazias antes de o David Welch te meter nisto? Parto do princípio de que trabalhas para a Companhia.

— Faço parte de uma equipa que faz a ligação ao FBI local, tentando desmantelar bandos criminosos que estão a ajudar desertores a sair do país. A taxa de deserção entre as nossas tropas é de três por cento e está a crescer. Alguns querem encontrar os seus duplos, ou os duplos das suas mulheres ou amantes, mas a maioria quer ir para o Canadá. Neste feixe, o Canadá é neutro. Uma vez que atravessem a fronteira, nunca mais são encontrados. Os bandos ajudam-nos a atravessar e depois espremem-nos com juros sobre o preço.

— Nesse caso, és uma operacional, como o teu pai.

— Na verdade, de momento, estou mais do lado analítico. Fui transferida da DI para ajudar a gerir um sistema de gestão de dados, trabalho informático, fundamentalmente. Mas também entrevisto suspeitos e já estive em algumas rusgas.

— Como é que te sentes em campo?

— Em ambas as vezes, estava na equipa forense. Só cheguei depois de as equipas de assalto terem levado os bandidos. Mesmo assim, foi uma adrenalina.

— Aposto que sim — concordou Stone, lembrando-se das suas primeiras operações. Como tudo lhe parecera bom e divertido, até ter de matar alguém.

— Formei-me em Antropologia pela Universidade de Nova Iorque antes de entrar para a Companhia — disse Linda. — Esta é a primeira vez que atravesso o espelho, e acabo de volta a Nova Iorque. É diferente, mas não é assim *tão* diferente. Estamos na ressaca da guerra, claro, e os *Dodgers* e os *Giants* ainda aqui estão, não se mudaram para a Costa Oeste, mas não é o mesmo que um país estrangeiro. Tirando a Baixa, as ruas são quase idênticas. Têm a Universidade de Nova Iorque, tipos a jogar xadrez em

Washington Square, táxis amarelos e carrinhos de cachorros-quentes... Faz-me lembrar quando fui para o Arizona com os meus pais. Eu tinha catorze anos, eles tinham acabado de se reconciliar depois da primeira grande zanga e viajámos para o Arizona, para umas férias familiares à moda antiga. Visitámos a minha tia, a irmã da minha mãe, em Phoenix. Andámos de carro por todo o lado. Vimos o Grand Canyon. Vimos Sedona. Isso é que é outro mundo. Todas aquelas rochas vermelhas, não há outro sítio assim no mundo. É como Marte, embora continuasse a ser a América. Viaja-se mais de mil quilómetros para um sítio completamente diferente, e temos os mesmos programas de televisão, *Coca-Cola*, McDonald's...

— Há todo o género de Américas diferentes, mas são todas a América.

— Uma nação sob muitos céus. Lembro-me de ter visto um homem num restaurante do Arizona que não tirou o chapéu para comer. Era um chapéu caro, branco, com uma fita de pele de cobra. Usava daquelas botas de vaqueiro, com pequenos dedos pontiagudos. Isso foi diferente, ver um homem vestido de vaqueiro, a comer a sopa sob a aba do chapéu. — Um camião atravessou bruscamente duas faixas, mesmo em frente deles. Linda buzinou-lhe. — Condutores do exército, aposto que nenhum tem carta!

Stone recordou a última vez que vira Linda. Fora numa das festas do Tom. Uma rapariguinha de fato-de-banho preto, gritando de alegria, correndo por entre os jactos das mangueiras na horta atrás da casa. Teria, o quê, onze, doze anos... Algumas semanas depois dessa festa, Stone voltara a atravessar o espelho e passara alguns anos a trabalhar numa operação clandestina para derrubar o governo do feixe da Liga Americana. Perto do fim, com tudo organizado e a fase final da operação prestes a começar, Tom aparecera para ajudar, e a primeira coisa que lhe contara fora o fim do seu casamento. Dessa vez voltara para a mulher, o casamento aguentara-se periclitantemente durante mais alguns anos, mas deixara de haver churrascos na casinha nos bosques. Desde essa festa que Stone não via Linda Waverly e, agora, ali estava ela, conduzindo-o na direcção de um cenário de assassinato duplo perpetrado pelo pai. Era o tipo de coisa, pensou, que fazia um homem sentir-se velho.

Linda quebrou o silêncio que se instalara entre ambos.

— É verdade que ele uma vez lhe salvou a vida?

— Recebeu uma medalha por causa disso.

— A Estrela dos Serviços Secretos?

— Exactamente.

— Eu fui à cerimónia, mas ele nunca me explicou o que fizera. Gostava de contar grandes histórias acerca das viagens para outros feixes, mas nem uma só vez falou acerca do seu trabalho. O trabalho verdadeiro, claro, não as fachadas. Mesmo depois de eu entrar para a Companhia, dizia que, se

alguma vez me contasse alguma coisa acerca das suas actividades, teria de me matar a seguir. Com aquela expressão que nunca compreendemos se está a brincar ou não.

— Lembro-me dessa expressão.

— Claro que, durante o treino, fui ouvindo umas coisas aqui e acolá. Algumas das operações em que vocês participaram vêm nos manuais, e um dos meus instrutores conhecia o meu pai. Fiquei com a impressão que era uma espécie de operacional clandestino.

— Teve sempre uma razão para tudo o que fez. E tenho a certeza de que existe uma razão para isto.

Não queria dizer-lhe que o pai também podia ter-se vendido ou ter ficado maluquinho.

— Há rumores de um problema interno na Companhia. De uma purga, um problema qualquer em White Sands...

— Estou retirado, Linda. Já não estou ligado ao circuito dos rumores.

— Pensei que o Sr. Welch lhe tivesse dito alguma coisa.

— O Welch gosta de joguinhos, lembra-te? Reter informação ou cedê-la parcialmente, faz parte desses joguinhos. Quem foi purgado?

— Não há factos sólidos, mas passa-se, efectivamente, alguma coisa. Onde trabalho, duas ou três pessoas tiveram as licenças canceladas, e outras, que estavam de licença, tiveram de voltar.

— Para o caso de estarem infectados com rumores.

— Houve também um problema de comunicação através do espelho. Além disso, o chefe de secção dirigiu-nos algumas palavras de ânimo há uns dias. De certeza que se passa alguma coisa e não posso deixar de pensar que tem a ver com aquilo em que o meu pai se meteu.

Passavam por North Meadow. O céu escurecia por trás de uma linha de árvores. Numa fiada de candeeiros públicos, as luzes piscaram, uma após a outra. Stone pensou no conjunto de cabanas caiadas na crista sobranceira à parte selvagem e intransitável do Hudson, e perguntou-se o que estaria Susan a fazer naquele preciso momento, a alguns quilómetros e dois feixes de distância. A única coisa que partilhavam agora era o tempo. Sempre que a História se dividia, o tempo prosseguia à mesma velocidade, segundo a segundo, nos dois feixes filhos. Em todas as versões da América, em todos os feixes conhecidos e desconhecidos, era 15 de Setembro de 1984, 6h32 da tarde. Stone imaginou Susan a andar de um lado para o outro na cozinha, os desenhos a lápis de Petey afixados na parede de madeira ao lado da janela de guilhotina, o vapor a sair de uma panela sobre o forno a lenha, os ruídos domésticos familiares, e sentiu uma súbita angústia.

Conhecera o marido de Susan, Jake Nichols, no feixe da Liga Americana cerca de dez anos antes. Stone e os companheiros das Operações Espe-

ciais haviam ajudado a deflagrar uma revolução; Jake fizera parte da força de manutenção da paz que chegara logo a seguir. Stone dera-se bem desde o início com o tenente Nichols, um homem franco e voluntarioso, e foi um dos primeiros a visitá-lo no hospital dos veteranos um ano mais tarde, depois de Jake ter perdido, na explosão de uma bomba, dois dedos da mão esquerda, o músculo da barriga da perna esquerda e um metro e meio de intestino delgado. A partir daí, Jake coxeava e tomava analgésicos e esteróides duas vezes por dia, mas não se deixou abater pela incapacidade. Saiu do exército e foi trabalhar para a Cruz Vermelha Internacional, onde conheceu Susan. Stone fora padrinho de casamento.

Quando Susan engravidou, Jake invocou o direito, garantido pela Lei dos Veteranos a todos os membros das forças armadas licenciados honrosamente, de mudar para um feixe selvagem. Ele e Susan compraram uma quinta no feixe First Foot a um vencedor da lotaria de povoamento que estava farto da vida de fronteira, e Stone seguiu-os depois de se demitir da Companhia. Pagou os seus deveres comunitários trabalhando no caminho-de-ferro, depois empregou-se como guia no complexo de caça dos Nichols, conduzindo clientes ricos através das florestas de pinheiros e pântanos para oeste do Hudson, em busca de mastodontes, preguiças-gigantes, tigres dentes-de-sabre e outras espécies de megafauna que, na ausência de nativos humanos, ainda florescia no feixe selvagem. Susan tratava da burocracia e Jake já esquecera mais acerca de caça do que Stone alguma vez saberia, mas insistiram em fazer dele um sócio igualitário.

Depois do acidente fatal de Jake no gelo, Stone fez tudo o que pôde para ajudar Susan a manter, tanto a quinta, como o negócio de caça, e quando as neves derreteram e a estação de plantio começou, com os campos para lavrar e as colheitas para plantar e cuidar, parecia sensato deixar a pequena cabana que construía perto da margem do East River e viver na quinta. Só durante o Verão, combinou com Susan. Só durante o Verão e depois durante a colheita. As suas discussões acerca do futuro eram estritamente práticas. Falavam de dismantelar a cabana de Stone e reconstruí-la mais perto da quinta, de contratar alguém para ajudar, de como poderiam melhorar o negócio de caça. Falavam acerca de tudo, excepto do sentimento mútuo que crescera entre ambos nesse Verão, furtivo, paciente e forte como uma flor tentando romper as lajes do passeio. Houvera momentos — uma tarde quente e calma em que se sentaram lado a lado a observar o pôr-do-sol sobre o Hudson, o dia em que foram pescar robalo riscado no barquinho de Stone, um longo passeio sem destino através dos bosques, a apanhar cogumelos — em que Stone estivera prestes a confessar a Susan que estava apaixonado por ela. Porém, passara ainda pouco tempo da morte de Jake, parecia-se demasiado com os subterfúgios baixos e as traições do adultério.

Agora, lembrando-se das palavras que haviam trocado no celeiro, e do que ficara por dizer, Stone sabia que, quando voltasse para Nova Amsterdã, teriam de se sentar e ter uma conversa séria. Era altura de fazer das tripas coração.

O táxi parara numa luz vermelha no lado ocidental do parque. Stone mandou Linda virar à direita.

— É mais rápido se formos em frente.

Stone olhava pelo retrovisor para os veículos em fila atrás deles. — Vira à direita, depois apanha o Duke Ellington Boulevard, ou lá como é que se chama.

— Chama-se Duke Ellington Boulevard. — A luz mudou. Linda virou à direita. — Se os tipos que nos seguem sabem para onde vamos, para quê tentar despistá-los?

— Quero mostrar-lhes que sabemos que estão aqui — respondeu Stone.

Quando Linda virou para o Duke Ellington Boulevard, ele notou que o *sedan* que os seguira pelo Central Park fazia a mesma manobra.

— Viu? — perguntou Linda. — O *Ford* branco, quatro carros atrás?

— Vi.

— Substituiu um *Chrysler* vermelho na esquina da Madison com a East 85th.

— Parece que estou destreinado — disse Stone.

Aquela rapariguinha que outrora andara em corridinhas sob o crepúsculo estival, com um vestido de tafetá branco e asas de fada, falando-lhe tranquilamente de uma troca de perseguidor que ele não detectara!

— Quem acha que são? — perguntou ela. — Locais, ou da Companhia?

— Tem alguma importância?

Nas primeiras ruas, as coisas não eram muito diferentes das memórias que Stone tinha de Nova Iorque no Real. Um pouco menos néon, os escaparates gastos e mais simples. Menos edifícios altos, isso era certo. A maior parte dos transeuntes eram civis e parecia haver ali mais brancos do que no Real. Dirigiam-se para casa, compravam fruta e garrafas de água em lojas de conveniência, passeavam os cães. Um homem gordo, de camisola interior, à porta de uma lavandaria, fumava um charuto com a autoridade plácida e absoluta de um Imperador de Todo o Tempo e Espaço. Então, o táxi virou para Riverside Drive, com prédios de pedra castanha e mais altos, de frente para o longo parque e com vislumbres do rio através das árvores.

Neste feixe, o duplo de Eileen Barrie devia estar bem na vida: possuía uma casa de pedra castanha da viragem do século, mesmo na Riverside Drive, alguns quarteirões a sul do seu trabalho na Universidade de Co-

lumbia. O passeio estava barricado por cavaletes e um polícia à paisana encontrava-se junto do corrimão, ao fundo dos degraus da porta da frente. A maior parte das janelas estavam partidas e o fumo enegrecera os lintéis.

Stone mandou Linda esperar no táxi. Ela disse que não se importava, já vira o local.

— Aposto que o Welch te trouxe aqui.

Mostrou-lhe o que o pai fez, pensou Stone, e levou-a ao local, à vista de todos. David Welch e o seu charme hipócrita, o seu fumo e espelhos, as suas manhas.

— Posso conduzi-lo lá dentro, mostrar-lhe como aconteceu.

— Eu li o relatório. Fica aí enquanto tento perceber algumas coisas. Não demorarei.

Stone não queria discutir os homicídios com Linda, falar acerca das diferentes formas como o pai dela abatera seis cópias da mesma mulher. Além disso, queria que ela ficasse em frente da casa. Se Tom Waverly estivesse escondido ali perto, podia sentir-se tentado a aparecer ou, pelo menos, tornar-se imprudente. Quando era preciso, pensou ao sair do táxi, não era nada melhor do que o Welch.

Mostrou a identificação ao polícia, levou a lanterna dele emprestada e as chaves de casa, e pediu-lhe um café. A porta da frente, estilhaçada, tinha uma corrente e um cadeado e estava isolada com a fita amarela própria dos locais de crime. Havia salpicos de sangue sobre a tinta verde, manchas e salpicos de sangue nas colunas de ambos os lados e várias nódoas e marcas de botas deixadas pela polícia, pelos paramédicos e pelos bombeiros que haviam pisado as poças de sangue, agora secas, nos degraus.

De acordo com o relatório preliminar no ficheiro que Welch lhe dera, o ataque ocorrera exactamente antes do amanhecer. Tom Waverly subira ao telhado, retirara a rede protectora do topo de uma das chaminés fora de uso e introduzira aí um tubo de plástico flexível, contendo uma mistura de gasolina e sabonete líquido. Quando aquele *napalm* caseiro fora ateadado, provavelmente por uma carga sincronizada, fizera rebentar a maior parte das janelas e provocara um incêndio na cozinha e na parte de trás da casa. Nathan Tate tivera de levar Eileen Barrie pela porta da frente, entalada entre dois polícias da brigada de protecção do presidente da Câmara, e foi então que ambos morreram, atingidos pelos tiros de uma .308 disparados do outro lado da estrada, do Riverside Park. Nathan Tate estava mesmo em frente de Eileen Barrie quando fora baleado. Antes de atingir o solo, antes de os polícias terem sacado as armas dos coldres, Eileen Barrie também fora atingida, uma vez no peito e outra na cabeça, e depois uma rajada de fogo de uma pistola-metralhadora obrigara toda a gente a atirar-se para o chão e duas granadas de fumo haviam rebentado no meio da rua. Em menos

de um minuto, tudo terminara. Rápido, brutal, minuciosamente planejado, executado com calma.

Stone atravessou a rua e entrou no parque. Árvores cobriam a margem inclinada do rio. Os sapatos novos, de sola fina, escorregavam nas folhas. Ouvia o vento quente soprando através das árvores, o zumbido do trânsito no Hudson Parkway.

Vinte minutos antes de a bomba explodir, Tom Waverly esfaqueara um dos policiais fardados que patrulhavam o parque, o sobrinho do presidente da Câmara, e arrastara o seu corpo para debaixo de um loureiro. Em seguida, assumira posição num carvalho alto que se encontrava agora rodeado por fita da polícia, e aproveitara o tempo até a sua bomba de *napalm* explodir gravando uma mensagem na casca da árvore.

Falarei com Stone.

A vegetação em torno da árvore fora aplanada. Tom levava a metralhadora mas a Winchester .308 fora encontrada junto da árvore e a corda que usara para escorregar para o chão depois do ataque ainda estava lá.

Stone pendurou o casaco do fato num galho e usou a corda para subir o mais alto que pôde. Alguns rasgões no tronco da árvore sugeriam que Tom Waverly usara sapatos de picos para ser mais fácil chegar à copa. Stone não conseguiu chegar tão alto mas, a nove metros, tinha uma boa vista da casa, com o táxi amarelo estacionado mesmo em frente, e Linda Waverly vagamente visível pela janela, como um alvo. Stone lembrou-se que lhe devia ter perguntado se estava armada, para o caso de Tom Waverly morder o isco. Contudo, era pouco provável que, mesmo armada, ela ameaçasse o pai.

Sentou-se num tronco e calculou ângulos, percebendo que, se subisse mais seis metros, teria podido ver sobre o topo do caminhão em movimento que Nathan Tate usara para vigiar a porta da frente a partir da rua. Tom Waverly, provavelmente, sondara a área pouco tempo antes do ataque. Trouxera corda e sapatos de picos por saber que teria de subir até àquela altura. E também devia saber que existia uma saída através do pátio das traseiras, por isso fizera deflagrar o incêndio, obrigando toda a gente a sair pela porta da frente. Stone sorriu. Tom podia ter enlouquecido, mas ainda era capaz de montar um ataque com uma precisão meticulosa. *Deixa alguma coisa ao acaso, costumava ele dizer, e o mais provável é acabares numa caixa como o gato de Schrödinger, perguntando-te quando é que te vai começar a cheirar a amêndoas.*

Os anjos pistoleiros de Dick Knightly tinham aprendido os princípios fundamentais da Teoria dos Mundos Múltiplos durante o treino. O instrutor de Física, Fred Lehman, apresentara o conceito com o “ridículo caso” de Schrödinger, uma experiência mental concebida para desafiar a asserção de que a observação forçava um sistema quântico a adoptar um estado espe-

cífico, e qualquer observador fazendo medições não podia ser isolado do sistema que observava. Na experiência de Shrodinger, foi colocado um gato numa caixa, equipada com uma garrafa de cianeto hídrico, um mecanismo que quebraria o frasco se o detetor fosse accionado pela queda aleatória de um átomo, e uma fonte de radioactividade tão fraca que existia apenas cinquenta por cento de possibilidade de um único átomo cair em cada hora. O gato e o mecanismo foram lacrados dentro da caixa e a experiência terminou exactamente ao fim de uma hora, voltando a caixa a ser aberta.

— A questão de Shrodinger era esta — disse Fred Lehman. — Com apenas cinquenta por cento de possibilidades de um átomo cair e accionar o mecanismo que liberta o cianeto, qual é o estado do gato imediatamente antes da abertura da caixa?

Tom Waverly levantara a mão, dizendo que ele próprio tinha uma questão.

Quería saber o que tinha aquele gajo contra os gatos.

Isto acontecera na sala de conferências de Brookhaven. Quinze rapazes e uma rapariga estavam espalhados por filas de assentos, alguns tirando notas escrupulosamente, outros irremediavelmente perdidos, todos sentindo a mesma emoção de participarem em algo de tremendamente secreto e importante. Tom Waverly estava refastelado num assento da fila da frente, os braços estendidos ao longo dos espaldares dos bancos a seu lado, sorrindo enquanto aguardava a resposta de Fred Lehman.

— Não se trata de um gato real numa experiência real — respondera o físico. — O gato é uma metáfora que Shrodinger usou para ridicularizar a sugestão de a teoria quântica poder ser usada para fazer uma descrição completa da realidade física. Afirmou que, antes de a caixa ser aberta, o gato devia encontrar-se em qualquer estado indeterminado, meio morto, meio vivo. Visto que nenhuma criatura pode estar morta e viva ao mesmo tempo, deve haver algo de errado na teoria quântica.

— Claro que não pode ser uma experiência real — dissera Tom Waverly, olhando em volta, sem pressas, criando suspense. — Algum de vocês já tentou meter um gato dentro de uma caixa?

Na escuridão quente, bastante acima do solo, sentado nos ramos do carvalho, Stone sorriu, recordando como Fred Lehman esperara que as gargalhadas cessassem antes de explicar que a premissa sobre a qual a experiência repousava era errada, que o gato na caixa fechada não existia num estado indeterminado, nem completamente vivo nem completamente morto, como afirmava Shrodinger. Em vez disso, a experiência provocava a divisão em dois do estado do observador — e não importava se o observador era o cientista, o gato ou o detetor de radiação, desde que alguém ou alguma coisa fizesse uma medição que forçasse o sistema quântico do gato,

da caixa e do mecanismo do cianeto a adoptar um estado definitivo. Num universo, o observador abriria a caixa e descobriria um gato vivo; no outro, a caixa conteria um cadáver.

E isto acontecia com tudo o que fizéssemos, explicara Fred Lehman à turma. Na maioria dos casos, a divisão era trivial e os dois universos irmãos recombinavam-se rapidamente. Porém, se a observação causasse uma mudança suficientemente grande para afectar outros observadores, a recombinação demorava mais, e cada vez mais diferenças se acumulariam nos estados dos universos irmãos, até que a divisão se tornasse permanente. Um feixe único de probabilidade dividia-se em dois; a história prosseguia em duas direcções diferentes. Numa, o gato estava vivo. Na outra, estava morto. Numa, Khrushchev era assassinado e os generais soviéticos ordenavam um ataque atómico contra os Estados Unidos; na outra, a tentativa de assassinato falhava ou não se realizava, e Khrushchev retirava os mísseis e as armas atómicas de Cuba. Cada feixe era tecido por biliões de micro-histórias intimamente relacionadas, que se ramificavam e recombinavam e voltavam a ramificar enquanto centenas de milhões de observadores faziam as suas escolhas triviais. Porém, embora a maior parte das micro-histórias se recombinassem quase imediatamente, num número importante isso não acontecia e, em algumas dessas, a divisão acabaria por se tornar permanente.

Tom Waverly adorara a bizarrice da teoria quântica, mas numa missão fazia sempre tudo o que podia para evitar o destino dicotómico do gato de Shrödinger, planeando os seus ataques até ao último pormenor. Fora pura má sorte o polícia ter-se metido no seu caminho. Se apenas tivesse assassinado Eileen Barrie e Nathan Tate, os locais teriam pedido que um ou dois detectives dos homicídios da polícia de Nova Iorque trabalhassem com a equipa da Companhia, por pura formalidade, e ficaria tudo por aí. Porém, Tom abatera um polícia, o polícia era sobrinho do presidente da Câmara e agora a elite de Nova Iorque andava à procura dele. Porque um dos deles fora assassinado, tinham permissão para disparar à vista e estavam prontos e ansiosos por tratar do assunto.

Falarei com Stone. Mas onde, e quando? Stone sabia que precisava de pensar bem e depressa, e ter muita sorte, se queria chegar a Tom antes da polícia local.

Deslizou pela corda, vestiu o casaco, regressou ao limiar do parque e ficou ali alguns minutos, observando a casa de pedra castanha de Eileen Barrie e as casas idênticas que a ladeavam, as janelas salientes, as balastradas que percorriam a ponta dos telhados planos. Sacudiu um mosquito sozinho e atrasado e atravessou a rua. Quando chegou ao táxi, Linda abriu a janela e perguntou-lhe se descobrira alguma coisa.

— O relatório diz que ele chegou ao telhado a partir de uma das casas vizinhas.

— A da direita. Entrou pelas traseiras, tirou o cadeado da porta de incêndio na cave e depois o da porta de acesso ao telhado. A equipa forense encontrou vestígios recentes em ambos. Acha que deixaram escapar alguma coisa?

— Pergunto-me por que razão não se manteve no telhado depois de ter colocado o *napalm*. A porta da frente era um alvo fácil a partir do outro lado da rua, mas tinha de se esquivar às patrulhas da polícia para se pôr em posição. A verdade, porém, é que não se esquivou delas, esbarrou com aquele polícia. Se tivesse ficado no telhado, o tiro seria mais difícil, mas não correria o risco de mudar para o parque.

— Não podia ficar lá porque havia homens colocados no telhado da Dra. Barrie.

— Havia? Quantos?

Isto não constava do relatório.

— Dois atiradores de elite. Vigiavam os pátios traseiros e os telhados de ambos os lados.

— Estavam sempre nos seus postos?

— Só quando a Dra. Barrie estava em casa. Quando ela ia trabalhar, ficavam dois agentes no apartamento, mas o resto da brigada de protecção ia com ela. Quando ela regressava a casa, voltavam às posições e verificavam tudo antes de a deixarem entrar.

— Ela chegou a casa por volta das oito e meia da noite — disse Stone. — Assim, o Tom teve muito tempo para subir ao telhado, depositar a bomba e partir. Mas como é que sabia a que horas é que ela voltaria para casa?

— Não precisava de saber a hora exacta. Ela trabalhava sempre até tarde.

— Tens a certeza?

— Conheci um dos rapazes da equipa de protecção e conversei um bocadinho com ele. Disse-me que aquela missão era um pesadelo porque os horários da Dra. Barrie eram loucos. Aonde vai?

— Estou a seguir uma linha de raciocínio. Espera aí. Volto já.

Tom Waverly deixara uma mensagem na sua posição de atirador. Também passara algum tempo no telhado da casa de Eileen Barrie, pelo que podia igualmente ter deixado aí uma mensagem. Stone destrancou o cadeado e rasgou a fita da polícia, acendeu a lanterna emprestada e entrou no corredor escuro. O tecto abatera e cheirava intensamente a fumo, a tinta e a madeira queimadas. Foi caminhando, entre gesso caído e poças de água, até à escadaria, subindo-a até ao topo, onde a porta para o telhado plano do edifício estava presa num único gonzo.

O amontoado de chaminés de tijolo caíra durante a explosão e o telhado cederá em volta delas, expondo traves carbonizadas. Stone rodeou o buraco, apontou a lanterna na direcção da tijoleira da fachada do edifício sem encontrar nada de interesse, depois trepou para o telhado da casa vizinha, aquela por onde Tom Waverly entrara.

Percorreu o perímetro do telhado, os sapatos esmagando gravilha, apontando a luz para aqui e acolá. Descortinou beatas recentes e uma lata de refrigerante amolgada junto da parede divisória, provavelmente abandonada pelos atiradores, e um ar condicionado velho. Além disso, havia uma cadeira de jardim em alumínio, ao lado da balaustrada, na parte da frente do telhado.

Embora pudesse encontrar-se ali uma cadeira por uma razão perfeitamente normal — talvez alguém gostasse de se sentar no telhado nos dias quentes de Verão, observando o panorama ao longo do rio até Nova Jérсия e apanhando um pouco de sol —, Stone sentiu um pequeno arrepio quando a viu. Aproximou-se da balaustrada e perscrutou a estrada, as filas de luzes, os cavaletes que bloqueavam o passeio em frente da casa, o táxi estacionado diante desta, o seu tejadilho da cor de uma nódoa negra antiga. Sentou-se na cadeira, observou as árvores do parque longo e estreito, as luzes de Hudson Parkway, a linha litoral de Nova Jérсия piscando do outro lado do rio... e lembrou-se de Tom Waverly durante os churrascos, sentado numa cadeira idêntica, um potentado alcoolicamente benevolente, observando a filha que, de joelhos, procurava as moedas que ele escondera no relvado. A cadeira que Tom afirmava ser o seu local favorito na Terra, onde gostava de beber cerveja enquanto via o Sol a pôr-se para além do pequeno lago; a busca das moedas espalhadas à sua volta era um jogo que ele e Linda adoravam.

Uma caça ao tesouro.

Stone percorreu com os dedos a gravilha de ambos os lados da cadeira, depois enterrou-os mais, as pontas dos dedos arranhando papel alcatroado, sem encontrar nada. Porém, às vezes, Tom também escondia moedas *debaixo* da cadeira. Stone afastou a cadeira para um lado e procurou. Quase imediatamente, encontrou um pedaço de cartão fino: a tampa de uma carteira de fósforos. Devia ter sido ali colocada recentemente, pois não estava enrugado pelo tempo. Arrepios subiram-lhe e desceram-lhe pela coluna quando a colocou sob a luz da lanterna e leu as palavras.

É a letra do teu pai?
— Sem dúvida.

Linda Waverly examinava a tampa da carteira de fósforos sob a luz interior do táxi, segurando-a pelas pontas, entre o indicador e o polegar. Escrito a caneta azul sobre o cartão vermelho, quase ocultando o logótipo de um bar, estava um número de telefone de Nova Iorque e a data do dia seguinte, com a indicação, *9.30 a.m.* No verso, escrito com a mesma tinta: *Adam, não faltes.*

— Como podia ele ter tanta certeza de que a encontraria?

— Sabe como eu trabalho. Sabia que inspeccionaria o cenário e supôs que veria a cadeira e me lembraria do jogo que ele costumava fazer contigo. Era uma suposição fácil — disse Stone, tirando-lhe a tampa da carteira de fósforos da mão e metendo-a no bolso do casaco.

Estava excitado e — algo que não esperava — feliz. Feliz por estar de volta ao trabalho no terreno, feliz por descobrir que as suas capacidades não estavam tão enferrujadas como julgara. Embora só estivesse naquele feixe há algumas horas, confirmara que Tom Waverly queria estabelecer contacto e descobrira uma forma de chegar até ele. Talvez Tom quisesse entregar-se. Talvez, dentro de um dia ou dois, ele pudesse voltar para Nova Amsterdão, para a Susan e o Petey.

— Podíamos ligar agora e ver se ele está em casa — sugeriu Linda.

— Ele não me diz para lhe telefonar, diz-me para ir lá.

— Como é que pode visitar um número de telefone? Espere... é de uma cabina, não é? Ele quer que esteja num sítio público, para ver se vai acompanhado, antes de estabelecer contacto.

— Essa é uma possibilidade — admitiu Tom. — A outra é que seja ele a telefonar-me para me dizer aonde devo ir. Seja como for, o que tenho de fazer agora é descobrir a localização deste telefone.

— O escritório local terá, com certeza, uma lista de moradas pelos números de telefone — disse Linda. — Podia ligar-lhes já...

— Prefiro verificá-lo pessoalmente — disse Stone. — Quanto menos pessoas souberem disto, melhor.

— E depois?

— Depois podes levar-me ao hotel.

— Quero estar lá quando ele lhe telefonar — disse Linda. — *Deveria* estar lá!

— Ele pediu para falar comigo, Linda. Lamento, mas é a única maneira...

Alguns quarteirões abaixo da rua escura, dois *sedans* brancos dobraram uma esquina com um chiar de pneus e avançaram na direcção do táxi.

— São teus amigos? — perguntou Stone.

— São locais — respondeu Linda, piscando os olhos por causa do brilho dos dois conjuntos de faróis. — Devia ligar ao Sr. Welch.

Parecia zangada e determinada, nem um bocadinho temerosa. Sem dúvida, era filha do seu pai.

— Primeiro, vejamos o que pretendem — disse Tom, vendo homens de fato saírem dos carros, sacando das armas enquanto se separavam para a esquerda e para a direita, subindo os degraus da casa de pedra castanha ou atravessando a rua, encaminhando-se para o parque. Locais, montando um espectáculo.

Um homem alto, de fato riscado, dirigiu-se ao táxi, bateu à janela junto da cabeça de Stone e disse o seu nome, recuando quando Stone abriu a porta e saiu.

— Ed Lar — apresentou-se o homem. — Não nos conhecemos, mas aposto que o David Welch lhe falou de mim. E é claro que sei quem você é. Importa-se de me mostrar o que descobriu?

— Importa-se de me mostrar uma identificação? — O coração de Stone batia com força, embora se sentisse calmo e descontraído; estava mais ou menos à espera disto.

Lar pôs a sua identificação diante da cara de Stone. O agente do FBI tinha quarenta e poucos anos, cabelo sem cor particular, penteado para trás, um rosto esguio e brilhantes olhos azuis.

— Sei que encontrou lá em cima alguma coisa que escapou aos meus homens, Sr. Stone. Estou verdadeiramente impressionado.

— Como é que me vigiaram?

Lar apontou um polegar ao céu negro.

— Pedimos-vos tecnologia emprestada. Um par de aviões teledirigidos camuflados, equipados com câmaras que podem contar-lhe os cabelos um a um, antenas parabólicas capazes de o ouvir respirar.

— Teria sido mais fácil pôr o táxi sob escuta.

— Mas menos divertido. Pode entregar-nos o que encontrou agora, ou podemos perder tempo na esquadra. Como queira.

— Dentro do espírito de cooperação — disse Stone, puxando a carteira de fósforos para fora do bolso, com dois dedos. — Tenha cuidado. Pode ter impressões digitais.

Lar tirou-lhe o pedaço de cartão e segurou-o à luz dos faróis dos *sedans*.

— Acho que ambos sabemos quem é que deixou esta notazinha.

— Há-de reparar que me é dirigida.

— Pois, e o senhor encontrou-a tão facilmente que não posso deixar de pensar se terá algum plano em conjunto com o Sr. Waverly.

— Ele queria que fosse eu a encontrar isto. Foi por isso que o deixou naquele sítio. E eu, Sr. Lar, não posso deixar de pensar por que razão está a filha dele envolvida nisto.

Lar olhou de relance para Linda Waverly, que os observava através da porta aberta do táxi.

— Que quer dizer com isso?

— Usá-la como isco para fazer o Tom Waverly aparecer foi ideia do Tom Welch, ou planearam tudo juntos?

— Pelo que me diz respeito, não precisamos que nenhum de vocês encontre o filho da puta — disse Lar. Chamou um dos seus agentes, entregou-lhe a tampa da carteira de fósforos e mandou-o descobrir a quem pertencia o número de telefone.

— Tom Waverly quer falar comigo, Sr. Lar. Com mais ninguém. Quer que eu esteja nesse telefone amanhã, às nove e meia. Se não for eu a atender, desliga. Perderemos a oportunidade de saber o que pretende.

Lar desviou o olhar para o parque do outro lado da rua. Luzes de lanternas dançavam na escuridão por trás das árvores.

— Ele quer abalar as nossas cadeias. Fazer-nos perder tempo e recursos, marcando um encontro ao qual não tenciona comparecer, pois enquanto estivermos ocupados com a sua manobrazinha de diversão, tentará ultrapassar a segurança em Brookhaven.

— É possível que tenha razão, mas não podemos correr o risco, não acha? — perguntou Stone.

Lar cerrou os olhos com o polegar e o indicador da mão direita. Após alguns momentos, disse:

— Falarei com o Welch e depois quero falar consigo e com a Menina Waverly. Dou-lhe boleia para o hotel.

— Agradeço a oferta, mas já tenho boleia.

...

Quando partiram, Stone pediu a Linda que ligasse para o escritório local da Companhia e descobrisse a localização do telefone.

— Não disse que verificaria isso pessoalmente?

— Isso foi antes de o Sr. Lar levantar o lodo.

Linda aninhou o telemóvel entre o ombro e o ouvido, identificou-se e comunicou o código do dia, depois recitou o número de telefone.

— Acho que devem procurar na lista telefónica da Companhia antes de tentarem a lista dos assinantes.

Escutou por alguns momentos, depois agradeceu à pessoa do outro lado da linha, desligou o telefone e informou Stone:

— É uma cabina, claro. Um de seis números consecutivos em Duffy Square. Quer ir lá ver?

— Aqui, Duffy Square fica a norte da Times Square?

Linda assentiu.

— À parte os danos causados pela bomba atómica, tudo o resto fica mais ou menos no mesmo sítio que no Real. É bom, não é? Quero dizer, que o meu pai queira falar.

— Claro que é. — Que mais podia ele dizer? Além disso, também queria acreditar no mesmo. — Acho que é melhor lewares-me ao hotel — acrescentou. — Preciso de falar com o Welch, esclarecer este assunto com os locais.

— O bar onde ele arranjou aquela carteira de fósforos... — começou Linda.

— É pouco provável que o teu pai volte lá, Linda. Embora tenha a certeza de que o Sr. Lar o porá sob vigilância, só para garantir.

— Fica em Alphabet City e tem música ao vivo, todas as noites, o tipo de coisa antiga que o meu pai aprecia. Há outros lugares assim. Estava a pensar verificá-los.

— Estás a pedir-me permissão, ou a pedir-me que vá contigo?

— Podia ajudar-me a convencer o pessoal dos bares a falar. A propósito, os nossos amigos do *Dodge* branco continuam a seguir-nos. Na outra faixa, três carros atrás.

Stone meditou por momentos. Agora que os locais andavam em cima dele, talvez não fosse má ideia ter alguém que o ajudasse a desviar-lhes a atenção. E, embora não houvesse praticamente nenhuma hipótese de encontrar Tom Waverly, poderia ver como é que Linda se comportava e ter uma ideia de como se passavam as coisas naquele feixe...

— Se vou andar contigo de bar em bar, não quero passar o tempo todo a olhar por cima do ombro.

— Nesse caso, vem comigo?

— Não foi o que eu disse? Mas só se conseguires livrar-te dos nossos amigos.

— Vamos esperar até chegar a Atom City — disse Linda. — Aí não será fácil disfarçarem. Na verdade, também não será fácil para si, de fato e gravata. A primeira coisa a fazer é arranjar-lhe roupas apropriadas.

Quando a bomba atômica rebentara sobre o Hudson, tempestades e ventos de quatrocentos quilómetros por hora haviam arrasado todos os edifícios do lado ocidental de Manhattan, abaixo de Houston Street. A leste da Broadway, os andares superiores dos edifícios mais altos ainda estavam carbonizados e muitos deles devolutos, descarnados e sem janelas, no meio de montes de escombros. Linda Waverly explicou a Stone que a geografia social de Manhattan, aqui, era ao contrário. Os sobreviventes com dinheiro haviam-se afastado o mais possível do *Ground Zero*, expulsando os pobres do Harlem e do Bronx e realojando-os em edifícios altos de habitação social, construídos sobre as ruínas de Greenwich Village no âmbito do projecto de reconstrução financiado pelos Europeus. Apontou uma torre alta e esguia, perfilada de luzes verdes e vermelhas, mais ou menos na localização do Pan-American Trade Center no Real e onde cresciam os leitos de juncos ao longo da margem, no limiar da quinta de Susan.

— A Torre da Amizade Atlântica — informou. — Transporta o tráfego de televisão e rádio nova-iorquino. Antes de atravessarmos o espelho, era popular entre os turistas europeus. Costumavam subir até ao cimo para terem uma boa panorâmica do *Ground Zero*.

O Lower East Side, rebaptizado Atom City, estava essencialmente intacto, embora muitos edifícios se encontrassem escorados por sólidas barras de madeira. As avenidas A, B e C haviam sido rebaptizadas como Alfa, Beta e Cobalto 60. Os carros e os táxis formavam filas, quase encostados uns aos outros, ao longo das ruas esburacadas, reflexos de anúncios de néon sobre os pára-brisas, e os peões não cabiam nos passeios apinhados. A maioria tinha menos de trinta anos, vestidos com roupas que pareciam dos seus avós, homens de chapéus e fatos de lapelas largas, mulheres de vestidos com saia rodada ou camisolas com missangas e saias até ao tornozelo. Jovens duros, de blusões de cabedal ou t-shirts e jeans encostavam-se às portas, inspecionando, com olhares insolentes, as multidões. Grupinhos de soldados ou de marinheiros chamavam uns pelos outros. Vendedores ambulantes ofereciam cachorros-quentes e dónutes, *pretzels* e massa chinesa. Um rapaz de blusão vermelho espancava uma pilha de caixotes de cartão e de plástico com um par de baquetas.

Depois de Linda encontrar um lugar e estacionar o táxi, o *Dodge* branco passou por eles. Os dois homens no seu interior olhavam em frente.

— Dispa o casaco — aconselhou Linda. — Temos de lhe arranjar outra roupa. Isso vai ajudar-nos a despistar aqueles tipos e, nos lugares aon-

de precisamos de ir, é capaz de se meter em sarilhos se estiver com esse fato.

— Disseram-me que os locais eram amigáveis.

— Temos boas relações com o governo, mas nas ruas há muitas pessoas a quem a nossa presença não agrada tanto. Bandos de rua, estudantes, pessoas que param nos bares de estudantes mas não o são, não sei se percebe.

Encontraram uma loja de roupa em segunda mão, uma cave caiada, atulhada de pilhas de smokings e camisas havaianas, vestidos e camisolas de algodão, sobretudo de lã. Linda ajudou Tom a escolher uma camisa de lã vermelha com colarinhos longos e pontiagudos e um blusão azul-marinho largo, que escondia mais ou menos a sovaqueira, deu um passo atrás e analisou-o, inclinando a cabeça para um lado. Era quase da altura dele, vestida com uma camisa verde e calções de caqui pelo joelho. Segurara a massa de caracóis vermelhos debaixo de um velho chapéu de feltro deformado. A menina de Tom Waverly, tão crescida!

— Que tal pareço? — perguntou Tom, sentindo-se divertido e um bocadinho ridículo.

— Como um polícia secreto que saltou da cama à pressa — respondeu Linda. — Porém, à média luz num bar apinhado, passará por um ser humano normal.

Andaram de bar em bar, comprando bebidas em que não tocavam, inspeccionando os clientes, mostrando aos empregados uma fotografia de Tom Waverly que Linda trouxera, indo-se embora depois. Não pareciam ser seguidos. Num clube que ocupava uma garagem de autocarros remodelada, com feixes de luzes coloridas penduradas das armações do tecto alto e uma banda de três membros a tocar um *blues*, Linda persuadiu um dos empregados a deixá-los sair pela porta de incêndio. Saíram rapidamente e circundaram Tompkins Square e a cidade das tendas para os sem-abrigo, que fora montada por baixo das árvores.

— Acho que perdemos os nossos amigos — disse Stone.

— Está a divertir-se!

— Suponho que me faz lembrar os bons velhos tempos.

Por um momento, o fantasma de um Tom Waverly jovem, exuberante e imprudente tocou-os a ambos.

— Há mais um lugar que gostaria de ver — disse Linda.

Ficava no segundo andar de um velho edifício residencial escondido atrás de uma floresta de escoras de madeira. Stone seguiu Linda através de um estreito lance de escadas até um espaço constituído por três ou quatro salas cujas paredes divisórias haviam sido deitadas abaixo, repleto de jovens com roupas antiquadas, bebendo cerveja e vinho em copos

de papel e fazendo uma algazarra sob o tecto de lata. A maioria estava a fumar. Na grande sala ao fundo, num estrado pequeno e baixo em frente das janelas cerradas com chapa ondulada pintada de vermelho brilhante, um homem e uma mulher empoleiravam-se em bancos de bar, com guitarras acústicas no regaço. A audiência sentava-se em sofás estragados e cadeiras de cozinha, ouvindo a mulher cantar como a morfina havia de ser a sua morte.

Stone e Linda permaneceram atrás do público. A cantora tocava guitarra rítmica e usava um vestido às flores até às canelas e botas de vaqueiro de couro trabalhado, o rosto pálido emoldurado por cabelos castanhos-avermelhados com risco ao meio, olhos escuros, graves e fixos. O colega, com um fato cinzento, cabelos negros emaranhados ao longo do belo rosto irlandês, dobrava-se sobre a guitarra, acompanhando com algumas frases em espanhol. Tocaram uma música acerca de John Henry. Tocaram uma canção bonita acerca de uma corajosa florzinha chamada «acony bell». Tocaram outra acerca do cuco, que canta enquanto voa. Canções que provocaram arrepios em Stone, recordando-o do baile das colheitas duas semanas antes, das melodias tocadas nos baptizados, nas festas de construção de celeiros, nos piqueniques do 4 de Julho. A cantora e o seu acompanhante pareciam viajantes de longínquas colinas azuis, chegados à cidade arrastando o peso de uma América perdida e quase esquecida.

Num intervalo, enquanto os músicos pousavam as guitarras e conversavam com alguns amigos da audiência, Linda explicou a Stone que aquele bar era o centro da cena revivalista.

— Da primeira vez que atravessámos o espelho, só tinham música popular europeia, *heavy metal* europeu, música de dança europeia. Depois do contacto, houve um florescimento cultural, uma redescoberta das raízes americanas. Têm *gospel*, todo o género de *blues*, *dozens*, *grunge*...

— *Grunge*?

— É como o *heavy metal*, mas tocado depressa à brava, existe *grunge* ácido, *grunge* apocalíptico, *grunge* de garagem... todos os géneros. É o que os miúdos brancos põem a tocar nos quartos para irritar os pais, quando não estão a tocar *dozens*.

— E o Bob Dylan? Se o encontrássemos...

— Encontraríamos o meu pai. — Linda sorriu a Stone por baixo da pala do chapéu de feltro. Estavam muito perto um do outro, para se conseguirem ouvir sobre o barulho da multidão. Ele sentia o calor do corpo dela. Um cheiro leve a patchuli. — Já tentei, mas acho que neste feixe o Dylan não se dedicou à guitarra.

— Talvez esteja aí em qualquer lado, nos circuitos menos conhecidos. Se calhar ainda não se tornou conhecido. E o Elvis Presley?

— Aqui é só actor de cinema. Começou como cantor, mas depois da guerra dedicou-se aos filmes. Vi-o num, *O Dia do Juízo*. Interpretava um senador corrupto do Sul.

— Diria que este feixe está trinta por cento na escala de Elvis.

— Lembro-me de como você e o meu pai costumavam brincar com coisas desse género.

— De volta aos bons velhos tempos.

Stone não confiava inteiramente em Linda. Ela era inexperiente e ingénua, e David Welch estava certamente a usá-la para se aproximar dele, mas tinha a certeza de que ele ia precisar de ajuda no dia seguinte e, no fim de contas, ambos queriam a mesma coisa. Ambos queriam encontrar Tom Waverly antes dos locais, e trazê-lo de volta vivo.

— Quando foi a última vez que viste o teu pai? — perguntou-lhe.

— Há três anos. Mesmo antes de ele atravessar o espelho pela última vez. Desapareceu, aqueles insurgentes reivindicaram o seu rapto e depois foi, oficialmente, declarado morto.

— Que tal te pareceu?

— Um pouco mais silencioso do que habitualmente, um pouco preocupado, mas isso pode ser só a minha visão retrospectiva. Sabe como ele era. Era sempre difícil saber exactamente em que estava a pensar.

— Por acaso viste o apartamento dele depois do seu desaparecimento?

— Foi esvaziado pela Companhia, não fosse ele ter deixado qualquer informação importante por ali. Enviaram-me algumas caixas de objectos pessoais, principalmente roupa e discos.

— Nada informático? Cadernos, ficheiros, cartas?

Linda abanou a cabeça.

— Falámos algumas vezes ao telefone, mesmo antes de ele desaparecer. Falou acerca de uma mota que andava a pensar comprar, de uma longa viagem que planeava. Pode ter sido apanhado em alguma coisa contra a sua vontade. Podem ter-lhe feito uma lavagem ao cérebro.

— É possível.

— Mas não lhe parece.

Stone sorriu. — Tenciono perguntar-lho na primeira oportunidade.

Os dois músicos voltaram ao estrado. A mulher disse à audiência que tocariam apenas mais um tema e, durante o murmúrio de expectativa, iniciou uma longa e nostálgica canção acerca de uma estrada que a levaria de volta a casa, ao seu amor perdido. Uma estrada como uma fita sinuosa, uma fita sinuosa com uma faixa de ouro. Uma estrada para voltar para ti. Por breves instantes, tudo pareceu parar excepto a música; só a música mantinha o tempo a avançar.

Stone ficou tão preso ao seu encantamento que ao princípio não se aper-

cebeu do som que vinha do bolso do seu casaco. Tirou o telemóvel, viu que era Welch quem lhe telefonava, premiu o botão *Aceitar* e disse “Espera”, atravessando a multidão até à casa de banho das traseiras, incomodando um par de adolescentes com camisas de seda desalinhas e *eyeliner*, que partilhavam um cigarro de marijuana. Stone fechou-se num cubículo vazio e disse a Welch que falasse.

A voz de Welch arranhou-lhe os ouvidos.

— Que diabo estás a fazer em Atom City?

— A Linda Waverly disse-te aonde vínhamos, ou também tens tipos atrás de mim?

— O telefone diz-me onde estás.

O cheiro doce e forte da droga misturava-se com o cheiro a urina e a desinfetante.

— Também te diz que não estou de serviço? — perguntou Stone.

— Não me parece que não estejas. Acho que estás a seguir uma pista dada por aquele papel que encontraste hoje.

— Aposto que o Sr. Lar apareceu aí para te contar.

— Julgava que tínhamos um acordo, Adam. Tudo o que encontrasses, dizias-me primeiro.

— Os locais andavam atrás de mim. Apareceram assim que viram que encontrara alguma coisa. E, se calhar, estou só um bocadinho lixado contigo, David, porque deste à filha do Tom a tarefa de me conduzir pela cidade.

— Esquecia-me de te perguntar. Que tal está a correr?

Stone ouviu o tom divertido da voz de Welch e imaginou o seu sorrisinho malicioso.

— O Tom não tentou aproximar-se dela, se é isso que queres dizer.

— Ela não é um isco melhor do que tu, Adam.

— Temos de falar acerca disso. Esclarecer as coisas.

— Boa ideia. Amanhã estou no hotel às seis e meia, para tomarmos o pequeno-almoço. O Ed Lar aparecerá às sete. Podes agradecer-me por o ter convencido a deixar-te vigiar o telefone.

— O de Duffy Square? É claro que o vou vigiar. O Tom espera que eu esteja lá amanhã às nove. Eu, e mais ninguém. Se ele vir que estou rodeado pela autoridade local, cancelará tudo.

Stone tinha a certeza de que Tom não se encontraria em qualquer lugar perto de Duffy Square, mas não queria perder tempo a esquivar-se à vigilância local depois de saber aonde Tom queria que ele fosse.

— Temos de cooperar com os locais, Tom. As coisas são assim.

— Se não conseguires travar o Lar e os seus homens, as coisas podem piorar rapidamente.

— Tenho a certeza de que arranjarás uma maneira de contornar isso. Amanhã falamos e vemos o que se pode arranjar.

— Talvez me possas dizer alguma coisa agora. Porque é que há tanta gente da velha guarda envolvida? Há o Tom, claro, além de mim e de ti, o Nathan Tate... sei lá quantos mais. Gostava de saber se tem alguma coisa a ver com o Velhote.

— O Velhote está acabado. A maior parte do seu cérebro não funciona. Não é capaz de encontrar o caminho para fora das fraldas.

— Da última vez que falei com ele, a meio daquela trapalhada da ESPADA VELOZ, disse-me que precisava de alguns homens dos bons. Não chegou a explicar o que pretendia deles, mas não posso deixar de me perguntar se alguns dos seus antigos anjos pistoleiros ainda trabalham para ele. E também não posso deixar de me perguntar se isto terá alguma coisa a ver com o actual problema interno da Companhia.

— Podemos perguntar isso ao Tom, quando o apanharmos — foram as últimas palavras de Welch antes de desligar.

Linda aguardava-o à porta da casa de banho.

— Tenho pena de não ter ouvido o resto da canção.

O que não deixava de ser verdade.

— Despertou algumas atenções — disse Linda. — Só os Homens de Negro andam com telemóveis.

— Homens de Negro?

— É o que os locais que não gostam de nós nos chamam. Como o tipo que me apareceu à frente agora mesmo, perguntando porque é que eu andava com o inimigo. Não faz mal, estava um bocado bêbado, foi fácil lidar com ele. Mesmo assim, parece-me melhor irmo-nos embora, antes que alguém arranje um sarilho a sério.

Ainda não tinham andado um quarteirão quando um *sedan* em mau estado, com grossos pára-choques cromados e abas em forma de foguetão, parou em cima do passeio. Saíram três jovens de cabeças rapadas, peito nu sob coletes de camuflado do exército e calças de ganga preta dentro de botas de combate pesadas. Pareciam todos irmãos de uma família com pouca sorte. O mais alto tinha tatuada a bandeira da Confederação de um dos lados do pescoço e abriu uma faca de borboleta enquanto avançava para Stone; os outros dois mantiveram-se à distância, batendo as pontas dos bastões de basebol de alumínio no passeio, enquanto o da faca dizia a Stone que ia descobrir a cor das suas tripas.

— Pois está bem, filho, fá-lo — disse Stone.

Deu um passo para dentro do movimento giratório que o miúdo fazia com a faca, segurou-lhe o pulso e rodou-o, torcendo-lhe o braço até o om-

bro ceder com um estalo agudo. O rapaz gemeu e deixou cair a faca; Stone empurrou-o e puxou da Colt .45.

Linda apontava também a sua pistola. Os dois rapazes com tacos de basebol iam-se afastando dela. Stone observou o miúdo com o braço deslocado a cambalear atrás deles, viu-os tombar para dentro do carro e partir com um provocador toque de buzina.

— Portaste-te bem — disse Stone a Linda.

Ela teve alguma dificuldade em introduzir a pistola, uma pequena e brilhante Beretta, no estojo sob a bainha da camisa verde, sorrindo tremulamente.

— Pelo menos, ficámos a saber que despistámos mesmo o pessoal do Ed Lar. Eles teriam caído em cima desses idiotas.

— Porque não me levas a um sítio calmo para tomar uma bebida? Temos de falar acerca das nossas actividades para amanhã.

Parece que tiveste um desentendimento com a versão local dos Viajantes no Tempo — disse David Welch depois de Stone lhe contar a escaramuça com os três delinquentes. — Eram um gangue de supremacistas brancos. Agora são um autoproclamado movimento patriótico que tem por alvo quem quer que venha do Real; reivindicaram um ataque com bombas de pregos a uma clínica ambulatória da Cruz Vermelha em Newark, há alguns dias. Francamente, ninguém se teria importado se vocês tivessem dado cabo deles.

Estavam na sala de refeições do hotel. As luzes dos candelabros de cristal pareciam demasiado brilhantes àquela hora matutina. Os empregados dispunham loiça de prata sobre as mesas cobertas com toalhas de linho. Welch dedicava-se a ingerir uma pilha de panquecas com acompanhamento extra de bacon canadiano, interrompendo-se de vez em quando para dar uma passa no cigarro que ardia no cinzeiro de cristal junto do seu cotovelo.

— Vais arrepender-te desse pequeno-almoço pesado, se tivermos de ir atrás do Tom — disse Stone, que comera metade de uma toranja e tomava café simples com açúcar.

— Não tenho planos de ir atrás de ninguém — disse Welch —, e também não espero que tu vás. O que vai acontecer é que o Tom te vai telefonar e tu vais falar com ele e elaborar um plano para o trazer vivo.

— O Tom quer falar comigo, até aqui estamos de acordo. Mas como podes saber que pretende render-se?

Welch mergulhou uma garfada de panqueca em geleia e levou-a à boca.

— O Tom foi um bom operacional de campo no seu tempo, mesmo um dos melhores, mas não é o Super-homem. Sabe que não é capaz de escapar deste feixe e sabe que a rede se está a fechar à sua volta. Por isso deixou essa mensagem na cena do crime. Quer falar com alguém conhecido e de confiança, para arranjar uma maneira de se entregar em segurança.

— Espero que tenhas razão.

— Claro que tenho razão. O Ed Lar terá mantido os seus psicólogos acordados toda a noite, escrevendo guiões para diferentes cenários. Mas tu és amigo dele, Adam. Não precisas de guião nem de treino. Só precisas de o deixar falar. Incentivá-lo, ser afável, concordar com tudo o que ele pedir. Acima de tudo, convencê-lo de que estás do seu lado. Não deve ser assim tão difícil. Afinal, ele correu alguns riscos para chegar até ti. Foi uma pena o Ed Lar descobrir isso da carteira de fósforos, mas o mais importante é que foste tu a encontrá-la. É o grito de socorro mais genuíno que já ouvi.

— Os locais estavam a vigiar-me de muito perto — disse Stone, ressentindo a forma como Welch retorcia as coisas. — Sabiam que eu encontrara alguma coisa e eu não estava em posição de o negar.

Welch enfiou outra garfada de panquecas na boca e falou com a boca cheia.

— O Ed Lar quer que mantenhas o Tom em linha tempo suficiente para o localizar. Quer que faças o Tom concordar com um encontro e sugerirá uns quantos locais possíveis. Cooperas com ele até onde puderes, mas lembra-te de que os locais não têm em mente os melhores interesses do Tom. Não querem trazê-lo vivo. Querem pô-lo bem à vista de um dos seus atiradores de elite.

A preocupação de Stone era que David Welch — ou o pessoal para quem ele trabalhava — também não tivesse em mente os melhores interesses de Tom. Já decidira que se encontraria com Tom como ele entendesse e não de acordo com os desejos de qualquer outra pessoa. Queria saber o que o seu velho amigo tinha a dizer e decidir a partir daí.

— Julgo que tenhas um plano para contornar os locais — disse.

Welch pegou no cigarro e deu uma passa. Um sorriso tão branco num rosto tão bronzeado, tão astuto. Sentia-se no seu elemento, atizando um lado contra o outro. Stone tinha a certeza de que ele sabia muito mais acerca dos excessos homicidas de Tom Waverly do que lhe revelara até ao momento, mas também tinha a certeza de que, caso provocado, negaria tudo sem alterar o seu sorriso mais de um milímetro.

— Há uma quinta no cu de judas que costumávamos usar para entrar secretamente neste feixe, antes de nos termos apresentado ao governo — disse Welch. — Esse portal já não existe, mas o local ainda é nosso. Tom sabe tudo acerca dele. Quando te ligar para esta cabina, deves sugerir-lhe um encontro na velha quinta. Ele perceberá perfeitamente a que te referes, mas os locais não perceberão nada. Diz-lhe que estarás lá à espera dele, sozinho e desarmado. Que vais despido até ao rabo, se ele quiser. E se ele insistir noutro local, fá-lo compreender que não podes garantir a ausência de locais.

— E nessa velha quinta? Não estarão lá atiradores da Companhia, à espera que o Tom se mostre? — Stone fez a pergunta por saber que Welch ficaria desconfiado se *ele* não se mostrasse desconfiado.

— Lembras-te do que dizia o Velhote acerca do trabalho no terreno? Aquela coisa que ele dizia ser uma citação de Kipling?

— “Não confiar em ninguém, é a única regra.”

— Aí está. Compreendo que estejas ansioso, Adam. Não te condeno. Porém, tens de acreditar quando te digo que a Companhia quer mesmo o Tom em segurança.

— É por ele saber alguma coisa acerca deste problema interno que está a incomodar tanto?

Welch ignorou-o.

— Ouve o que o Tom tem para dizer. Ele vai partir do princípio de que a linha está sob escuta, mas, mesmo assim, faz-lho notar. Lança a ideia do encontro na velha quinta. E se tiveres de abortar a ligação por qualquer motivo, assegura-te de que ele percebe porquê. Que saiba que aguardas um novo contacto.

— Também lhe posso dizer que tenho uma arma apontada à cabeça da filha. Que a mato, se ele não se entregar.

— Acho que ainda estás um bocadinho amargo por causa da minha surpresa. Ouve, Tom, se eu pensasse que ameaçar a Linda faria emergir o Tom, ficaria satisfeito se o fizesses, e tenho a certeza de que ela também concordaria. Mas não será necessário, porque o Tom *quer* entregar-se. A única coisa que temos de fazer é garantir-lhe segurança — Welch olhou para algo atrás de Stone, depois consultou o *Rolex*. — Vem adiantado. Deve estar ansioso por dar os seus palpites.

Stone virou-se e viu Ed Lar aproximar-se, conduzindo um pequeno grupo de civis e de polícias através de filas de mesas vazias.

— Ouve o que eles têm a dizer, mas não vás em treta nenhuma — disse Welch.

— Não tenciono ir nas tretas de ninguém.

O número que Tom Waverly escrevera na tampa da carteira de fósforos era de uma das cabinas que ficava numa curta fiada, no triângulo da Duffy Square, no extremo norte da Times Square. Stone sentou-se na base da estátua em tamanho real de George M. Cohan, mesmo em frente dos telefones, folheando um exemplar do *New York Times*. Usava o seu fato preto, um auscultador, um microfone de garganta e um radiotransmissor fixado ao cinto. Enquanto ia virando as páginas, a conversa ociosa da equipa de perseguição de Ed Lar sussurrava-lhe no auscultador. O trânsito passava de ambos os lados, uma avalanche pára-arranca de metal,

fumos de escape e um tumulto de buzinas. Táxis amarelos, autocarros, camiões do exército pintados de azul e branco, as cores do exército de Reconstrução e Reconciliação, uma variedade de veículos privados. Enxames de ciclistas apitavam e tocavam campainhas enquanto passavam pelas filas de veículos parados, avançando aos sinais vermelhos e fazendo tangentes aos peões.

Esta versão de Times Square tinha um aspecto antiquado e andrajoso. As fachadas dos velhos teatros ainda não estavam escondidas atrás de ecrãs de vídeo, os títulos das notícias ainda eram mostrados no painel electrónico e, no extremo sul, o *New York Times* ainda ocupava o elegante edifício ao estilo italiano. Stone recordou outro tempo, outro feixe — corpos espalhados no meio de escombros e de crateras, numa praça grande circundada por sólidos edifícios ao estilo grego, metade deles em chamas, todos muito danificados pelo fogo e pelos disparos, ar cinzento a saber a cordite e a carne podre. Era melhor pensar nos vidoeiros de Nova Amesterdão. Era melhor pensar em Susan. Nesse momento, devia estar a lavar aquele meio acre, esguia, forte e eficiente, de calças de ganga e uma das camisas do falecido marido...

Stone queria acreditar que daí a uns dias estaria de volta ao feixe First Foot, junto de Susan e de Petey. Que não teria de voltar a partir. Não possuía o optimismo disparatado de David Welch, mas Linda esperava-o num carro, na Baixa, e na noite anterior, no hotel, elaborara três métodos diferentes de escapar à vigilância dos locais, aos seus atiradores de elite e aos esquadrões pesados. Tudo o que tinha de fazer era desaparecer de vista, arranjar um encontro com Tom Waverly e, se Welch tivesse razão, se Tom estivesse em busca de uma estratégia de saída, arranjar uma maneira de o fazer passar à sorrelfa. Havia muitas falhas no esquema, principalmente, e para começar, a motivação de Tom para o contactar, mas Stone tinha um bom pressentimento acerca disso. Sentia-se animado e calmo. Estava no seu elemento, fazendo aquilo que fora treinado para fazer. Um jogador de volta ao relvado.

Do seu poiso, aos pés do *Yankee Doodle Dandy* da Broadway, podia ver dois homens de Ed Lar vestidos como funcionários da Companhia de Electricidade, atarefados a fazer coisa nenhuma em torno de uma vala. O grupo de intervenção rápida estava numa carrinha com autocolantes da Companhia de Electricidade, estacionada ali perto, observando Tom pelo vidro espelhado da janela de trás e pelo periscópio escondido no ventilador do tejadilho. O rapaz que vendia nozes assadas num carrinho à esquina da 45th Street era também um dos homens de Ed Lar, assim como o mendigo que importunava as pessoas sob o toldo do Shubert Theater. Ed Lar, David Welch, os psicólogos e dois capitães da polícia estavam no bar do hotel

Edison, segurando transmissores-receptores e a alimentação da escuta telefónica.

Stone, o centro de todas estas atenções, passou o tempo a tentar descobrir a história recente deste feixe através dos títulos dos jornais. Não precisava de ler muito para além das gordas das primeiras páginas, que eram todas sobre a guerra que decorria no Texas. Um diagrama mostrava o estado das linhas de batalha. Setas apontavam para Austin. Aparentemente, existiam boas possibilidades de que as forças americanas combinadas pudessem empurrar o Exército da Comunidade Europeia para o México por alturas do Natal. Também decorriam guerras na Arábia Saudita e na Pérsia. *Xá atribui tanques, cinquenta mil homens para a Frente Norte.*

A mesma velha história. Jimmy Carter tentava pacificar a América numa dúzia de feixes, mas na maior parte deles não estava a ser fácil.

Embora o acesso dos portais Turing originais a novos feixes fosse aleatório, até ao momento apenas tinham aberto para aqueles em que a História divergira em algum momento dos últimos cinquenta anos, ou onde não havia vida humana, apenas homens-macaco, os chamados feixes selvagens, onde os ancestrais dos humanos modernos há muito haviam morrido, e outras espécies de primatas haviam começado a desenvolver uma forma limitada de inteligência. Ninguém apresentara ainda uma teoria convincente para explicar por que razão nenhum portal dera acesso, até agora, a um feixe onde a América fosse ainda uma colónia da Grã-Bretanha, ou tivesse sido povoada pelos Chineses ou pelos Espanhóis, quanto mais feixes verdadeiramente exóticos onde os dinossauros ainda dominassem a Terra, por exemplo, ou onde os oceanos fossem povoados por lulas inteligentes. Alguns historiadores sugeriam que não existiam histórias exóticas porque, na verdade, a história global não emergira senão no século XX e apenas a História global podia afectar as mentes de uma maioria da população humana e causar mudanças à escala necessária para criar um novo feixe. Apontavam a variedade de Américas alternativas que passara pela guerra atómica e afirmavam que o que importava era o efeito da História sobre a consciência das massas, não as acções de indivíduos singulares; que os chamados grandes homens eram criados pela História, não o contrário; que as histórias a que os portais Turing permitiam acesso eram variações sobre um número limitado de temas, porque eram as mais prováveis de ocorrer.

Os físicos não concordavam. Diziam que a teoria quântica não distinguia entre o caminho de um fóton e o percurso de uma guerra atómica; que, embora as histórias mais divergentes durassem menos que um picossegundo, algumas sempre sobreviveriam, aleatoriamente, acumulando diferenças, até que voltar ao seu estado inicial deixasse de ser possível. Qualquer coisa que *pudesse* acontecer, *aconteceria*, num sítio ou noutro,

mas o acesso a uma infinidade de feixes estava limitado por um problema de cartografia. O multiverso era como uma folha de borracha que tivesse sido esticada, torcida e enrolada numa bola. Não era de admirar que todos os portais Turing abertos até agora dessem para feixes similares ao Real ou destituídos de ocupação humana, porque acontecia estes dois tipos de feixe terem uma relação topológica com o Real e serem, por isso, os mais fáceis de aceder. A seu tempo, com o desenvolvimento do espaço computacional explorado pelos computadores quânticos, novos portais Turing seriam capazes de estabelecer a ligação a feixes mais distantes e mais exóticos.

Algumas pessoas acreditavam que isso já acontecera: corriam rumores acerca de instalações secretas onde os portais se abriam para feixes muito além da imaginação ou entendimento humanos. Contudo, isto eram temas de ficção, uma fantasia pseudocientífica a par das teorias excêntricas de que o acesso a novos feixes era controlado por extraterrestres ou por computadores quânticos que, secretamente, haviam desenvolvido consciência, ou de que a realidade não era mais do que um jogo tecido por hiperinteligências não humanas que viviam no futuro distante, os filhos dos filhos dos nossos filhos, regressando ao seu passado e manipulando os seus ancestrais, guardando zelosamente a sua linha de tempo...

Stone consultou o relógio e virou uma página do jornal. Parecia que Elvis Presley e a quarta mulher iam separar-se.

A voz de Lar disse-lhe ao ouvido:

— Está atrasado.

— Talvez os seus trabalhadores da Companhia de Electricidade o tenham afugentado — disse Stone, e o telefone tocou.

— Todos a postos — disse Lar. — Avance, Sr. Stone. Atenda essa porcaria.

Assim que Stone disse o seu nome, Tom Waverly disse:

— Esquina da 44th com a 8th. Tens três minutos.

Stone desatou a correr, esquivando-se aos carros quase colados uns aos outros, com Lar a gritar-lhe no ouvido e o mendigo e dois homens da intervenção rápida atrás dele. A carrinha da Companhia de Electricidade arrancou a buzinar, tentando ultrapassar à força uma coluna de camiões do R&R Corps; a 44th Street era de sentido único e Stone corria ao contrário da direcção do trânsito. Lar continuava a gritar-lhe ao ouvido. Stone arrancou o auscultador e o microfone de garganta ao mesmo tempo que dobrava a esquina e avistava uma cabina telefónica. Lá dentro, o telefone tocava. Pegou no auscultador, fazendo uma inspiração que lhe magoou a garganta.

— Estou aqui — disse.

— Estás fora de forma — disse Tom Waverly. — Estás com amigos ou sozinho?

Um dos tipos da intervenção rápida chegou junto de Stone, respirando com esforço. O seu colega e o falso mendigo estavam atrás dele.

— Estou com alguns amigos, nada de importante — respondeu Stone.

— Diz-lhes que se deixem ficar para trás na próxima corrida, ou ficamos por aqui.

— Está bem.

— Dentro do terminal de autocarros — disse Tom Waverly. — Ao lado da casa de banho dos homens, no segundo andar. É só um par de quartos. Uma antiga estrela do atletismo como tu, é capaz de lá chegar em dois minutos.

— Tom...

— O cronómetro começou a contar — disse Tom Waverly, e desligou.

Stone agarrou o tipo da intervenção rápida pelo braço.

— Ele está a brincar ao gato e ao rato por telefone. Se me seguirem, fica sem efeito.

O homem repetiu esta informação para o telemóvel, escutou por momentos e depois abanou a cabeça.

— Lamento, Sr. Stone. Tenho de...

Stone deu-lhe um murro no maxilar. O homem caiu e Stone desceu a 8th correndo entre as filas lentas de camiões, carros e táxis quase colados uns aos outros. Sentia a camisa a colar-se e descolar-se nas costas. O alcatrão macio da estrada fustigava-lhe as solas finas dos sapatos. Soldados apinhados na traseira de um camião dirigiram-lhe incentivos. Um ciclista guinou para o evitar e bateu na traseira de um táxi. Stone tirou o transmissor do cinto e atirou-o para um cesto de papéis enquanto atravessava a intersecção na 42nd Street e penetrava no edifício cinzentão do Terminal de Autocarros da Autoridade Portuária.

O terraço do segundo andar estava cheio de autocarros e de filas de soldados e civis. Stone, respirando como uma locomotiva avariada, o suor a picar-lhe os olhos, avistou o símbolo das casas de banho e forçou a passagem através da multidão e dos autocarros barulhentos em marcha-atrás, o cheiro áspero do fumo do gasóleo. Um jovem soldado estava a usar um dos telefones. Stone tirou-lhe o auscultador e ouviu só o sinal de marcar. O soldado bateu-lhe na cara, Stone puxou da pistola e mandou-o desaparecer, quando outro telefone começou a tocar. Stone pegou-lhe e disse:

— Não era ninguém. Um soldado qualquer.

— Lembras-te da nossa última missão juntos, no feixe McBride? — perguntou Tom Waverly.

Stone sentia o sangue a latejar-lhe na cabeça. Todo o seu corpo estava pegajoso de suor.

— É difícil esquecer.

— Recorda-me o nome daquele tipo que sussurrava ao ouvido do Jack Walker.

— Era uma mulher cega. Chamava-se Molly Gee. Ouve-me um minuto — pediu Stone, falando rapidamente, com medo que Tom desligasse antes de ele acabar. — O David Welch quer que te peça para nos encontrarmos na velha quinta, mas sei que ele terá uma brigada à espera. Por isso, tomei medidas para me esquivar à vigilância sem deixar pistas. Podemos encontrar-nos onde quiseres, Tom. Só tens de me dizer a hora e o lugar, e eu estarei lá. Sem fios, sem escolta, só eu e tu, todo o tempo que quiseres.

— Sabia que podia confiar em ti, Adam. Foste sempre um soldado honesto.

— Fiz-te uma proposta séria, Tom. Se estás a divertir-te, a brincar comigo, a brincar com a Companhia, talvez seja melhor esqueceres.

Stone estava de costas para a cabina, com o fio revestido a aço sobre o ombro e o auscultador encostado à cara, enquanto inspeccionava o terraço sombrio e apinhado. Os autocarros repousavam sob o tecto baixo de cimento. Havia pessoas a entrar e a sair de autocarros, pessoas sentadas junto das janelas dos autocarros. Nenhum sinal de Tom Waverly. Também nenhum sinal de soldados do Lar, mas Stone sabia que eles haviam de aparecer.

Ouviu a voz de Tom Waverly.

— Trata-se de fazer as coisas em segurança e com bons resultados. Voltamos ao feixe McBride. Depois de te ter encontrado, enquanto esperávamos que nos fossem buscar, contei-te algo que nunca disse a mais ninguém. Lembras-te?

Por momentos, Stone não percebeu nada.

— Que é isto, Tom? Não sabes com quem estás a falar?

— Se não te consegues lembrar do que te disse antes de os helicópteros nos irem buscar, tenho de desligar.

— Falámos sobre muitas coisas. Eu estava estendido no chão, a sangrar e tu dizias-me para me aguentar, que tudo correria bem. O que me preocupou à brava, porque parecia que achavas que eu ia morrer. Ouve, Tom...

— Falei-te do orfanato, e esta é a única pista que terás.

Uma memória veio à superfície.

— Uma vez, invadiste o escritório do orfanato e viste a tua ficha. Descobriste quem era a tua mãe.

— Também descobri onde é que ela vivia, lembras-te? Onde ela vivia, onde nasci. Não digas o nome do lugar, diz-me só se te lembras.

— Lembro.

— Neste feixe, o meu pai portou-se bem e casou com a minha mãe. Ainda vivem nessa cidadezinha. O meu duplo também. Quero que vás lá

agora, Adam. Há um motel, o Crest Inn, mesmo a norte da linha férrea. Espera por mim aí. Se estiveres sozinho, falarei contigo.

— Lá estarei. Só mais uma coisa...

Mas Stone falava já para o sinal de marcar e havia um tumulto nas escadas do outro lado do terraço. O mendigo falso e um grupo de polícias à paisana empurravam a multidão, avançando para ele. Largou o telefone e correu na direcção oposta.

Stone apanhou o comboio A para Penn Station. O edifício *belle époque* original da estação, uma elaborada cópia dos Banhos Públicos Romanos de Caracalla, que fora demolido no Real para permitir a expansão de Madison Square Gardens, permanecia intacto neste feixe. Na exclusiva loja de desporto ao ar livre, num dos cantos da grande arcada, Stone comprou dois conjuntos de roupas, dois pares de botas de escalada e um saco de lona, e vestiu uma camisa castanha de bombazina, calças de ganga e um blusão importado, terrivelmente caro, à prova de água. Deitou o fato e os sapatos num caixote do lixo e percorreu as quatro estações de metro ao longo da Seventh Avenue.

Emergiu numa praça sombria, rodeada em três dos lados por projectos residenciais de vários andares, aguardou algum tempo nas escadas do metro e, não vendo nada de suspeito, foi calmamente até à 14th Street. O alívio inundou-o quando viu Linda Waverly sair do *Dodge* branco estacionado junto do passeio, os cabelos ruivos esvoaçando de cada lado do seu rosto pálido, sob o vento frio e ligeiramente radioactivo.

Não havia postos de controlo na Hudson Parkway; o rádio da polícia por baixo do painel do carro apenas transmitia conversa de rotina, sobre crimes de rotina. Depois de deixarem para trás White Plains e ele ter a certeza de que haviam escapado à vigilância das autoridades locais, descontraíu nos estofos de couro e contou a Linda a história das cabinas telefónicas, dizendo-lhe que o pai parecia saudável e controlado.

— Disse-lhe onde estava?

— Direcçionou-me para um sítio onde nos podemos encontrar.

— Julgo que não me vai dizer onde é.

— Por enquanto.

Ocorreu-lhe que Tom Waverly poderia ter dito à filha que descobrira onde nascera. Nesse caso, e se a Companhia o soubesse, o plano simples para estabelecer contacto podia revelar-se bastante mais complexo.

— A julgar pela sua nova indumentária, fica atrás do sol-posto. Algum sítio onde espera fazer um pouco de escalada.

Falava um pouco alto de mais, como se estivesse mais alguém no carro.

— Vês a bomba de gasolina, lá adiante? Vamos parar ali um bocadinho.

— Temos o depósito cheio.

— Paramos na mesma.

Stone comprara uma pilha de mapas locais e estudou-os enquanto Linda conduzia, informando-a de que se manteriam o mais possível em estradas secundárias.

— Se vamos para norte, a Taconic será mais rápida. Caso vamos para oeste ou leste, devemos apanhar a interestadual.

— Não temos pressa. E as estradas secundárias são mais tranquilas.

— Você não confia em mim — disse Linda sem tom, como se estivesse a comentar algo de totalmente incontroverso, como uma mudança no tempo.

— Não é nada de pessoal.

— Pareço estar a levar isto pessoalmente?

— Na verdade, pareces muito calma.
— Não confia em mim, não confia no Sr. Welch, mas julgo que deve confiar no meu pai, ou não estaria aqui.
— Vim para cá para o ajudar. É o que estou a fazer
— Porque, uma vez, ele lhe salvou a vida.
— Porque é meu amigo.
Percorreram mais alguns quilómetros.
— Podia contar-me isso. Essa vez que o meu pai lhe salvou a vida.
— Não devia ter falado nisso. Tive um momento de fraqueza.
— Se não quer falar nisso, se for demasiado embaraçoso, ou algo assim, compreendo. Mas gostaria que o fizesse, nem que fosse só para preencher estes silêncios terríveis, durante esta longa viagem para não sei onde.
— Fazes-me lembrar o teu pai — disse Stone.
— A sério?
— Quando ele queria que lhe contasses alguma coisa, insistia até tu cederes.
— Onde é que ele o ajudou?
— No feixe McBride. Conheces?
— Ouvi dizer que é muito mau. Tiveram uma guerra-fria entre a América e a União Soviética, exactamente como aqui, mas esta resultou num conflito nuclear mundial, não nas pequenas escaramuças que houve neste feixe.
— Espasmo global — disse Stone. — Ambos os lados se atacaram com tudo o que tinham. Todas as grandes cidades na América foram atingidas pelo menos uma vez. Morreram três mil milhões e meio de pessoas. Foi em 1968. Há oito anos, quando abrimos um portal para esse feixe, nada restava, a não ser gangues a combater por entre os escombros.
— E vocês foram lá para os ajudar a recuperar a civilização.
— Não exactamente. Fomos lá para eliminar o acérrimo inimigo de um louco que se tornaria presidente dos Estados Unidos, por falta de compaixão.

O General E. Everett McBride encontrava-se no posto de chefia do Comando Aéreo Estratégico, em Colorado Springs, quando a Terceira Guerra Mundial teve início. Os soviéticos haviam despejado bombas de hidrogénio sobre a montanha onde o posto de comando estava enterrado, reduzindo-lhe a altura em vários metros, transformando uma vasta extensão de paisagem rural num monte de escombros e evaporando Denver, por engano. O posto de comando, porém, sobrevivera, assim como a maior parte do seu pessoal; seis meses mais tarde, emergiriam para tomar o poder num país que existia, então, apenas na imaginação do general McBride.

McBride era um tecnocrata da Força Aérea, sem experiência de combate, e um cristão fundamentalista, convencido de que a guerra nuclear fora o próprio Armagedão. Todos os verdadeiros crentes e os mortos levantados haviam sido trasladados directamente para o Céu, como prelúdio da Batalha Final entre Satanás e o Cristo Ressuscitado, e McBride, com os seus soldados e técnicos, haviam ficado para trás por não possuírem fé suficiente. Agora, tinham de provar ser dignos de redenção, destruindo os inimigos do Senhor; em particular, identificando e derrotando o Anticristo, que projectaria nesse momento assumir o comando de todas as nações da Terra, provavelmente através das Nações Unidas. Desse modo, assim que fora seguro deixar os *bunkers* profundos do comando, McBride conduziu os seus homens numa cruzada em direcção à Costa Leste, mas ao fim de poucos dias deram com um grupo feroz e bem armado de sobreviventes. A maior parte do seu pequeno exército fora chacinado e os sobreviventes foram perseguidos até às montanhas. Quando a Companhia abriu um portal Turing para este feixe, oito anos depois, ele não passava de um mesquinho senhor da guerra, lutando para defender uns quantos quilómetros quadrados de território. Porém, apesar do seu estatuto insignificante, de sofrer de tuberculose e de sífilis e de os seus soldados serem dados a violar as mulheres capturadas e a torturar e canibalizar ritualmente os homens que recusassem converter-se à sua causa, o general Everett McBride ainda era, de acordo com as regras da sucessão, presidente dos Estados Unidos.

Auxiliado por cenários minuciosos, fornecidos pelos supercomputadores da Companhia, o Conselho Nacional para os Assuntos Secretos Externos decidira que McBride seria uma figura de proa adequada para a reunificação dos Estados Unidos, e agira a contento. Várias centenas de soldados das Forças Especiais derrubaram os rivais de McBride e estabeleceram uma espécie de governo na cidadezinha de Las Vegas, no Novo México, mas as tentativas de abrir caminho para oeste e sul (o território a norte, coberto pela pegada do desprendimento nuclear do forte ataque em Colorado Springs, seria inabitável até meados do século seguinte) foram travadas por ataques-relâmpago às colunas de abastecimento e assaltos aos acampamentos que recebiam ajuda do novo governo. Os guerrilheiros chegaram mesmo a conseguir abater vários helicópteros com granadas modificadas de propulsão a foguete. Quando interrogatórios cerrados aos inimigos capturados revelaram que esta resistência era controlada por um homem, Adam Stone e Tom Waverly foram enviados ao feixe McBride para acabar com ele.

Duas semanas mais tarde, Stone fora feito prisioneiro por uma patrulha de guerrilheiros, quando se dirigia às montanhas Sangre de Cristo para obter informações secretas numa aldeia de nativos americanos. Era um Inverno muito frio. Um vento contínuo soprava a neve seca, como se fossem

bolas de esferovite, contra a cara de Stone, que seguia os seus dois guias através de uma floresta escarpada de choupos e pinheiros mansos. Não lhe agradava pensar no que aquele vento norte, de cortar os ossos, poderia transportar do planalto de Colorado Springs e das múltiplas crateras do que outrora fora Los Álamos, mas era bom escapar ao caos esquálido de Las Vegas.

Embora tivesse sido declarada capital dos Estados Unidos há mais de um ano, a cidadezinha permanecia quase completamente em ruínas. O centro histórico fora queimado e saqueado logo a seguir à guerra e as condições extremas do clima pós-nuclear haviam deixado os subúrbios em pouco melhor condição. A base do exército, que se estendia junto do terminal ferroviário, com a sua pista de descolagem e os hangares, *bunkers* e perímetro de arame farpado, estava rodeada por campos crescentes de refugiados.

Fossas de esgoto eram cavadas ao longo da lama, havia uma coluna de água para cada cem pessoas e a única clínica estava regularmente sobrepovoada por epidemias de febre tifóide, febre-amarela e disenteria. O presidente McBride vivia num *bunker* de cimento e passava a maior parte do tempo bêbado, enquanto os seus soldados percorriam a cidade em jipes importados. Embora fosse suposto manterem a paz, saqueavam regularmente os campos de refugiados, roubando medicamentos e comida, e raptando as mulheres. As noites em Las Vegas estalavam sob fogo de pólvora e, todas as manhãs, dois ou três corpos mutilados eram descobertos em torno do perímetro do campo militar.

Nas montanhas, os únicos vestígios da guerra nuclear eram algumas encostas viradas a norte, onde a nova vegetação não escondera os troncos de árvores esmagados pela pressão do ataque em Los Álamos. Em todos os outros sítios, pinheiros e choupos espalhavam-se em todas as direcções, meio enterrados em montes de areia. A neve nublava o céu e soprava entre as árvores, amortecendo os cascos dos cavalos de Stone e dos seus dois taciturnos guias, seguindo por uma estrada velha.

A emboscada foi repentina, rápida e impiedosa. Um cavalo assomou entre árvores num dos lados da estrada e, antes que Stone ou os guias pudessem sacar das pistolas, um disparo rápido atravessou a neve. O cavalo de Stone saltou e recuou. Quando o conseguiu controlar, os guias estavam mortos e os guerrilheiros encontravam-se na estrada diante dele.

Eram oito, a maioria adolescentes magros e ferozes, com cabelos compridos engordurados em picos rígidos ou atados em rabos-de-cavalo, presos com penas tingidas de vermelho ou amarelo. Montavam pónéis ágeis, com caudas e crinas entrançadas, usavam peles e uma variedade de uniformes esfarrapados. Dois deles passaram rapidamente por Stone, os pónéis levan-

tando flocos de neve enquanto galopavam pelo trilho; dois apontaram-lhe espingardas M-16 enquanto o chefe segurava o freio do cavalo de Stone e o mandava desmontar e tirar a roupa. Os outros desmontaram e começaram a esquartejar os corpos dos guias.

O chefe era um negro cujo rosto era uma manta de retalhos de cicatrizes antigas. Usava um boné de pêlo e um casaco longo, costurado a partir do pêlo de uma dúzia de cães. Observou-o de perto, debruçado sobre o cabeçote da sela, enquanto dois dos soldados vasculhavam as roupas e a sacola de Stone. Examinou o radiotransmissor que um deles encontrou e perguntou a Stone se podia usá-lo para falar com as pessoas em Las Vegas.

— Claro.

Stone estava no centro de um círculo amplo de póneis e cavaleiros, usando apenas uma t-shirt, cuecas térmicas e meias de lã. Flocos gelados batiam-lhe nos olhos. Tentava não tremer ao vento gélido. Tentava não ver os corpos dos guias, nus e ensanguentados sobre a neve.

— Não há regras para não levarmos nada que seja eléctrico? — perguntou um dos adolescentes. — Essas coisas podem ser usadas para nos detectar.

— Se não estiver ligado, não serve para nada. E o Jack precisa de falar com os amigos deste homem — disse a manta de retalhos, ordenando a Stone que se vestisse.

— Para onde me levam?

Tinha dedos brancos de frio. Não conseguia abotoar a camisa.

— Para as montanhas — respondeu a manta de retalhos, com um sorriso que revelava gengivas sem dentes.

O par que descera o caminho voltou e conferenciou por momentos com o chefe. Stone teve autorização para voltar a montar e seguiu no meio do grupo, por uma subida coberta de neve pisada, através da floresta. Cada homem seguia como se fosse sozinho, não se ouvindo qualquer som além dos passos amortecidos dos póneis e o tinir das campainhas dos freios. A certa altura, parou de nevar. As árvores cederam caminho a uma crista rochosa que um vento incansável, soprando nos rostos dos cavaleiros, limpava de neve. Subiram a crista e começaram a descer para o vale. Passaram a vau um rio de águas rápidas que depois seguiram, enquanto a luz do dia ia esmorecendo.

Quando, finalmente, os guerrilheiros montaram acampamento, não acenderam qualquer fogueira. Beberam, ao crepúsculo, água do rio, e comeram rações frias da sacola de Stone e tiras torcidas de veado seco, sem sabor e duras como sola. Dois homens ficaram de sentinela. Os restantes dormiram todos juntos, um sono inocente como o dos animais, como se

fossem os primeiros homens a povoar um mundo que ainda não conhecesse o pecado.

Stone dormitou inquietamente, acordando uma vez com o barulho plangente dos lobos, sentindo os ossos gelados embora estivesse almofadado com todas as suas roupas e embrulhado no cobertor térmico. Ao nascer do dia, os guerrilheiros não lhe prestaram grande atenção enquanto se preparavam para sair, e acompanhou-os ao longo do curso do rio até à cabeça do vale, onde a água caía com um marulhar suave de um furo num penhasco alto, com pingentes espessos e mais altos que um homem. Desmontaram e prosseguiram por um trilho sinuoso através de cabeços cobertos de gelo limpo, numa fila única e guiando as montadas como peregrinos penitentes aproximando-se de um templo. No topo, voltaram a montar, atravessaram uma encosta rochosa salpicada de montículos esculpido pelo vento. Troncos despedaçados de árvores mortas dobravam-se para sul. Ao longe, as montanhas encostavam-se ao céu pálido, serenas e remotas, como uma cidade celestial.

Por volta do meio-dia, a manta de retalhos aproximou-se dele pelo lado esquerdo e disse-lhe que teria de fazer o resto do caminho de olhos vendados. Puseram-lhe um capuz de tecido preto em volta da cabeça, bem apertado no pescoço. Respirando com dificuldade através da textura húmida do capuz, Stone concentrou-se em manter-se sobre a sela enquanto o seu cavalo era conduzido por uma encosta muito inclinada, através de uma flora densa, os rebentos aromáticos dos pinheiros batendo-lhe nas pernas, no peito e na cabeça tapada, por vezes atravessando neve com grande altura, por vezes pisando rocha. Atravessaram um rio rápido, a corrente a empurrar com força o flanco do cavalo de Stone, que caminhava titubeantemente e virava a cabeça; Stone agarrou-se-lhe ferozmente à crina enquanto a água gelada lhe entrava nas botas. Um dos jovens guerrilheiros disse qualquer coisa que Stone não percebeu bem, outros dois riram e foi este todo o barulho feito até ao fim da viagem. Stone admirava e temia esta disciplina.

Finalmente, com os cascos dos cavalos a pisarem solidamente a neve acumulada, o chefe disse lá de trás que Stone podia tirar o capuz. Este tirou-o e inspirou profundamente o ar fresco, enquanto olhava em redor. O suor arrefecia-lhe no rosto. O rapaz que fora a dirigir o seu cavalo passou-lhe as rédeas. Ia a meio da fila de cavaleiros. De um dos lados do caminho havia um muro de arenito vermelho, do outro, uma descida íngreme para um desfiladeiro onde os topos dos arbustos sem folhas pareciam aranhas meio enterradas na neve imaculada. O caminho descreveu então uma curva acentuada e revelou a larga face de um penhasco, onde um amontoado de velhíssimas casinhas de adobe, quadradas e de telhados planos, se

encostavam em grupos instáveis de três ou quatro. Por cima destas toscas cabanas com telhados tapados de neve, uma longa plataforma, coberta por uma enorme saliência, recortava-se nitidamente na face do penhasco. Nos extremos, encontravam-se pessoas esfarrapadas; atrás deles, as casas espalhavam-se sob o tecto de rocha como ninhos de andorinhas.

Os guerrilheiros que seguiam diante de Stone gritaram e esporearam os cavalos, mantendo-se de pé nos estribos enquanto as montadas seguiam a meio galope pelo estreito caminho. Stone e os seus captores seguiram em fila indiana, rodeando um conjunto de casas de adobe, até ao abrigo da plataforma. Seguindo as ordens dos captores, Stone desceu da sela e continuou a segurar as rédeas do cavalo, os pés a latejar com incipientes pedaços de gelo dentro das botas ensopadas e o frio expelindo-lhe fumo das roupas. Uma pequena multidão de homens, mulheres e crianças aproximou-se dele, separando-se em dois grupos para deixar que duas pessoas avançassem.

Uma delas era uma velha, embrulhada em várias camadas de farapos, o rosto horrivelmente cicatrizado, uma tira de tecido atada por cima das órbitas sem olhos. Levava ao ombro um corvo amestrado, que inclinava a cabeça de um lado para o outro. Acompanhava-a um homem alto, com um penetrante olhar azul, cabelos pretos, compridos e uma atitude naturalmente majestosa. Soube imediatamente que era este o homem que ele e Tom tinham vindo para matar: o líder dos guerrilheiros, Jack Walker.

Stone teve dificuldade em descrever o impacto que a presença de Jack Walker lhe causava.

— Alguma vez conhecestes alguém com verdadeiro carisma? — perguntou à Linda.

— Encontrei uma vez o presidente Davis, na cerimónia em que o meu pai recebeu a Estrela dos Serviços Secretos. Estávamos sentados numa salinha, com um pódio diante de nós, aguardando com uma série de outros galardoados e as suas famílias e, quando o presidente entrou, todos se puseram de pé e começaram a aplaudir. Sentia-se a excitação no ar. Era como se tivessem acendido as luzes. Depois, o presidente andou pela sala. Trocou algumas palavras com o meu pai, e este apresentou-me. Tinha uma maneira de agarrar o pulso em vez da mão e ficar ali, olhando-nos directamente nos olhos enquanto falava connosco. Durante os segundos em que nos fazia sentir assim, no que lhe dizia respeito, éramos nós a única pessoa no mundo — disse Linda, sorrindo por causa da recordação.

— Com este tipo, o Jack Walker, também era assim. Não passava de um miúdo, mas era um líder natural. Retinha a atenção.

— A única vez que vi o meu pai corar, foi quando o presidente lhe deu a medalha.

— Ele apreciou imenso isso, não foi?

— Você não apreciaria?

— Recebi, pela mesma altura, a medalha por Serviços Excepcionais. Atribuem-na por ferimentos ou morte em resultado de serviço numa área de risco. Alguns tipos de patente intermédia deram com a língua nos dentes enquanto eu estava no hospital. Acho que é a diferença entre ser salvo e ser o salvador.

Linda olhou-o de relance.

— Acredito que é um cínico, Sr. Stone.

Encontravam-se agora a quatro horas de distância de Nova Iorque. Haviam circundado Albany e prosseguiam para norte. Stone levava o telemóvel no colo. De dez em dez minutos, verificava o sinal. Voltou a verificá-lo e disse:

— Precisamos de parar um momento.

Linda olhou-o.

— Vês aquele caminho de incêndio? Pára ali.

Não havia mais trânsito na estrada, mas Linda olhou pelo retrovisor e ligou os intermitentes antes de parar. Quando Stone sacou da Colt. 45 e a mandou descer um pouco mais pela estrada de incêndio, ela cerrou os maxilares.

— Não me parece.

— É uma precaução necessária, Linda. Não te vai acontecer nada, juro. Conduz como uma menina bonita e obediente até àquelas árvores. Parece tudo bastante seco, não terás problemas.

— E se não o fizer?

— Nesse caso, acho que é aqui que saís de cena.

Linda endireitou os ombros, soltou o travão de emergência e colocou o selector em Conduzir. O grande carro abanou como um barco ao longo da superfície ondulada da estrada sem asfalto, sob o dossel denso dos pinheiros. Um quilómetro depois, Stone disse a Linda para parar numa zona de estacionamento ao lado da estrada, mandando-a pegar na sua pistola pelo cano e atirá-la pela janela.

— Muito bem — disse, depois de ela deitar fora a Beretta. — Agora quero que tires todas as jóias. Esse relógio, tem valor sentimental?

— A minha mãe ofereceu-mo quando acabei o curso na Universidade de Nova Iorque.

— Tira-o e guarda-o no porta-luvas. Põe lá também o teu telemóvel. Não acredito que alguém encontre o carro antes do nosso perseguidor.

— O nosso perseguidor? Não acha que está a ser um bocadinho paranóico, Sr. Stone?

— Tenho estado a perguntar-me se terá sido ideia do David Welch trazer um carro da Companhia. Tem um rádio da polícia, fomos seguidos pelo mesmo modelo de *Dodge* ontem à noite...

Linda Waverly fixou-o nos olhos.

— Pedi-o emprestado.

— Aposto que sim.

Stone apontou com a pistola.

— Tira o relógio, as jóias, o telemóvel. Podes ficar com a carta de condução e o bilhete de identidade.

Depois de Linda fazer tudo o que ele mandara, Stone tirou as chaves da ignição e saiu do carro, mandando-a sair também. Abriu o porta-bagagem, atirou as chaves para o meio da vegetação, voltou a verificar o telemóvel e lançou-o para junto das chaves.

— Tira a mochila do porta-bagagens — disse para Linda. — Vamos fazer um bocadinho de alpinismo.

Sempre com a pistola apontada, conduziu Linda para fora da estrada, encontrando um caminho estreito que cortava espessos amontoados de fetos. O caminho começava a descer e os fetos davam lugar a uma carpete de agulhas velhas, espalhadas entre os pinheiros. Um pássaro cantou algures, nas sombras do pinhal.

— Não vejo como é que isto vai ajudar o meu pai — disse Linda momentos depois. — Vão passar tudo a pente fino quando perceberem que desaparecemos e levar-nos de volta a Nova Iorque.

— Ou estiveram a controlar os nossos telemóveis, ou instalaram um *transponder* no carro. Em qualquer caso, a recepção aqui é bastante irregular. Perdi o sinal do meu telemóvel um quilómetro e meio antes de sairmos da estrada e ainda não voltara quando parámos. Se tivermos sorte, o sinal do que quer que tenham instalado no carro terá o mesmo problema. Provavelmente, os nossos amigos vão andar de mais e depois terão de voltar para trás. Quando encontrarem o carro, já estaremos longe.

— E tornamo-nos fugitivos. Como é que isto vai ajudar o meu pai?

— Poderemos falar à vontade com ele quando o encontrarmos. Poderemos descobrir como fazê-lo entregar-se segundo as suas próprias condições. Até poderemos descobrir como é que ele se meteu nesta trapalhada, para começar. Entretanto, as coisas serão muito mais fáceis se não as tornares pessoais.

— Está a tornar-se difícil.

Atravessaram o pesado silêncio dos bosques até ao extremo de uma encosta inclinada que descia até um riacho, correndo entre pedras musgosas

e fetos. Stone disse a Linda para pousar a mochila e virar-se devagarinho, como uma boa menina.

Linda assim fez, de expressão fechada. Usava blusão e calças pretas, de diferentes tons de preto, uma camisa branca, sapatos pretos de saltos rasos. O cabelo, solto em torno dos ombros, era tão vivo como sangue acabado de derramar nas sombras verdes sob as árvores.

— Seja o que for que queira fazer, vamos lá despachar isso.

— Quero que tires a roupa.

— Deve estar a brincar.

Stone ergueu a pistola.

— Tira tudo. Devagarinho, não vás ter uma surpresa escondida em qualquer lado.

— Está bem, ganhou — disse Linda um momento depois. — Tenho um *transponder* no tacão do sapato esquerdo.

— Esse é o que queres que eu saiba.

— Juro que é o único.

— Se calhar, há mais qualquer coisa escondida nas tuas roupas. O Welch ou outra pessoa podem tê-lo colocado sem tu saberes. Se queres continuar, se queres falar com o teu pai, tenho de ter a certeza de que estás limpa.

— Lembro-me de si como um tipo simpático, mas não passa de um filho da puta, pois não?

Linda tirou o blusão e começou a desabotoar a camisa. Em roupa interior, olhou para Stone com os braços cruzados sobre o peito, pálida e maleável como um elfo dos bosques.

— Tens de tirar também a roupa interior.

— Dá-me um tiro, se não o fizer?

— Podia largar-te aqui, Linda, e deixar-te voltar sozinha até à estrada. Quando o pessoal do Welch te encontrasse, eu estaria a centenas de quilómetros. E nunca virias a saber por que razão o teu pai andava a matar aquelas mulheres, ou porque quer falar comigo.

— Pelo menos, aponte a pistola noutra direcção. Parecerá menos uma violação.

— Está bem.

— E não olhe. Juro que não lhe vou dar com uma pedra na cabeça.

Stone desviou o olhar, mas tinha consciência de Linda a dobrar-se e a endireitar-se pela visão periférica.

— Há roupa na mochila. Acho que não me enganei no tamanho, mas é aquele tipo de roupa que não precisa de assentar bem.

Ela vestiu calças de ganga e uma camisa de quadrados vermelhos, segurando as calças com um cinto de couro castanho. Sentou-se numa rocha para calçar as botas de montanha.

— São um bocadinho grandes — disse.

— Há mais um par de meias.

Calçou as meias, atou os atacadores das botas e pôs-se de pé.

— Posso ter um *transponder* algures no meu corpo. Debaixo da pele, ou no estômago. Ou na vagina. Pensou nisso, Sr. Stone? Não quer verificar?

Stone sabia que, agora que tudo estava terminado, ela tinha o direito de se mostrar zangada.

— Posso viver com esse risco. Pega nas tuas roupas. Vamos levá-las para o ribeiro.

Fez Linda mergulhar o blusão, as calças, a blusa e a roupa interior na água límpida do riacho. As roupas espalharam-se enquanto se afundavam. Abriu o tacão do sapato esquerdo, batendo-o numa pedra, extraiu o *transponder* do tamanho de um botão e colocou-o numa poça espumosa sob as raízes expostas de um vidoeiro, depois atirou para lá também os sapatos e o coldre de Linda.

— Isso não vai funcionar, Sr. Stone — disse Linda. — Ganhou algum tempo, mas se o pessoal da Companhia não o encontrar, encontram-no os do Ed Lar. E se os locais o encontrarem, não terá nenhum apoio. Não será capaz de proteger o meu pai deles.

— Acho que o teu pai me quer dizer qualquer coisa, Linda. Quero ouvi-lo, e quero que tu também ouças. Se calhar enlouqueceu e quer dizer-nos que o Homem da Lua o mandou fazer isto tudo, mas não me parece.

— Eu também quero falar com ele — disse Linda, depois de um momento. — Quero saber porque fez... aquilo que fez.

— Em breve descobriremos.

Stone orientou-se pelo Sol.

— Há uma vila a três quilómetros daqui, para nordeste. Dentro de algumas horas estará escuro, é melhor pormo-nos a caminho.

A vila estava aninhada num local onde uma estrada e uma via-férrea única atravessavam um rio, no fundo de um amplo vale. A alta chaminé de tijolo de um velho moinho expelia uma pluma de fumo branco para o céu azul. Um anúncio no telhado de um bar transmitia um brilho radioactivo ao ar a escurecer.

Linda Waverly reparou no anúncio.

— Foi aqui que o pai disse para se encontrarem?

— É onde vamos arranjar transporte — respondeu Stone, acrescentando que escolhesse entre um dos carros e carrinhas estacionados no parque sujo ao lado do bar.

Ela escolheu um *Chevy* verde com um autocolante no pára-choques que dizia *O trabalho é a maldição da classe bebedora* e com uma garrafa

vazia de *Wild Turkey* no banco de trás. Stone partiu a janela do lado do condutor com uma pedra, entrou e abriu a porta do passageiro. Enquanto Linda se sentava a seu lado, baixou o tapa-sol e um conjunto de chaves extra caiu-lhe na mão.

Stone conduziu lentamente para fora do parque de estacionamento, virou à esquerda e subiu a colina, passando por casas de tabuinhas e um cemitério de automóveis nos bosques, no extremo da vila. Um cão correu durante alguns metros atrás das luzes vermelhas do carro e depois ficou no meio da estrada a ladrar em tom de desafio, enquanto eles desapareciam do outro lado do cabeço.